Editora Bernoulli

LÍNGUA PORTUGUESA

Volume 04

Sumário - Língua Portuguesa

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 10 — FRENTE A

Conclusão de textos dissertativo-argumentativos

O PARÁGRAFO CONCLUSIVO

Desde que iniciamos nosso estudo sobre textos dissertativo-argumentativos, conhecemos uma série de técnicas e estratégias para planejar, iniciar e desenvolver, de modo coeso e coerente, textos dessa natureza. Neste módulo, aprenderemos algumas formas de finalizá-los.

Concluir um texto não é somente terminá-lo, mas sim estruturar um parágrafo com comentários ou afirmações que confirmem os aspectos desenvolvidos nos parágrafos anteriores. Pode-se, na conclusão, oferecer uma solução tendo em vista os argumentos apresentados ao longo do desenvolvimento do texto, deixar uma mensagem ou manifestar uma expectativa em relação ao assunto tratado. Importante é que essa conclusão seja coerente com o que foi desenvolvido. Esse não é o momento de suscitar questionamentos que não tenham sido esclarecidos nos parágrafos anteriores, por isso, devem-se evitar frases interrogativas, a não ser que se trate de perguntas retóricas, que tenham por objetivo confirmar as ideias apresentadas.

Você já estudou até aqui que todo texto é resultado de um planejamento, que se inicia com a leitura da proposta de redação (ou a partir de situação sociocomunicativa real) e que conduz todo o desenvolvimento da argumentação. A conclusão não deve ser excluída desse planejamento. Em outras palavras, quem se dispõe a escrever um texto já deve, antes de iniciá-lo, ter em mente a conclusão a que deseja conduzir o leitor.

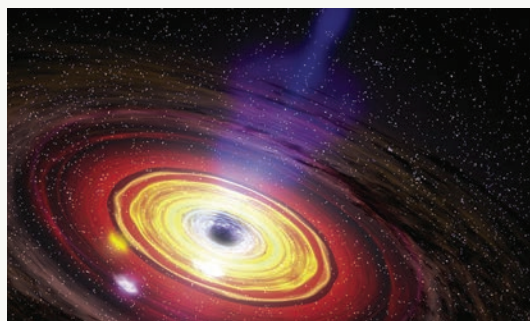
A seguir, conheceremos algumas formas de concluir um texto dissertativo-argumentativo.

TIPOS DE CONCLUSÃO

Síntese

Esse tipo de conclusão consiste em um sumário, uma retomada seletiva do que foi mencionado ao longo do texto. A conclusão síntese é comum em textos de caráter mais expositivo, técnico, em que o autor usa a indução para desenvolver seu texto. Expressões como *desse modo, assim, portanto, em síntese* podem ser usadas para introduzir conclusões desse tipo.

Leia o texto a seguir e observe como a conclusão é feita a partir de uma síntese das ideias apresentadas aplicada à questão exposta na introdução.

Nascimento e morte do universo

Phil Plait / Creative Commons

Os cosmólogos sentem-se hoje muito perto de poder responder à velha pergunta dos filósofos: de onde viemos, para onde vamos? Não é necessário ser um homem de ciência para ter ouvido falar do *Big Bang*, expressão que descreve o nascimento do Universo sob a forma de uma bola de fogo, há cerca de 15 bilhões de anos. Mas mesmo entre os estudiosos, são poucos os que sabem algo mais acerca dessa teoria.

A tese que liga o nascimento do Universo a seu fim deve muito à combinação de duas grandes conquistas da Física do século XX: a relatividade geral e a teoria dos *quanta*. Pesquisadores como Jayant Narlikar, da Índia, e Jim Hartle, da Califórnia, assim como diversos especialistas soviéticos, deram sua contribuição. Mas aquele cujo nome está mais estreitamente associado a essa descoberta é Stephen Hawking, da Universidade de Cambridge, no Reino Unido.

Hawking é, certamente, muito conhecido hoje como o autor de um *best-seller* sobre a natureza do tempo, mas também como vítima de uma doença que o confina a uma cadeira de rodas, podendo comunicar-se apenas com os movimentos de uma das mãos, da qual se serve para soletrar laboriosamente palavras e frases com a ajuda de um pequeno computador. Mas muito antes de ter atingido a celebridade, Hawking já havia sido reconhecido por seus pares como um dos mais originais e bem-dotados pensadores de sua geração. Durante 20 anos, seus trabalhos concentraram-se no estudo da singularidade – isto é, um ponto de matéria de densidade infinita e de volume nulo, como deve existir (segundo a teoria geral da relatividade) no coração dos buracos negros, ou tal como deve ter existido na origem do Universo.

O Universo pode ser descrito, na verdade, com as mesmas equações de um buraco negro. Um buraco negro é uma região do espaço na qual a matéria está de tal forma concentrada, e exerce uma força de atração gravitacional tão poderosa, que a própria luz não pode se afastar de sua superfície.

Os objetos exteriores podem nele se aglutinar, mas nada do que existe em um buraco negro pode ser diretamente percebido do exterior. Um buraco negro pode-se formar quando uma estrela um pouco mais maciça que nosso sol, chegando ao fim da vida, contrai-se sobre si mesma. As equações da relatividade geral mostram que toda estrela que se "colapsa" no interior de um buraco deve efetivamente se contrair até o estado final de uma singularidade.

Os estudiosos desconfiam das singularidades, e mais genericamente das equações contendo quantidades infinitas: eles tendem a considerá-las como um indício de que há alguma falha em seus cálculos. Mas, uma vez que a relatividade geral já havia demonstrado brilhantemente sua veracidade, tiveram que se resignar a aceitar a ideia das singularidades, das quais ela prediz a existência. É nesse ponto que Hawking coloca fogo nas cinzas: ele mostra que as equações em virtude das quais se prova que o colapso de uma estrela produz uma singularidade levam igualmente a pensar no nascimento do Universo a partir de uma singularidade.

Desse modo, os cosmólogos responderam à pergunta acerca de onde vem nosso Universo e para onde vai. Segundo eles, vivemos em um gigantesco buraco negro que encerra todo o cosmo. Surgido do nada como uma flutuação quântica do vazio, o Universo continuou sua expansão durante 15 bilhões de anos, mas em um ritmo sempre decrescente. Em um determinado momento de um futuro mais distante (dentro de várias dezenas de bilhões de anos, pelo menos), a força da atração da gravidade dará fim inevitavelmente a essa expansão e mudará seu sentido. Durante algumas dezenas de bilhões de anos, ainda, isso não terá praticamente nenhum efeito inquietante sobre as estrelas, os planetas e as formas de vida que nos rodeiam. Mas chegará um momento em que as galáxias se fundirão e as estrelas se chocarão entre si, aglutinando-se em uma massa amorfa; por fim, o Universo se extinguirá, para desaparecer no nada como qualquer outra flutuação do vazio. Aqueles a quem esse anúncio da natureza efêmera do Universo possa entristecer consolar-se-ão ao saber que também devem existir outros Universos no infinito do espaço-tempo, alguns anteriores a nós, outros posteriores e outros, ainda, em certo sentido, ao nosso lado. *Sic transit gloria mundi*. (Assim passa a glória do mundo).

GRIBBIN, John. Nascimento e morte do universo. *O correio da Unesco*, n. 7, jul. 1990. p. 36-37.

Como se observa, o texto inicia-se com uma questão acerca da origem e do destino do universo. Ao longo do desenvolvimento, o autor expõe informações sobre a evolução dos estudos da Física Moderna, particularmente os do físico Stephen Hawking sobre singularidades. Essas informações são essenciais para que se possa, sinteticamente, responder à questão inicial. Na conclusão, John Gribbin utiliza conceitos expostos no desenvolvimento do texto para responder à questão sobre a origem e o destino do universo, segundo as teorias atuais da Física Moderna.

Dedução

Nesse caso, deduz-se uma conclusão a partir das ideias expostas ao longo do texto. Esse tipo de conclusão é recorrente em textos de caráter mais argumentativo. Assim, é comum que a conclusão apenas reafirme a tese. Expressões como *pelo que foi visto, logo, de acordo com o que foi exposto, deduzindo* permitem ao leitor perceber a intenção do autor.

Leia o texto a seguir para conhecer um exemplo desse tipo de parágrafo conclusivo.

Arruda nada muda

SÃO PAULO – A prisão de José Roberto Arruda nada muda no quadro amplo da corrupção institucional.

Mais impactante do que sua prisão no cargo foi o fato de ele ter resistido tanto tempo no posto mesmo depois das imagens chocantes da podridão de seu governo.

Assistimos a um verdadeiro "Big Brother Brasil" da política, com dinheiro em envelopes pardos, meias, cuecas e até orações pelo maná da corrupção. Mas, mesmo assim, Arruda ficou, com o apoio da maioria de seus pares e cúmplices.

Assim como o *impeachment* de Collor no nascedouro deste ciclo político nada mudou na forma podre de se fazer política no país, a prisão temporária de Arruda, embora inédita, nada muda porque não há no eleitorado semialfabetizado e entre juízes, promotores e policiais força capaz de enfrentar a corrupção consensual e viral entre nossos políticos – a pior face do país.

As eleições seguem financiadas de forma criminosa pelo caixa dois, pecado original da política. E não há entre os grandes partidos ninguém que empunhe a vassoura contra a corrupção, tão óbvia e popular.

Enquanto a economia avança e puxa o Brasil, depois do libertário consenso fechado por Lula em torno do capitalismo, a política segura nosso potencial como uma bola de ferro em nossos pés. É o outro forte consenso, este sufocante, fechado por Lula e seus mensaleiros.

A Itália mandou para o lixo o sistema político do pós-guerra com a Operação Mãos Limpas, força-tarefa de magistrados contra a corrupção desembestada. Apesar de erros processuais, que impediram punições mais duras, os italianos ao menos tentaram, deram limites à impunidade e aos políticos.

No Brasil, não se vê agente capaz de realizar feito similar, até porque as altas instâncias judiciais e policiais são manietadas pela classe política, sem falar de falhas graves nas investigações e nos processos.

Por isso, não se anime muito com a prisão de Arruda. Infelizmente, ela não muda nada no sistema.

MALBERGIER, Sérgio. Arruda nada muda. *Folha de S. Paulo*. 14 fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1402201003.htm>. Acesso em: 31 mar. 2011.

Nesse texto, defende-se a tese de que a prisão de José Roberto Arruda não é um indicativo de que haverá menos corrupção no Brasil. Como se observa, após argumentar, expondo diversas impressões sobre o cenário político brasileiro, sobre o corporativismo e a falta de medidas punitivas, o autor reafirma sua tese e, dela, deduz que o leitor não deve se animar com a prisão do ex-governador do Distrito Federal.

Relação de causa e consequência

Nesse tipo de conclusão, reforça-se uma causa ou consequência relacionada com o que foi exposto ao longo do texto. As expressões que evidenciam a relação pretendida podem ser uma das listadas a seguir: *visto que, uma vez que, de sorte que, como resultado, em decorrência (de), consequentemente,* etc.

Leia o texto a seguir em que esse tipo de conclusão é utilizado.

Pobre Brasília

BRASÍLIA **–** Quando as gravações de Arruda com a sacola de dinheiro foram ao ar, Lula reagiu dizendo que "imagens não falam por si".

Quando Arruda foi preso, Lula disse a auxiliares que "não era bom para o país nem para a política".

Com a opinião pública comemorando tanto o Carnaval quanto a prisão do governador, Lula deu uma das suas guinadas estonteantes e seguiu o rumo do Judiciário e do próprio Supremo, declarando o oposto: as imagens que antes não falavam por si passaram a ser chocantes. "Fiquei chocado quando apareceu aquele filme [...]"

Afinal, o que pretende Lula com sua imensa popularidade?

A pergunta de 1,7 milhão de eleitores do DF, porém, é mais objetiva: em quem votar para o governo em outubro? Não sobra ninguém.

Em 20 anos de eleições, o DF teve apenas três governadores: Roriz, Cristovam e Arruda. Roriz teve três mandatos (fora um por nomeação) e depois renunciou ao Senado para não ser cassado por corrupção. Cristovam não se reelegeu. Arruda já tinha renunciado ao Senado, agora é a desgraça final.

O DF, assim, coleciona dois troféus de corrupção: o primeiro governador preso e o primeiro senador da República – Luiz Estêvão – cassado depois da ditadura.

Só nos faltava o vice-governador Paulo Octávio. Não falta mais. Ele faz malabarismos para se equilibrar como substituto de Arruda, mas, com tantas citações na operação Caixa de Pandora, o tombo é certo. Ninguém quer a intervenção, mas ela parece provável.

E em outubro? Cristovam não superou a derrota na reeleição e não vai se candidatar. O PT se contorce com Agnelo Queiroz, que viu os filmes de Arruda com a dinheirama e fingiu que não. As alternativas à esquerda não convencem.

Daí o terror: sem ter em quem votar, vem aí Roriz de novo? Ele é o suposto chefão da "organização criminosa" que tomou de assalto a capital. Ou seja: a origem de tudo.

CANTANHÊDE, Eliane. Pobre Brasília. *Folha de S. Paulo.* 14 fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1402201004.htm>. Acesso em: 31 mar. 2011.

Nesse artigo, a autora, após apresentar um breve histórico sobre os escândalos de corrupção envolvendo governadores do Distrito Federal, bem como evidenciar a inexistência de candidatos da oposição com chances reais de elegerem-se, aponta como consequência desse cenário uma possível reeleição de Joaquim Roriz. Percebe-se que há, nesse texto, a intenção de apresentar um ciclo de corrupção no governo do Distrito Federal e a conclusão reitera esse objetivo, ao evidenciar a possível reeleição de um candidato que já governou o DF três vezes e que esteve envolvido em escândalos de corrupção.

Manifestação de desejo (Frase optativa)

Com esse tipo de conclusão, fecha-se o texto deixando evidente, em vista de tudo quanto foi exposto, um desejo que pode reforçar um caminho ou apresentar uma proposta de solução, por exemplo.

Leia o texto a seguir em que esse tipo de conclusão é usado.

Falta rigor

Em casos de extrema periculosidade, cabe discutir mecanismos legislativos mais severos de controle e punição.

TODA VEZ que um crime especialmente chocante ganha destaque no noticiário, avivam-se as pressões por mais rigor na legislação penal – e cabe advertir quanto ao risco de uma excessiva emocionalização nesse tipo de debates.

Mas há riscos inversos, os da indiferença e da tecnicalidade, quando um caso como o do estupro e assassinato de seis meninos em Luziânia (GO) se impõe às atenções da opinião pública.

Ainda que se possa mencionar a existência de falhas específicas da Justiça nesse episódio – como a insuficiência das avaliações psicológicas a respeito da periculosidade do assassino –, não há como evitar a sensação de que a legislação brasileira vai pecando pelo excesso de brandura.

De um lado, convive-se com a tortura de presos comuns, com a superlotação de presídios, com cenas de absoluta barbárie no trato de simples suspeitos de algum delito sem maior periculosidade; de outro, dispositivos legais avançados e garantias teoricamente legítimas tendem a proteger indivíduos absolutamente inadaptados ao convívio social.

A estes, a chamada lei dos crimes hediondos pretendeu tratar com especial rigor. A partir de 1990, crimes como tortura, terrorismo, sequestro, estupro ou disseminação de veneno na água potável passaram a receber atenções especiais na legislação, sendo insuscetíveis, por exemplo, de indulto ou anistia.

A lei originalmente determinava que, nesses casos, não valeria o mecanismo da progressão da pena. Nos demais crimes, o condenado pode passar a um regime semiaberto depois de completar 1/6 de sua pena na prisão.

Ocorre que, em 2006, o Supremo Tribunal Federal considerou inconstitucional essa restrição: os condenados por crimes hediondos teriam os mesmos direitos que os demais.

Rapidamente, o Congresso adotou uma solução de meio-termo. Sem barrar por completo o sistema da progressão, aumentou para 2/5 da pena o prazo mínimo entre as grades para estupradores, traficantes, torturadores ou genocidas, elevando-o a 3/5 no caso, por si só assustador, de reincidência.

É pouco. Sabe-se, nas condições de congestionamento do sistema penal, o quanto pode haver de rotina automática numa avaliação psiquiátrica, aliás nem sempre requerida pelas autoridades, e de que modo são falhos os mecanismos de acompanhamento e vigilância do poder público no caso dos que desfrutam de um regime semiaberto.

Surge assim a possibilidade de um psicopata serial, condenado a 30 anos de prisão, estar nas ruas seis anos depois de condenado.

O uso das pulseiras eletrônicas, a adoção de padrões mais rigorosos e regulares na avaliação da periculosidade, e mesmo a rediscussão do instrumento da progressão da pena em alguns casos, impõem-se com urgência. Não por impulso emocional depois de crimes particularmente revoltantes como os de Luziânia, mas por uma questão de simples bom senso – e de justiça.

FOLHA DE S. PAULO. 18 abr. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1804201001.htm>. Acesso em: 31 mar. 2011.

O objetivo desse editorial é defender maior rigor da legislação que prevê as penas para crimes hediondos. Nesse texto, o assassinato de seis meninos em Luziânia serve como ponto de partida para a discussão e, embora se afirme que o editorial não deseja guiar-se pela emoção causada por esse episódio, o crime é o principal argumento que sustenta a tese defendida. Após apresentar um histórico sobre as mudanças na legislação penal, o editorial sugere alternativas que ajudariam a Justiça a tornar as punições mais severas e a fiscalização mais eficaz.

Nesse tipo de conclusão, é preciso estar atento para a necessidade de fugir de clichês e jargões. Trata-se, normalmente, do uso de expressões que apresentam sugestões vagas e que em nada elucidam o problema abordado. São exemplos de expressões desse tipo: *todos precisam se conscientizar, o governo deve tomar providências, o problema não será resolvido enquanto não houver a participação de todos,* etc.

Citação direta, parafraseada ou parodiada

Para concluir o texto com essa estratégia, utiliza-se uma citação para estabelecer relação com a linha argumentativa e para reforçar o ponto de vista defendido. Leia o texto a seguir, o qual se encerra com uma citação.

A indefinibilidade da Arte ou
A Arte sempre passa a perna

Ferreira Gullar, conhecido poeta maranhense, em seu também famoso poema "Traduzir-se", pergunta-nos se: "traduzir uma parte na outra parte [...] será arte?". Pressupomos que ele, enquanto artista, soubesse a resposta, no entanto, em seus versos, ele repassa ao seu leitor essa indagação que, há milênios, jamais conseguiu ser respondida. Muitos foram os que se incumbiram da responsabilidade de definir o que é Arte, nenhum deles, entretanto, logrou um sucesso absoluto diante dessa empresa.

Com certeza, a Arte não é tão somente substantivo feminino. À procura de uma resposta plausível para sua existência e função, vários pensadores como Platão, Aristóteles, Vico, Freud, Marx e muitos artistas como Hoelderlin, Shelley, Fernando Pessoa, em diferentes épocas e lugares, dedicaram seu tempo e inteligência a essa investigação infindável.

Mesmo empenhados nessa empreitada, não conseguiram chegar a definições irrefutáveis: não há uma postura que seja consensual. Todas as tentativas, de alguma forma, mostraram-se lacunares, imprecisas e representaram mais um reflexo dos pensamentos preponderantes em uma determinada época ou uma refutação deles do que necessariamente uma definição que solucionasse esse problema estético.

Enquanto para Platão a reminiscência se apresenta como processo criador da Arte, a qual deve ter uma finalidade didática e é inferior até mesmo ao artesanato por ser apenas uma imitação de segundo grau do Mundo Ideal; para Aristóteles, autor da *Poética*, a Arte tem um poder criador de formas e uma finalidade catártica. Vale lembrar que Aristóteles estudou na Academia de Platão e chegou a ser seu discípulo. Se entre filósofos tão próximos entre si há uma divergência de ideias sobre a Arte, entre outros estudiosos do assunto os desacordos só se intensificam.

Na concepção cristã, a Arte é uma imitação da atividade divina, como bem afiança Santo Agostinho. Vico concebe a Arte como expressão, negando o conceito da Arte enquanto *mimesis*. Na visão kantiana, ela é fruto do sentimento e expressa o universal no particular. Já Marx, em seu Materialismo Histórico, a vê como parte da superestrutura, determinada pelas forças e meios de produção, ou seja, simples reflexo da infraestrutura. Numa visão psicanalítica, Freud afirma ser a Arte a sublimação do instinto sexual. E vários são os que, influenciados por ideias de Benedetto Croce, acreditam ser a Arte autônoma. Não subjugada à filosofia ou à moral, ela seria produto da impressão dos artistas.

Seja como uma técnica ou como uma manifestação de ordem estética, a Arte acompanha a sociedade humana e se modifica tanto quanto os conceitos que a perseguem. Firmar uma definição sobre ela e impô-la como verdade absoluta a depreciaria e faria com que ela se quedasse estanque sem acompanhar a sua própria dinamicidade. O caráter mágico das pinturas rupestres, didático dos templos greco-romanos, catártico das tragédias de Sófocles, religioso das esculturas de Aleijadinho, sublimador de pulsões sexuais dos quadros de Jheronymus Bosch, expressivo do abstratismo de Pollock ratificam ao mesmo tempo em que contestam várias das concepções aqui elencadas.

O que é inegável é que o problema estético quanto mais é investigado mais suscita indagações. Uma delas é justamente sobre a real importância de resolvê-lo. O homem se reinventa e reinventa a própria Arte que elabora. Por mais que se vá a seu encalço, ela nos escapa e não se deixa sintetizar, mostrando-se tão rica e plural quanto aquele que a concebe. Dessa forma, **como disse Fernando Pessoa: "A busca é sempre vã"**. Mas, apesar de vã, essa busca se faz tão interessante e produtiva para o desenvolvimento do homem quanto à própria Arte.

VASCONCELLOS, Nívia. Disponível em: <http://www.gostodeler.com.br/materia/12054/a_indefinibilidade_da_arte_ou_a_arte_sempre_passa_a_perna.html>. Acesso em: 13 dez. 2010.

Nesse texto, a autora trata da dificuldade de se definir a arte. Ao longo do texto, que se inicia fazendo referência a uma pergunta sobre o tema deixada por Ferreira Gullar em um de seus poemas, a autora apresenta diversas tentativas de definição. Cita filósofos, pensadores, artistas e evidencia o modo como cada um delimita a arte, para conduzir o leitor à ideia de que o conceito não é único, mas varia com o tempo, o lugar, as convicções.

Para concluir o texto, a autora faz uma citação de Fernando Pessoa – "a busca é sempre vã" –, e reforça a ideia com a qual ela inicia o parágrafo conclusivo: "O que é inegável é que o problema estético quanto mais é investigado mais suscita indagações. Uma delas é justamente sobre a real importância de resolvê-lo." A ideia contida nesse trecho e na citação de Pessoa, a qual poderia sugerir que as reflexões de todos os pensadores citados foram inúteis, tem, ainda, seu sentido relativizado/ampliado, no último período do parágrafo. Isso fica evidente tanto nas conjunções usadas para introduzir esse período – uma conclusiva e uma concessiva –, quanto na afirmativa segundo a qual a reflexão estética é tão enriquecedora para a humanidade quanto a própria arte.

Perguntas retóricas

Nesse tipo de conclusão, o texto se encerra com uma pergunta retórica, ou seja, uma pergunta cuja finalidade não é obter uma resposta, e sim insinuar uma ideia já conhecida pelos interlocutores. Perguntas retóricas normalmente servem para auxiliar na construção e / ou reafirmação da argumentação apresentada.

Leia a seguir um exemplo de texto concluído com essa estratégia.

Mudança sem a estrutura necessária

A aprovação da legislação federal que tornou obrigatório o ingresso aos seis anos no ensino fundamental e a ampliação de sua duração, passando de oito para nove anos, teve como justificativa aumentar oportunidades educacionais da maioria da população infantil e, com isso, garantir melhoras na aprendizagem. Mas não é isso o que temos observado.

Os sistemas municipais e estaduais de educação parecem ter ampliado em um ano a sua oferta sem garantir o que está preconizado em documentos de orientação do MEC e em normas do CNE. Assim, observamos que as escolas não foram reestruturadas, professores não foram devidamente orientados e os projetos pedagógicos não sofreram as reformulações necessárias para atender ao novo público que chega ao ensino fundamental: crianças de seis anos, cujas necessidades de aprendizagem e desenvolvimento são bastante peculiares.

O que temos constatado são professores sem saber como proceder, já que, em tese, não devem mais atuar como atuavam com as antigas primeiras séries, mas tampouco têm condições de atender à demanda pelo brincar expressa pelas crianças. Além disso, esses professores continuam sendo cobrados por resultados em avaliações ao final do primeiro ano do ensino fundamental.

As crianças, por sua vez, forçadas a permanecer sentadas escrevendo ou fazendo exercícios de Matemática – ainda que sem compreender o que parecem só reproduzir mecanicamente –, resistem. Resistem e brincam. Com esse comportamento, entretanto, provocam reações de professores que, em geral, são de contrariedade, já que não receberam formação para compreender por que brincar é tão importante para essa faixa etária.

Os sistemas nem sequer conseguem definir a idade de corte adequada para matrícula.

Exemplo disso é a rede estadual paulista e as confusões que tem promovido. A prosseguirmos assim, continuaremos com aumento nos índices de reprovação e com a aberração dessa ocorrência entre crianças ainda tão novas, ou, pior, seguiremos com um modelo de escola que, mesmo quando não reprova, não consegue garantir o direito à ampliação de conhecimento.

Mudanças formais na lei não garantem melhora do ensino, e o que temos constatado é que essas mudanças têm sido efetuadas de maneira imprudente.

Então, resta a pergunta: **quem responderá pelos resultados de tantas mudanças impostas de forma desarticulada e sem a estrutura necessária?**

CORREA, Bianca. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1404201021.htm>. Acesso em: 13 fev. 2010.

Nesse texto, desde o primeiro parágrafo, a autora questiona a legislação federal que ampliou a duração do ensino fundamental para nove anos. Ao longo da argumentação, a autora afirma que a aprovação da lei não foi acompanhada de medidas que viabilizassem alcançar o objetivo do governo federal de aumentar as oportunidades educacionais para a população infantil. Ao contrário disso, gerou desconforto tanto para as crianças, que não têm suas necessidades de aprendizagem e desenvolvimento satisfeitas, quanto para os professores, que, mal-formados e pressionados por avaliações de desempenho, contrariam-se com as crianças e com as condições de trabalho. A autora ainda evidencia uma consequência grave da má implantação dessa lei: o aumento nos índices de reprovação nas séries iniciais do ensino fundamental. No penúltimo parágrafo, há a reafirmação da tese de que apenas a mudança na legislação não é suficiente para melhorar a educação no país.

Acompanhando o raciocínio desenvolvido no texto, é possível perceber que a pergunta com a qual ele foi finalizado já havia sido respondida ao longo do desenvolvimento da argumentação apresentada. Ou seja, as crianças, os professores e o sistema de educação pública – cuja qualidade tende a piorar – assumirão o ônus das mudanças impostas pela legislação aprovada pelo governo federal. Percebe-se, assim, que a pergunta utilizada é apenas retórica: não precisa ser respondida pelo leitor, uma vez que sua resposta está no texto e reafirma a argumentação apresentada pela autora.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (Ibmec–2010) Cresce, cada vez mais, a competitividade entre as organizações, exigindo, assim, estratégias mais e mais agressivas para a sua sobrevivência no mercado. Uma vertente a ser considerada é relativa à gestão ambiental, à qual cada vez mais empresas estão aderindo para externar à sociedade sua preocupação com o desenvolvimento sustentável e, ao mesmo tempo, buscar a manutenção de suas fontes de recursos naturais. Diante dessa realidade, torna-se imprescindível a busca por uma economia sustentável, com o objetivo de manter os recursos para futuras gerações.

REDIJA um texto dissertativo sobre essa questão, posicionando-se criticamente e apontando para possíveis soluções / sugestões.

02. (Unimontes-MG–2010)

Arte como segunda língua

Os humanos, em geral, possuem uma língua primeira, que é verbal, adquirida no lar e socialmente. Mas para alguns essa língua verbal não basta. Desenvolvem um segundo modo de expressão, que poderíamos chamar de língua segunda. Exprimem-se, por exemplo, através da arte concebida como linguagem. Enquanto linguagem, a arte é um sistema expressivo, tem seus códigos e parte de um emissor para um receptor. Às vezes, essa segunda língua se manifesta aos dois ou três anos, como em Mozart. Há casos ao contrário: depois dos 17 anos Rimbaud já abria mão da poesia como sua segunda língua e desaparecia no deserto dedicando-se ao contrabando não de palavras, mas de drogas.

Mas não é só a arte que se institui como uma língua segunda. Pessoas se exprimem, elaboram sua personalidade e suas pulsões, se comunicam através de atividades que são também formas expressivas de linguagem, sem serem formas verbais e artísticas. Um jogador de futebol, por exemplo, encontra na sua relação com a bola o seu meio de expressão. Assim Pelé começou onde Rimbaud desistiu. [...] E isso pode ser aplicado a qualquer ramo de atividade. Pode-se dizer que um cirurgião é um verdadeiro artista, significando que através da medicina ele se exprime como poucos. O mesmo para um jardineiro, um fotógrafo, um dentista, um cozinheiro, seja ele *chef* ou simplesmente alguém que cozinhe eximiamente para seus parentes e amigos. [...] Já encontrei até motoristas para os quais dirigir é sua segunda natureza, tão ciosos de sua competência que se acham verdadeiros virtuoses do volante, como um Ayrton Senna realizando obras-primas nas pistas de Fórmula 1.

[...] E há casos de pessoas geniais que se exprimem através de várias linguagens, são superdotadas, poliglotas culturais, como os renascentistas Da Vinci e Michelangelo, magistrais em diversas artes e ofícios. [...] o próprio de qualquer ser vivo é exprimir-se, relacionar-se, emitir mensagens, receber outras.

Affonso Romano de Sant`anna

Em um texto dissertativo, **EXPLICITE** o(s) motivo(s) da necessidade vital que os seres humanos têm de expressar-se através da linguagem verbal, e de outras formas de linguagem como a arte, em suas mais diversas manifestações.

03. (Mackenzie-SP–2011) **REDIJA** um texto dissertativo-argumentativo a tinta, desenvolvendo um tema comum aos textos abaixo.

Texto I

Há, nas sociedades contemporâneas em geral, um abandono das formas de boa convivência. É como se a gentileza tivesse sido banida dos arranjos sociais. Basta observar as pessoas no trânsito: é uma guerra constante entre motoristas, pedestres, autoridades fiscalizadoras. Nas trocas comerciais, é semelhante: quando é que somos bem tratados? E em repartições públicas? Parece que toda vez temos que implorar por bom atendimento. Isso é um reflexo da perda de algo fundamental para o bom andamento de uma sociedade: a necessidade da gentileza, do cuidado e da atenção com o outro.

Tiago Boldariniy

Texto II

Texto verbo-visual do artista Profeta Gentileza (1917-1996)

Texto III

O que é ser Gentil pra você? Qual a importância da gentileza na sociedade? A gentileza ainda existe? Como?

Pergunta postada no *YahooBrasil-Respostas*.
Acesso em: set. 2010.

Creio que ser gentil é, primeiro, reconhecer que o outro existe e importar-se com ele ou ela, depois buscar compreender esse outro, e fazê-lo (fazê-la) sentir-se bem. Acho que a gentileza continua a existir, moro no interior de SP, e presencio gentileza todos os dias. Mas parece que quanto mais acelerado o ritmo da vida, e quanto mais acirrada a competição do ambiente, menos espaço há para a gentileza.

Para saber se ainda existe gentileza, entre no Metrô de São Paulo entre 6 e 7 da manhã ou entre 18 e 20 horas da noite. Você vai ver a gentileza sendo colocada em prática!

Acho que gentileza existe somente entre os que se conhecem ou têm alguma afinidade! Mas gentileza mesmo acredito que não existe mais. Se existe, eu não vejo muito não.

Respostas postadas no *YahooBrasil-Respostas*.
Acesso em: set. 2010.

04. (Mackenzie-SP–2010) **REDIJA** uma dissertação a tinta, desenvolvendo um tema comum aos textos a seguir.

Texto I

Não adianta negar: fofocar é, sim, prazeroso e, vamos combinar, um esporte que todo mundo pratica. Levantamento realizado pela Universidade de Oxford, na Inglaterra, indica a predileção pelo assunto: a futrica está presente em pelo menos 65% das conversas (considerando-se qualquer tipo de conversa). Falar da vida alheia é uma das formas mais comuns de tentar entender o comportamento humano, inclusive o próprio. Por isso, é natural que as histórias se espalhem.

Regina Terraz

Texto II

Não te abras com teu amigo / Que ele um outro amigo tem. / E o amigo do teu amigo / Possui amigos também...

QUINTANA, Mário. "Da discrição".

Texto III

Entre os adolescentes, uma prática que se torna comum, a cada dia, são os ataques virtuais, denominados de *cyberbullying*. É caracterizado pelo uso de ferramentas das modernas tecnologias de comunicação e de informação, principalmente através de celulares e da Internet. Fofocas, difamações, fotografias montadas e divulgadas em *sites* e no Orkut, seguidas de comentários racistas e sexistas, *e-mails* ameaçadores, uma verdadeira rede de intrigas, que envolve alunos e professores.

Disponível em: <http//:www.udemo.org.br>.

Texto IV

Caros leitores, a fofoca não tem compaixão. Ou melhor, os fofoqueiros não têm piedade. Eles têm é inveja. E ela não deixa espaço à razão, à compaixão pelo outro. A fofoca mobiliza forças irracionais, geralmente está acompanhada pela infelicidade, pela raiva ou angústia. Se eu não estou feliz, a culpa é do outro, pensa o fofoqueiro. Os indivíduos tomados pela fofoca ou inveja perturbam a vida e o trabalho dos colegas. Difamam, bisbilhotam outras pessoas. Paradoxalmente, têm medo da responsabilidade e da liberdade.

Luciana Andrade

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UFPA–2010)

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **01** a **05**.

Adolescentes, testosterona, espinhas e crimes

1 Estamos em guerra contra os adolescentes. Certo, na tranquilidade das famílias, podemos mimá-los carinhosamente, mas nossa solicitude social é feita de desconfiança, medo e repressão preventiva.

2 Nos Estados Unidos, é proibido comprar cigarros antes dos 18 anos e consumir álcool antes dos 21. Em certas comunidades vige um toque de recolher para adolescentes. Limita-se o direito há tempo concedido de dirigir aos 16 anos: só de dia, só indo para escola, não com outros adolescentes no carro, etc.

3 Fato mais preocupante e universal: a cada crime cometido por um menor, pede-se que o réu pague como gente grande. "Quem tem idade para roubar, matar e estuprar tem idade para cadeia. Acabou a moleza".

4 As regras se justificam no interesse do adolescente (é bom que não fume, não beba) ou no da sociedade. No entanto, proliferando, elas transmitem a sensação de uma urgência: precisa conter os adolescentes, sobretudo os meninos. Eles nos apavoram: de *Laranja mecânica a Kids,* flertamos com a perspectiva de bandos nômades penteando as ruas da cidade em arrastões permanentes.

5 Até hoje, eu pensava que estas imagens do adolescente-que-vai-te-pegar tivessem um fundamento real. Afinal, as estatísticas americanas diziam que houve um forte pique de criminalidade juvenil em 95 e 96, logo quando baixavam todos os outros índices de criminalidade.

6 Nessa época, aliás, uma eflorescência de artigos e relatórios coagulou o retrato apavorante do adolescente como "superpredador". A palavra pegou e, junto com ela, pegaram algumas ideias: 1) Estamos lidando com uma nova criminalidade juvenil insensível aos controles morais e sociais que parecem conter a criminalidade dos adultos; 2) O número de adolescentes está crescendo. Nos Estados Unidos, em 2010, haverá 17 milhões mais do que agora; 3) Como adolescente é igual a superpredador, se não agirmos logo e duro, entregaremos nossas cidades a hordas bárbaras. Esse silogismo se alimenta da ideia de uma equivalência natural entre adolescência e tendências criminosas: a testosterona produziria crime junto com as espinhas.

7 Portanto, nos debruçando sobre nenês e meninos de escola maternal, é bom perceber atrás de suas feições (traiçoeiramente) infantis o riso cínico e sádico do futuro carniceiro. Exagero? Apenas. Em 1996, o deputado Bill McCallum assim falava ao Comitê da Infância, Juventude e Família: "A legião de crianças que hoje tem 5 anos será os adolescentes de amanhã. É uma notícia terrível, pois a maior parte dos crimes violentos é cometida por adolescentes entre 15 e 19 anos". Juntem estes fatos demográficos e preparem-se para a geração que vem: os superpredadores.

8 Suspiro de alívio: as constatações e previsões (idiotas) de McCallum e outros dessa época são falsas e abusivas. É o que mostra Frank Zimring – criminalista da Universidade de Berkeley – em American Youth Violence (Oxford University Press). Descobre-se que, de fato, nos anos 90, a violência adolescente seguiu a tendência geral de baixa. Aumentaram os efeitos letais dessa violência, pela proliferação de armas de fogo entre adolescentes.

9 Também acontece que o adolescente é mais gregário do que o adulto. Portanto, mais adolescentes presos não significam mais crimes de adolescentes, pois em cada crime adolescente há em média 2 ou 3 réus. Os 17 milhões de adolescentes a mais em 2010 nos EUA na verdade são proporcionalmente menores do que a percentagem atual de adolescentes na população. E por aí vai.

10 Conclusão: a vinheta inquietante do superpredador não é um efeito da realidade social. *Laranja Mecânica* poderia ter nos colocado, aliás, uma pulga atrás da orelha. O filme de Kubrick é de 1971, bem antes da pretensa onda de criminalidade juvenil de 1975. E o livro de Burgess é de 1962, época tranqüila.

11 Mas de onde vem então o superpredador? Como acabamos acreditando nessa figura? Justamente Burgess (e Kubrick com ele) fascinava seu público propondo uma alternativa radical que está no íntimo de cada um de nós: de um lado, a extrema rebeldia do protagonista adolescente, do outro, a integração social apresentada como um condicionamento que nos desnatura.

12 A imagem do jovem predador que habita nossos pesadelos é filha dessa alternativa. Imaginamos o adolescente como o nômade rebelde que desistimos de ser. Atribuímos a ele um cinismo que expressa nosso próprio desdém pela convenção social que detestamos, mas acabamos respeitando.

13 Recentemente passamos a recear que os adolescentes rebeldes também nos espreitem nas esquinas, nos ameacem de morte e saqueiem nossos bens. Não é de estranhar, pois eles são os agentes (oníricos) de nosso desprezo a nós mesmos.

14 É uma equação: quanto mais uma geração se decepciona consigo mesma, tanto mais ela sonha com adolescentes que castiguem sua própria preguiça e seu comodismo. E tanto mais, naturalmente, ela quer reprimir e conter esses adolescentes vingadores.

15 Um dia destes, se a gente não acorda, os adolescentes reais vão acabar comprando o papel que sonhamos para eles. Aí o pesadelo vai começar mesmo.

CALLIGARIS, Contardo. *Folha de S. Paulo.* 08 abr. 1999 (Adaptação).

01. O trecho que tem a função de contra-argumentar a tese de que o adolescente é um superpredador é:

A) "Eles nos apavoram: de *Laranja mecânica* a *Kids*, flertamos com a perspectiva de bandos nômades penteando as ruas da cidade em arrastões permanentes." (4° Parágrafo).

B) "Afinal, as estatísticas americanas dizem que houve um forte pique de criminalidade juvenil em 95 e 96, logo quando baixavam todos os outros índices de criminalidade." (5° Parágrafo).

C) "Esse silogismo se alimenta da ideia de uma equivalência natural entre adolescência e tendências criminosas: a testosterona produziria crime junto com as espinhas." (6° Parágrafo).

D) "Também acontece que o adolescente é mais gregário do que o adulto. Portanto, mais adolescentes presos não significam mais crimes de adolescentes, pois em cada crime adolescente há em média 2 ou 3 réus. Os 17 milhões de adolescentes a mais em 2010 nos EUA na verdade são proporcionalmente menores do que a percentagem atual de adolescentes na população." (9° Parágrafo).

E) "Recentemente passamos a recear que os adolescentes rebeldes também nos espreitem nas esquinas, nos ameacem de morte e saqueiem nossos bens." (13° Parágrafo).

02. O autor, no final do texto, alerta:

"Um dia destes, se a gente não acorda, os adolescentes reais vão acabar comprando o papel que sonhamos para eles. Aí o pesadelo vai começar mesmo." (15° Parágrafo).

Isso significa que

A) os adolescentes são, de fato, superpredadores.

B) os adultos ignoram a seriedade que é possuir uma sociedade cada vez mais infestada de jovens superpredadores.

C) o pesadelo dos adultos, ao viverem em uma sociedade em que jovens se drogam, matam, estupram, já começou e tende a ficar muito pior, uma vez que está aumentando o número de crianças nascidas, e, naturalmente, de jovens crescidos.

D) existem os adolescentes reais e os adolescentes imaginários. Os reais são violentos, agressivos, perigosos; os imaginários são obedientes, dóceis.

E) os adultos correm o risco de os adolescentes "reais" quererem interpretar o papel de superpredadores a eles atribuído.

03. Tentando chegar a uma explicação para o fato de a imagem do jovem predador habitar os pesadelos dos adultos, o autor escreve:

A imagem do jovem predador que habita nossos pesadelos é filha dessa alternativa. Imaginamos o adolescente como o nômade rebelde que desistimos de ser. Atribuímos a ele um cinismo que expressa nosso próprio desdém pela convenção social que detestamos, mas acabamos respeitando.

Recentemente passamos a recear que os adolescentes rebeldes também nos espreitem nas esquinas, nos ameacem de morte e saqueiem nossos bens. Não é de estranhar, pois eles são os agentes (oníricos) de nosso desprezo a nós mesmos. (12° e 13° Parágrafo).

Sendo assim, para o autor, os adultos

I. se veem, no que de alguma maneira, se refere às convenções sociais, representados, de alguma maneira, no comportamento rebelde dos adolescentes.

II. querem mesmo é reprimir e conter os adolescentes, uma vez que estes significam tudo aquilo que desprezam no ser humano.

III. imaginam os adolescentes como nômades rebeldes que se afastam totalmente de seu ideal de ser humano.

IV. têm, no fundo, inveja da coragem, da irreverência e da liberdade dos adolescentes.

V. fazem parte de uma geração que não se autoadmira, por isso se autopune estimulando a rebeldia dos jovens.

Está(ão) **CORRETA**(**S**) a(s) afirmativa(s)

A) I, IV e V.
B) I, II, IV e V.
C) II e III.
D) I e IV.
E) V, somente.

04. Em relação ao significado dos vocábulos / expressões em destaque nos trechos a seguir, julgue as afirmativas propostas:

I. "Estamos em **guerra** contra os adolescentes." (1° Parágrafo). – O vocábulo "guerra", nesse contexto, significa conflito com arma de fogo.

II. "*Laranja mecânica* poderia ter nos colocado, aliás, **uma pulga atrás da orelha**."(10° Parágrafo). – A expressão destacada significa "ficar alerta".

III. "Imaginamos o adolescente **como** o nômade rebelde que desistimos de ser." (12° Parágrafo). – O vocábulo "como", nesse contexto, expressa comparação de ideias.

IV. "Não é de estranhar, pois eles são **os agentes (oníricos) de nosso desprezo a nós mesmos."** (13° Parágrafo). – A expressão destacada é uma metáfora de adolescentes.

Estão **CORRETAS** as afirmativas

A) I e II.
B) II e IV.
C) I, II e III.
D) I, III e IV.
E) II, III e IV.

05. Expressa-se o efeito de envolvimento do autor como o leitor, por meio de expressão própria da linguagem coloquial, no trecho:

A) "Nos Estados Unidos, é proibido comprar cigarros antes dos 18 anos e consumir álcool antes dos 21." (2° Parágrafo).

B) "No entanto, proliferando, elas transmitem a sensação de uma urgência: precisa conter os adolescentes, sobretudo os meninos." (4° Parágrafo).

C) "Estamos lidando com uma nova criminalidade juvenil insensível aos controles morais e sociais que parecem conter a criminalidade dos adultos." (6° Parágrafo).

D) "Recentemente passamos a recear que os adolescentes rebeldes também nos espreitem nas esquinas, nos ameacem de morte e saqueiem nossos bens." (13° Parágrafo).

E) "Um dia destes, se a gente não acorda, os adolescentes reais vão acabar comprando o papel que sonhamos para eles. Aí o pesadelo vai começar mesmo." (15° Parágrafo).

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2010) A gentileza é algo difícil de ser ensinado e vai muito além da palavra educação. Ela é difícil de ser encontrada, mas fácil de ser identificada, e acompanha pessoas generosas e desprendidas, que se interessam em contribuir para o bem do outro e da sociedade. É uma atitude desobrigada, que se manifesta nas situações cotidianas e das maneiras mais prosaicas.

SIMURRO, S. A. B. Ser gentil é ser saudável.
Disponível em: http://www.abqv.org.br.
Acesso em: 22 jun. 2006 (Adaptação).

No texto, menciona-se que a gentileza extrapola as regras de boa educação. A argumentação construída

A) apresenta fatos que estabelecem entre si relações de causa e de consequência.
B) descreve condições para a ocorrência de atitudes educadas.
C) indica a finalidade pela qual a gentileza pode ser praticada.
D) enumera fatos sucessivos em uma relação temporal.
E) mostra oposição e acrescenta ideias.

02. (Enem–2001)

Texto I

CAULOS. *Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro, 1978.

Texto II

Conter a destruição das florestas se tornou uma prioridade mundial, e não apenas um problema brasileiro. [...] Restam hoje, em todo o planeta, apenas 22% da cobertura florestal original. A Europa Ocidental perdeu 99,7% de suas florestas primárias; a Ásia, 94%; a África, 92%; a Oceania, 78%; a América do Norte, 66%; e a América do Sul, 54%. Cerca de 45% das florestas tropicais, que cobriam originalmente 14 milhões de km quadrados (1,4 bilhão de hectares), desapareceram nas últimas décadas. No caso da Amazônia Brasileira, o desmatamento da região, que até 1970 era de apenas 1%, saltou para quase 15% em 1999. Uma área do tamanho da França desmatada em apenas 30 anos. Chega.

ADÁRIO, Paulo. Coordenador da Campanha da Amazônia do Greenpeace.
Disponível em: <http://greenpeace.terra.com.br>.

Texto III

Embora os países do Hemisfério Norte possuam apenas um quinto da população do planeta, eles detêm quatro quintos dos rendimentos mundiais e consomem 70% da energia, 75% dos metais e 85% da produção de madeira mundial. [...]

Conta-se que Mahatma Gandhi, ao ser perguntado se, depois da independência, a Índia perseguiria o estilo de vida britânico, teria respondido: "[...] a Grã-Bretanha precisou de metade dos recursos do planeta para alcançar sua prosperidade; quantos planetas não seriam necessários para que um país como a Índia alcançasse o mesmo patamar?"

A sabedoria de Gandhi indicava que os modelos de desenvolvimento precisam mudar.

O planeta é um problema pessoal - Desenvolvimento sustentável. Disponível em: <http://www.wwf.org.br>.

Texto IV

De uma coisa temos certeza: a terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence à terra. Disso temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado.

O que fere a terra, fere também os filhos da terra. O homem não tece a teia da vida; é antes um de seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Trecho de uma das várias versões de carta atribuída ao chefe Seattle, da tribo Suquamish. A carta teria sido endereçada ao presidente norte-americano, Franklin Pierce, em 1854, a propósito de uma oferta de compra do território da tribo feita pelo governo dos Estados Unidos.

PINSKY, Jaime e outros (Org.). *História da América através de textos.* 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.

Texto V

Estou indignado com a frase do presidente dos Estados Unidos, George Bush.

"Somos os maiores poluidores do mundo, mas se for preciso poluiremos mais para evitar uma recessão na economia americana".

R. K., Ourinhos, SP. Carta enviada à seção Correio da Revista *Galileu*. Ano 10, junho de 2001.

Com base na leitura dos quadrinhos e dos textos, **REDIJA** um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema:

> Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em conflito?

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender o seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema discutido em seu texto. Suas propostas devem demonstrar respeito aos direitos humanos.

Observações:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narrativa.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.

GABARITO

Fixação

01. A proposta exige que o aluno se posicione criticamente em relação à necessidade de empresas adotarem políticas de gestão ambiental, a fim de manterem-se em um mercado cada vez mais competitivo e, ao mesmo tempo, garantirem a preservação de suas fontes de recursos naturais. Para desenvolver a argumentação, o aluno deve fundamentar-se, segundo orientação da proposta, na importância, hoje, do desenvolvimento sustentável, tendo em vista que todos já começam a sentir os efeitos da exploração e da degradação ambiental. Pode ressaltar, por exemplo, que adotar uma gestão ambiental é importante para tornar viáveis tanto a sobrevivência da humanidade no futuro quanto das empresas no mercado. Para problematizar a questão, é possível mencionar que muitas empresas, apesar de possuírem o rótulo de ambientalmente corretas, na verdade não têm quaisquer preocupações ambientais, não mantêm nenhum tipo de conduta com o intuito de preservar o meio ambiente. O que essas empresas pretendem é simplesmente ter um diferencial para se sobressaírem em um mercado competitivo, ou seja, alardeiam que mantêm uma gestão ambientalmente correta apenas como estratégia de *marketing*. Além desse posicionamento crítico, a proposta solicita que o texto do aluno mencione possíveis soluções / sugestões. Logo, após desenvolver seus argumentos, o aluno pode sugerir maneiras de solucionar os problemas que apontou. Pode pensar, por exemplo, em políticas públicas que de fato incentivem uma postura ambientalmente correta das empresas e que, principalmente, fiscalizem suas ações.

02. O texto-base dessa proposta afirma que o ser humano se expressa por meio da linguagem verbal ou de outras formas de linguagem. Nesse sentido, a proposta solicita que o aluno redija um texto dissertativo explicitando os motivos que levam o homem a expressar-se de diferentes formas, seja através da arte, da poesia, da música, do corpo ou de qualquer outra habilidade específica que ele possua. Nesse caso, é possível expor diversos motivos: a necessidade de contato com a realidade, a fuga da realidade, o visionarismo, um dom. Como sugestão, o aluno pode mencionar que o homem é um ser social, que vive em comunidade, e que, por isso, tem a necessidade de interagir com outros indivíduos. Como nem todos têm as mesmas habilidades, cada indivíduo se expressa do modo como lhe é mais fácil e conveniente, o que depende das características físicas e psicológicas de cada um. Da Vinci, Mozart, Rimbaud, Pelé, Ayrton Senna, por exemplo, expressaram suas naturezas por meio de diferentes linguagens; com isso, definiram-se na história. É importante, também, que se elabore um texto coeso e coerente.

03. A leitura dos textos da coletânea aponta o tema da gentileza como aquele a ser desenvolvido pelo aluno. O texto I ressalta que a falta de gentileza é característica evidente na sociedade contemporânea, fato que pode ser comprovado pelas situações apresentadas. O texto II é um apelo a uma mudança de postura – gentileza gera gentileza –, apontando para a necessidade de cultivá-la no dia a dia. O texto III, por sua vez, traz uma pergunta e algumas respostas, as quais traduzem diferentes pontos de vista acerca do tema.

    O texto a ser produzido deve explicitar o posicionamento do aluno acerca da existência ou não da gentileza na sociedade atual. No desenvolvimento do texto, é recomendável usar exemplos que fundamentem o ponto de vista defendido, reafirmando a importância da gentileza para a construção de uma boa convivência entre as pessoas.

04. O tema comum entre os textos-base dessa proposta é a fofoca. Neles, vê-se que, independentemente da faixa etária ou da classe social, a fofoca está presente na maioria das conversas, ora vista como um hábito inofensivo do ser humano, ora como algo prejudicial. Para desenvolver esse tema, o aluno pode abordar essas duas visões ou se posicionar em relação a uma delas.

    Pode-se dizer que a fofoca reflete uma curiosidade do ser humano em relação ao outro, haja vista o número de revistas e programas de TV especializados em detalhar a vida alheia. Ou, apoiado nos textos III e IV, o aluno pode tratar dos sentimentos negativos que envolvem a fofoca, como a inveja, e dos malefícios que ela traz, como as agressões virtuais de que trata o texto III.

Propostos

01. D 02. E 03. D 04. E 05. E

Seção Enem

01. E

02. A proposta de redação aborda o problema do conflito entre modernização e preservação ambiental. A pergunta que serve como base para o desenvolvimento do texto ("como conciliar interesses em conflito?") sugere que uma solução voltada para o equilíbrio ambiental pode ser apresentada no parágrafo final do texto. Apesar da ideia de "conciliação" da pergunta, vale notar que os textos motivadores ressaltam as consequências negativas de práticas como o desmatamento, o alto consumo de energia, os índices de poluição. Um olhar crítico às consequências negativas da modernização seria, portanto, interessante para a elaboração dos argumentos.

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 11 FRENTE A

Gêneros jornalísticos – artigo de opinião e editorial

Este módulo é dedicado ao estudo de textos jornalísticos e apresenta as principais características funcionais e linguísticas de alguns dos gêneros que são veiculados em jornais e revistas de grande circulação: o editorial e o artigo de opinião.

Diferentemente das notícias e reportagens, gêneros que têm como objetivo principal informar sobre um fato ou assunto, o artigo de opinião e o editorial são textos fundamentalmente argumentativos, ou seja, visam a defender uma opinião sobre o assunto que abordam e fazem isso de modo explícito. Ainda assim, os gêneros jornalísticos, em geral, possuem algumas características comuns, principalmente as que estão relacionadas à linguagem. Sendo assim, conheceremos as semelhanças que existem entre eles e que, sem dúvida, são determinadas pelo contexto em que esses gêneros se manifestam. Em seguida, estudaremos de forma detalhada as particularidades de cada um desses gêneros.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS

Os textos jornalísticos são, com frequência, expositivos, ou seja, apresentam os fatos e suas circunstâncias, acompanhados, conforme o gênero do texto, da análise de causas e efeitos, de forma aparentemente neutra ou não.

Em geral, recomenda-se que as informações e ideias sejam abordadas com clareza e objetividade, mas não se deve confundir essa característica com neutralidade, pois o jornalista revela seu posicionamento, ainda que não utilize verbos na 1ª pessoa. Na perspectiva do jornalismo moderno, o leitor exige o posicionamento de quem escreve, porque tem a consciência de que nenhum discurso pode, realmente, ser neutro. Ao se escrever um texto jornalístico, portanto, são considerados a proximidade e a relevância do fato, o impacto, as consequências, o interesse pessoal e / ou humano, a originalidade e / ou humor, a repercussão. Frequentemente, o texto fundamenta-se em três perspectivas: o quê (a informação), o porquê (a interpretação) e o juízo de valor (a opinião).

A redação jornalística segue a regra primordial de abordar o fato de forma simples, de modo a escrever para se fazer entender sem maior dificuldade. Por isso, evitam-se o vocabulário raro ou rebuscado, a adjetivação excessiva e a sintaxe de exceção.

Em geral, as normas de linguagem a serem observadas são as seguintes:

- Usar linguagem simples, acessível, inclusive, a pessoas com baixa escolaridade.
- Redigir frases preferencialmente na ordem direta: sujeito + verbo + complementos de natureza substantiva, adverbial ou determinantes de natureza adjetiva (predicativos).
- Preferir verbos na voz ativa.
- Utilizar palavras fáceis e de uso cotidiano.
- Explicitar siglas, sempre que elas forem utilizadas.
- Evitar adjetivação excessiva.
- Escrever de forma leve, concisa e agradável.
- Utilizar frases mais curtas, com dois ou três períodos.
- Evitar o superlativo (*importantíssimo*, *muito especial*, por exemplo).
- Evitar gírias. Não se preocupar em criar um estilo ou fazer falsa literatura.
- Preferir a coordenação à subordinação, evitando usar períodos longos e complexos, principalmente ao redigir uma notícia. No caso de um artigo de opinião ou de um editorial, são recomendáveis estruturas frasais mais complexas e vocabulário menos cotidiano, já que a argumentação evidencia complexidade do pensamento.

Editorial

O editorial é um tipo de texto que se caracteriza pela manifestação explícita da opinião de um órgão de imprensa sobre um fato importante no âmbito nacional ou internacional. De acordo com Sodré e Ferrari (1978, p. 122), no livro *Técnica de redação:* o texto nos meios de informação, o editorial apresenta "[...] um diagnóstico e uma 'receita' para uma questão em pauta. Há um certo dogmatismo em todo editorial que, em consequência, é marcado pela adjetivação, por juízos de ponderação, reclamação ou indignação [...]".

De natureza dissertativo-argumentativa, esse gênero textual apresenta normalmente a seguinte estrutura:

- **Introdução:** contextualiza a questão a ser analisada.
- **Desenvolvimento:** traz os argumentos que sustentam a análise; normalmente apresenta estratégias argumentativas, como exemplificações, comparações, depoimentos, exposição de dados estatísticos (argumento por comprovação), citações, alusões históricas, etc.
- **Conclusão:** apresenta, de forma concisa e direta, a posição do órgão de impressa (jornal, revista, etc.) a respeito da questão abordada, como decorrência da argumentação utilizada.

Outra característica do editorial é que ele sempre tem um título, que normalmente é informativo e antecipa ao leitor o assunto tratado.

Leia o seguinte editorial publicado na *Folha de S. Paulo* no dia 11 de março de 2010.

Lei Seca

Um motorista, que disse ter bebido "um pouco", invadiu na madrugada de segunda-feira a pista contrária da Rodovia Raposo Tavares. Dirigiu na contramão por mais de 20 quilômetros, até bater de frente com outro veículo, que pegou fogo. Um casal morreu carbonizado. No mesmo dia, outro cidadão embriagado atropelou um bebê em um parque de Carapicuíba.

Os dois acidentes, que aconteceram na Grande São Paulo, são exemplos de um problema que continua a apresentar contornos dramáticos na capital do estado. Quando se compara o último trimestre de 2008 e o mesmo período em 2009, os casos de lesão corporal ou homicídio culposo no trânsito aumentaram 4,5% em São Paulo. Isso apesar da entrada em vigor, em 2008, da chamada Lei Seca – que tornou bem mais rigorosa a restrição ao consumo de álcool por motoristas.

Já na cidade do Rio de Janeiro, o número de feridos, mutilados ou mortos em acidentes de trânsito caiu 26% nos últimos 12 meses. Os dados não são diretamente comparáveis, mas é razoável relacioná-los ao trabalho de prevenção realizado pelas polícias dos dois estados.

Desde março de 2009, a Operação Lei Seca do governo fluminense submeteu 171 mil motoristas ao teste do bafômetro. A polícia paulista precisou de três anos para fiscalizar número semelhante de pessoas (173 mil).

O que não muda, para as duas cidades, é o exagerado rigor da lei que estabeleceu como critério de embriaguez o teto de 6 decigramas de álcool por litro de sangue – algo como dois copos de chope.

O combate mais eficiente aos acidentes no Rio indica que não é o simples endurecimento da legislação, mas a certeza de fiscalização e punição, que ajuda a coibir o comportamento de risco.

Menos mau que o governo de São Paulo tenha se dado conta disso, e venha intensificando a realização de operações de fiscalização nos últimos meses.

FOLHA DE S. PAULO. 11 mar. 2010.

Como se observa, o título do editorial antecipa o assunto do texto: a Lei Seca. O restante do texto organiza-se em uma estrutura típica de textos dissertativo-argumentativos. Observe:

- O 1º parágrafo contextualiza a questão que será analisada , apresentando os fatos que deram origem ao editorial;
- O 2º parágrafo apresenta dados necessários para o estabelecimento da gravidade da situação em São Paulo, apesar de a Lei Seca já estar em vigor;
- O 3º parágrafo apresenta dados referentes ao número de vítimas em acidentes no Rio de Janeiro e os contrapõe aos de São Paulo;
- O 4º e o 5º parágrafos estabelecem uma comparação entre Rio de Janeiro e São Paulo, no que se refere à fiscalização, e reforça o rigor da Lei Seca. Fica evidente a crítica ao esquema de fiscalização implementado em São Paulo;
- O 6º e o 7º parágrafos definem a opinião do jornal, defendendo, explicitamente, que é a certeza de que haverá fiscalização e punição que coíbe comportamento de risco no trânsito, o que parece ter sido compreendido pelo governo de São Paulo.

Vale observar que o editorial tem como objetivo não somente explicitar a opinião do órgão de imprensa, mas também esclarecer ou alertar os leitores a respeito do seu ponto de vista sobre algum assunto ou mobilizá-los para uma causa de interesse coletivo. É um **texto curto, formal**, escrito **em português padrão**, **sem marcas de estilo pessoal** ou **assinatura.**

Artigo de opinião

O artigo de opinião é um texto de caráter argumentativo que tem por objetivo expressar e defender o ponto de vista do autor sobre um fato ou tema controverso, de relevância social. Em geral, o artigo procura explicar um fato, e sua motivação decorre do desejo do articulista de informar, interpretar ou persuadir. Muitas vezes é escrito por profissionais que atuam em outras áreas – médicos, economistas, professores, por exemplo – os quais procedem a uma análise mais detalhada da questão abordada.

Os artigos de opinião apresentam um título que, além de informar, muitas vezes, objetiva captar a atenção do leitor, despertar-lhe a curiosidade e seduzi-lo para que leia o texto. É comum, também, que apresentem logo após o título um "olho", ou seja, um trecho do artigo que foi selecionado pelo editor do jornal ou revista e que explicita a perspectiva analítica a ser adotada pelo articulista.

Esses textos possuem a estrutura típica de textos de natureza dissertativo-argumentativa. Veja:

- **Introdução:** contextualização do tema abordado, a qual permite ao leitor tomar contato ou recuperar as informações necessárias à análise que será apresentada no desenvolvimento do texto, e apresentação da perspectiva do autor sobre o tema.
- **Desenvolvimento:** construção da argumentação necessária à sustentação da análise proposta.
- **Conclusão:** reafirmação da tese do articulista, a qual já fora anunciada em um dos parágrafos iniciais, no título do texto ou no ''olho'' criado pelo editor.

Leia, a seguir, um exemplo de artigo de opinião para conhecer melhor suas características.

Quem são nossos ídolos?

Nossa educação ainda valoriza o aluno genial, que não estuda. Precisamos de modelos que mostrem o caminho do sucesso por via do esforço e da dedicação.

Eu estava na França nos idos dos anos 80. Ligando a televisão, ouvi por acaso uma entrevista com um jovem piloto de Fórmula 1. Foi-lhe perguntado em quem se inspirava como piloto iniciante. A resposta foi pronta: Ayrton Senna. O curioso é que nessa época Senna não havia ganho uma só corrida importante. Mas bastou ver o piloto brasileiro se preparando para uma corrida: era o primeiro a chegar no treino, o único a sempre fazer a pista a pé, o que mais trocava idéias com os mecânicos e o último a ir embora. Em outras palavras, sua dedicação, tenacidade, atenção aos detalhes eram tão descomunais que, aliadas a seu talento, teriam de levá-lo ao sucesso.

Por que tal comentário teria hoje alguma importância?

Cada época tem seus ídolos, pois eles são a tradução de anseios, esperanças, sonhos e identidade cultural daquele momento. Mas, ao mesmo tempo, reforçam e ajudam a materializar esses modelos de pensar e agir.

Já faz muito tempo, Heleno de Freitas foi um grande ídolo do futebol. Segundo consta, jactava-se de tomar uma cachacinha antes do jogo, para aumentar a criatividade. Entrava em campo exibindo seu bigodinho e, após o gol, puxava o pente e corrigia o penteado. O ídolo era a genialidade pura do futebol-arte.

Mais tarde, Garrincha era a expressão do povo, com sua alegria e ingenuidade. Era o jogador cujo estilo brotava naturalmente. Era a espontaneidade, como pessoa e como jogo, e era facilmente amado pelos brasileiros, pois materializava as virtudes da criação genial.

Para o jogador "cavador", cabia não mais do que um prêmio de consolação. Até que veio Pelé. Genial, sim. Mas disciplinado, dedicado e totalmente comprometido a usar todas as energias para levar a cabo sua tarefa. E de atleta completo e brilhante passou a ser um cidadão exemplar.

É bem adiante que vem Ayrton Senna. Tinha talento, sem dúvida. Mas tinha mais do que isso. Tinha a obsessão da disciplina, do detalhe e da dedicação total e completa. Era o talento a serviço do método e da premeditação, que são muito mais críticos nesse desporto.

Há mais do que uma coincidência nessa evolução. Nossa escolha de ídolos evoluiu porque evoluímos. Nossos ídolos do passado refletiam nossa imaturidade. Era a época de Macunaíma. Era a apologia da genialidade pura. Só talento, pois esforço é careta. Admirávamos quem era talentoso por graça de Deus e desdenhávamos o sucesso originado do esforço. Amadurecemos. Cresceu o peso da razão nos ídolos. A emoção ingênua recuou. Hoje criamos espaço para os ídolos cujo êxito é, em grande medida, resultado da dedicação e da disciplina – como Pelé e Senna.

Mas há o outro lado da equação, vital para nossa juventude. Necessitamos de modelos que mostrem o caminho do sucesso por via do esforço e da dedicação. Tais ídolos trazem um ideário mais disciplinado e produtivo.

Nossa educação ainda valoriza o aluno genial, que não estuda – ou que, paradoxalmente, se sente na obrigação de estudar escondido e jactar-se de não fazê-lo. O cê-dê-efe é diminuído, menosprezado, é um pobre-diabo que só obtém bons resultados porque se mata de estudar. A vitória comemorada é a que deriva da improvisação, do golpe de mestre. E, nos casos mais tristes, até competência na cola é motivo de orgulho.

Parte do sucesso da educação japonesa e dos Tigres Asiáticos provém da crença de que todos podem obter bons resultados por via do esforço e da dedicação. Pelo ideário desses países, pobres e ricos podem ter sucesso, é só dar duro.

O êxito em nossa educação passa por uma evolução semelhante à que aconteceu nos desportos – da emoção para a razão. É preciso que o sucesso escolar passe a ser visto como resultado da disciplina, do paroxismo de dedicação, da premeditação e do método na consecução de objetivos.

A valorização da genialidade em estado puro é o atraso, nos desportos e na educação. O modelo para nossos estudantes deverá ser Ayrton Senna, o supremo cê-dê-efe de nosso esporte. Se em seu modelo se inspirarem, vejo bons augúrios para nossa educação.

CASTRO, Claudio de Moura. Quem são nossos ídolos. *Veja.* São Paulo, n. 1 703, 06 jun. 2001.

Nesse artigo de Claudio de Moura Castro, é possível perceber que, nos parágrafos iniciais, o autor contextualiza o assunto do texto e expõe sua opinião sobre os ídolos. Ao longo do desenvolvimento, apresenta exemplos de ídolos, analisa suas características e suas origens, bem como, em seguida, retoma o ponto de vista, respaldando-o em dados da realidade atual, ao analisar o tema sob a perspectiva dos jovens. Apresenta, ainda, exemplos de países bem-sucedidos em decorrência da valorização do esforço e da dedicação. Na conclusão, o autor reafirma a tese defendida no texto.

É necessário ressaltar que a opinião defendida pelo articulista não traduz necessariamente a opinião do jornal ou revista em que é publicado o artigo. Muitos desses textos são, inclusive, publicados em dois ou mais periódicos e / ou *blogs*, como ocorre no caso dos artigos de Stephen Kanitz e Elio Gaspari.

Os artigos de opinião são textos que trazem a marca pessoal do autor, portanto, permitem a expressão de uma perspectiva mais subjetiva, ainda que amenizada pelo teor argumentativo desse gênero. Dessa forma, não é raro encontrar um uso menos formal da linguagem, embora a expectativa seja a do uso da língua escrita padrão. Os artigos podem ser escritos em 1ª pessoa – do singular ou do plural – ou em 3ª pessoa.

O quadro a seguir sintetiza as características dos gêneros jornalísticos estudados neste módulo.

Editorial	Artigo de Opinião
Discute uma questão ou fato controverso, de relevância social.	Discute uma questão ou fato controverso, de relevância social.
Apresenta a opinião do órgão da imprensa.	Apresenta a opinião do articulista.
Tem caráter argumentativo.	Tem caráter argumentativo.
É escrito em português padrão, em linguagem clara, objetiva e impessoal.	É escrito em português padrão, mas admite algum grau de informalidade. Há utilização de adjetivos e advérbios que evidenciam a opinião do autor.
É escrito em 3ª pessoa – efeito de impessoalidade e distanciamento.	Pode ser escrito em 1ª pessoa do singular ou do plural ou em 3ª pessoa.
Não é assinado.	É assinado por um jornalista ou especialista.
É composto por título informativo e texto estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão.	É composto por título informativo e / ou chamativo, "olho" e texto estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UEPB–2010)

Que Brasil é esse?

Revista Educação. São Paulo: Segmento, Ano 9, n. 99, p. 32, jul. 2005.

Brasil!

Meu Brasil brasileiro

Meu mulato inzoneiro

Vou cantar-te nos meus versos

O Brasil, samba que dá,

Bamboleio, que faz gingá

O Brasil, do meu amor

Terra de Nosso Senhor...

[...]

Esse coqueiro que dá côco

Oi! Onde eu amarro a minha rede

Nas noites claras de luar

Por essas fontes murmurantes

Onde eu mato a minha sede

Onde a lua vem brincar

Esse Brasil lindo e trigueiro

É o meu Brasil brasileiro

Terra de samba e pandeiro...

[...]

BARROSO, Ary. "Aquarela do Brasil".

Os textos ensejam uma reflexão sobre as diversidades constitutivas do nosso país.

ESCREVA um editorial para compor a publicação de um jornal de circulação nacional, de modo que convide o leitor a repensar a temática em questão.

02. (UFV-MG–2011)

POR QUE NÃO COMER ANIMAIS ?

E POR QUE NÃO CONSUMIR OUTROS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL

PESSOAS

No Brasil, enquanto 45 milhões de pessoas têm acesso restrito à água, 45% de toda a água doce é gasta na pecuária. Para produção de 1kg de trigo são gastos 42 litros de água, para 1 kg de soja, cerca de 500 litros; para produção de 1kg de carne são gastos até 15mil litros de água!

Para que desperdiçar tanto alimento e água para a produção de tão pouca carne se podemos nos alimentar diretamente destes grãos?

Se os cereais utilizados na alimentação de animais de corte fossem utilizados na alimentação humana, poderíamos acabar com a fome no mundo.

MEIO AMBIENTE

De acordo com a ONU, a pecuária é responsável pela emissão de 18% dos gases causadores do aquecimento global, sendo a maior responsável, à frente de todos os meios de transporte juntos.

Mais de 3mil hectares da floresta amazônica são desmatados por ano para criação de gado, e as queimadas colocam o Brasil entre os 5 maiores poluidores do mundo.

70% da carne produzida na Amazônia é consumida na região sudeste.

São criados mais de 30 bilhões de animais para consumo no mundo, o que gera excrementos suficientes para poluir grande parte da água doce.

30% das espécies marinhas estão ameaçadas de extinção por conta do consumo de peixes e frutos do mar.

ANIMAIS

Muita dor e sofrimento. É o mínimo que você pode imaginar sobre o que acontece em um matadouro. Os animais são seres que sentem dor, medo, prazer, alegria, angústia... Tudo exatamente como você. Não devem ser considerados como meros objetos feitos para nos servir. São capazes de estabelecer laços afetivos complexos e possuem sistema nervoso central, como nós.

Apesar disso, eles continuam sendo mortos aos milhões todos os dias, torturados e muitas vezes cortados ainda vivos.

Nas fazendas de leite, bezerros recém-nascidos são separados de suas mães e abatidos, gerando a indústria da vitela, carne apreciada por ser macia, tal qual carne de bebês.

SAÚDE

Uma dieta vegetariana balanceada, com a exclusão de todos os tipos de carnes e demais produtos de origem animal (leite, queijos e ovos) é perfeitamente saudável e recomendada pela Associação Dietética Americana.

A dieta vegetariana diminui a propensão a diversos tipos de câncer, a doenças coronárias, diabetes e colesterol, além de manter baixa a pressão arterial.

Por você, pelos animais, pelo meio ambiente e pela fome no mundo,

www.SEJAVEGETARIANO.com.br

Não jogue este folheto em vias públicas

Fontes: FAO/ONU, Instituto de Pesquisas Amazônicas, ONG Repórter Brasil, Relatório Unesco para o Fórum Mundial da água e Sociedade Vegetariana Brasileira

INFORME-SE

www.guiavegano.com.br
www.vegvida.com.br
www.institutoninarosa.org.br
www.veddas.org.br

www.vidavegetariana.com
www.cantinhovegetariano.com.br
www.direitosanimais.org
www.paredesdevidro.com

www.vista-se.com.br

Disponível em: <www.vista-se.com.br/folheto/folheto.zip>. Acesso em: 12 ago. 2010.

O texto apresenta argumentos sobre o consumo de produtos de origem animal. A partir dessas informações, elabore um editorial, entre 25 e 30 linhas, destinado à comunidade da Universidade Federal de Viçosa (UFV), a ser publicado em um jornal de circulação interna, demonstrando a importância de as pessoas não se alimentarem de produtos de origem animal, adotando, assim, uma atitude mais saudável de alimentação no mundo contemporâneo.

Editorial – "artigo em que se discute uma questão, apresentando o ponto de vista do jornal, da empresa jornalística ou do redator-chefe." (Dicionário *Houaiss* da Língua Portuguesa)

03. (UFV-MG–2010)

Desde 1999, a MTV esquadrinha o Brasil investigando valores e o comportamento do jovem brasileiro com sua série de documentos Dossiê Universo Jovem. Em sua quarta edição, a pesquisa registrou a maneira como os jovens se relacionam com o tema da sustentabilidade e as percepções que eles têm sobre futuro e meio ambiente. A seguir, elencamos uma série de depoimentos de jovens que participaram dessa pesquisa:

"Há muito tempo ouço falar de meio ambiente; desde a 5ª série, a professora de Ciências fazia horta no colégio e falava da água, do meio ambiente e da natureza, da nossa saúde. O colégio sempre foi muito ligado a isso, sempre tratou esse assunto como muito importante, e hoje vejo na faculdade." (SAL.19.F.B)

"Agora o tema é ecologia, aquecimento global. Eu sempre levanto a bandeira. Eu falo: 'Ah, por que você não separa o lixo?'" (RJ.18/21.F.C)

"No meu círculo de amigos tem uma galera bem envolvida com o aquecimento global. Muitas vezes a gente se encontra e conversa sobre isso, sobre o aquecimento global, o que a gente pode fazer pra melhorar alguma coisa. Tem vários que estão já se movimentando em relação a isso." (POA.22/25.F.A)

"Se for colocar em porcentagem, uns 10% realmente se preocupam com isso. Muita gente fala bastante, poucos agem." (POA.22/25.F.A)

"Quando você pergunta sobre sustentabilidade, tem muita gente que não sabe o que é. É difícil entender, não explicam muito." (SP.16.F.A)

"Um desenvolvimento [sustentável] que não atrapalha os aspectos do futuro. Que possa suprir as necessidades de agora e não atrapalhe as gerações futuras." (MAN.13.M.A)

"O que eu sei é que a partir da industrialização houve um crescimento muito grande sem se preocupar com o meio. As cidades começaram a se desenvolver, e cresceram de uma forma que eles acharam que era desenvolvimento, e na realidade não foi o que aconteceu. Agora está tendo essa consciência de desenvolvimento sustentável, mas elas foram agredindo todo um meio pra desenvolver esse capitalismo, essa coisa da indústria, sem se preocupar com as outras coisas. A gente precisa ter consciência de que as coisas não são infinitas." (POA.22/25.F.A)

"[Consumo consciente é] Comprar apenas o necessário. Usar produtos de empresa que faz alguma coisa para combater o aquecimento, ou polui menos. Papel só de empresa que faz reflorestamento. Fazer as coisas pensando no amanhã, nas conseqüências." (RJ.18/21.F.A)

"Eu fui comprar geladeira e fogão e falei: 'Quero uma geladeira que consuma menos energia', por mais que seja um pouquinho mais cara, foi o que eu pensei. Ela tem o selo de consumo sustentável, e eu não quero tirar o selo porque pelo menos mostra que eu fiz alguma coisa. Vou olhar pra ele todos os dias, pelo menos eu durmo um pouco tranqüila. A gente não tem essa consciência de atos diários." (SAL.22/25.F.A)

"É o consumo preocupado com a preservação, que hoje em dia tudo é sustentável. As empresas lançam muitas marcas, mas temos que parar para analisar se realmente existe uma preocupação com a sustentabilidade do mundo ou é uma questão de propaganda." (SAL.22.M.C)

"Eu imagino uma pessoa sabendo exatamente o que ela está comprando, saber quais são os componentes, se aquilo é saudável, se é feito por uma empresa que colabora com o meio ambiente, que não abusa do trabalho infantil, escravo. Você saber exatamente qual é a origem daquilo que você está comprando." (RIB.24.F.A)

Documentário da MTV mostra opinião jovem sobre sustentabilidade. Disponível em: <http://www.akatu.org.br/central/noticias/2009/documentario-da-mtvmostra-opiniao-jo>. Acesso em: 22 ago. 2009 (Adaptação).

A partir dos depoimentos anteriores e de seu conhecimento de mundo, **PRODUZA** um artigo de opinião, entre 25 e 30 linhas, a ser publicado no *site* da MTV, para esclarecer os que ainda são "ecoalienados", sobre a relação entre qualidade de vida, sustentabilidade e meio ambiente.

04. (Unama-PA–2010 / Adaptado)

A publicidade impactante na sociedade contemporânea

Os meios de comunicação e suas influências sobre a sociedade pós-moderna muitas vezes geram polêmicas. É o caso das campanhas publicitárias conhecidas como impactantes. Como as de cigarro que, nas embalagens, além das frases com alertas sobre os danos do tabagismo à saúde dos fumantes, trazem dezenas de diferentes ilustrações absolutamente assustadoras de situações ditas como resultado do fumo. Ou como aquela mostrando a imagem da mocinha anoréxica que, ao mirar-se no espelho, ainda vê uma imagem que, na sua cabeça, foge aos padrões estéticos destes tempos.

Horror

Disponível em: <http://rubensribeiroe3.blogspot.com/2007/03/anorexia>.

E, ainda, a do anúncio televisivo da Móbil que, de forma direta, tenta conscientizar os motoristas de que é indevido o uso de celulares ao dirigir. Nela, aparece, na tela, a imagem de um rapaz dirigindo, celular no ouvido, uma praia, gente dourada de sol. Depois, a de uma sala de cirurgia com um médico olhando em direção do espectador. A voz: *"Aonde você quer passar o seu fim de semana?"*. Surge, então, um homem carregando uma maca vazia dentro do IML. Ele pára com a maca em frente a uma câmara frigorífica, puxa a bandeja com um corpo e pendura uma etiqueta com um número no pé do defunto.

A respeito desse tipo de publicidade, as opiniões divergem muito. Para muitas pessoas, peças de propaganda, tais quais as citadas como exemplo, chamam atenção não só pelo tom apelativo contra o fumo, a anorexia, o uso indevido do celular no trânsito – e outros males contemporâneos que vitimam principalmente jovens no mundo inteiro – e sim muito mais pela crua intensidade com que tratam os temas. Outras acham que é óbvio que campanhas publicitárias de impacto não resolvem os problemas, mas consideram que muitas vezes é preciso um "tapa na cara" como esse para pelo menos fazer pensar e, quanto mais se falar, refletir a respeito de um problema recorrente, maiores são as chances de ele ir ao encontro da solução.

As opiniões são variadas. O jornalista Ivan Silvestre considera "uma pena o uso de recursos tão chocantes, principalmente na propaganda que, mesmo sendo de fim social, tem na sua essência a missão de gerar sonhos". E há opiniões pragmáticas e de intenção ética, como a do advogado Jair Dourado: "[...], nas propagandas impactantes, é bom 'pôr o pé no freio' para alertar a educação dos jovens. Não podemos esquecer que no Código Brasileiro de Auto Regulamentação Publicitária há o Artigo 22 – *Os anúncios não devem conter afirmações ou apresentações visuais ou auditivas que ofendam os padrões de decência que prevaleçam entre aqueles que a publicidade poderá atingir*." Porém há os que, pensam como Joanna Alonso, pedagoga: "uma ação que causa impacto e promove a reflexão é válida uma vez que um veículo de comunicação precisa assumir também postura de caráter educativo e social".

Como sabemos que o trabalho de conscientização de uma sociedade demanda de muitos determinantes, até que ponto a publicidade pode chocar as pessoas para tentar conscientizar acerca de causas sociais? **Para provocar, obrigar a reflexão, faz-se necessário lançar mão de cenas impactantes para reter a atenção do público? A propaganda impactante funciona positivamente sobre a sociedade contemporânea?**

Com base nas informações dadas e nas suas próprias experiências, **REDIJA** um texto argumentativo com o mínimo de 15 e o máximo de 30 linhas, expondo seu posicionamento acerca das questões anteriores. Dê um título ao seu texto.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UESPI-PI–2010)

Instrução: O texto a seguir se refere às questões de **01** a **11**.

Síndrome do excesso de informação

O eterno sentimento humano de ansiedade diante do desconhecido começa a tomar uma forma óbvia nestes tempos em que a informação vale mais que qualquer outra coisa. As pessoas hoje parecem estar sofrendo porque não conseguem assimilar tudo que é produzido para aplacar a sede da humanidade por mais conhecimento.

Como toda ansiedade, a angústia típica de nosso tempo machuca. Seu componente de irracionalidade é irrelevante para quem se sente mal. O escritório de estatísticas da Inglaterra divulgou recentemente uma pesquisa que é ao mesmo tempo um diagnóstico. Cerca de um sexto dos ingleses entre 16 e 74 anos se sente incapaz de absorver todo o conhecimento com que esbarra no cotidiano. Isso provoca tal desconforto que muitos apresentam desordens neurológicas. O problema é mais sério entre os jovens e as mulheres. Quem foi diagnosticado com a síndrome do excesso de informação tem dificuldade até para adormecer. O sono não vem, espantado por uma atitude de alerta anormal da pessoa que sofre. Ela simplesmente não quer dormir para não perder tempo e continuar consumindo informações. Os médicos ingleses descobriram que as pessoas com quadro agudo dessa síndrome são assoladas por um sentimento constante de obsolescência, a sensação de que estão se tornando inúteis, imprestáveis, ultrapassadas. A maioria não expressa sintomas tão sérios. O que as persegue é uma sensação de desconforto – o que já é bastante ruim.

O ambulatório de Ansiedade da USP ainda não pesquisa a ansiedade de informação especificamente. Mas tem atendido um número crescente de ansiosos que mencionam como causa de suas apreensões a incapacidade de absorver informações ao ritmo que consideram ideal. "Ler e aprender sempre foi tido como algo bom, algo que devíamos fazer cada vez mais. Não sabíamos que haveria um limite para isso. Está acontecendo com a informação o mesmo que já acontece com o hábito alimentar. Em vez de ficarmos bem nutridos, estamos ficando obesos de informação", diz Anna Verônica Mautner, psicanalista em São Paulo.

BAPTISTA, Cristina. Síndrome do excesso de informação. *Veja*. São Paulo: Abril. set. 2001 (Fragmento).

01. Pela composição do texto apresentado, podemos chegar à conclusão de que se trata, tipicamente,

A) de uma notícia jornalística – um texto narrativo, portanto.
B) de um manifesto popular – assim, um texto descritivo-apelativo.
C) de um relato pessoal – logo, um texto levemente informativo.
D) de uma exposição – um texto de divulgação, com informações objetivas.
E) de uma crônica – assim, um texto de caráter literário.

02. O tema desenvolvido no texto se centra na abordagem de um problema que

A) atinge as pessoas com um menor grau de escolarização.
B) é mais comum entre pessoas das sociedades europeias.
C) é exclusivo dos grupos humanos pertencentes à atualidade.
D) envolve o ritmo acelerado da produção do conhecimento.
E) acomete, especificamente, a população urbana entre 16 e 74 anos.

03. O fragmento que representa o núcleo central do conteúdo do texto é:

A) "O ambulatório de Ansiedade da USP ainda não pesquisa a ansiedade de informação [...]."
B) "As pessoas hoje parecem estar sofrendo porque não conseguem assimilar tudo que é produzido [...]."
C) "A maioria não expressa sintomas tão sérios. O que as persegue é uma sensação de desconforto – o que já é bastante ruim."
D) "Ler e aprender sempre foi tido como algo bom, algo que devíamos fazer cada vez mais."
E) "O problema é mais sério entre os jovens e as mulheres."

04. No texto, aparecem palavras como "ansiedade", "angústia", "apreensão", "desconforto". Tais palavras se aproximam semanticamente e concorrem para que o texto

1. estabeleça mais nexos coesivos.
2. esteja mais corretamente escrito.
3. guarde maior unidade semântica.
4. se aproxime dos padrões da oralidade.

Estão **CORRETAS**

A) 1 e 3, apenas.
B) 2 e 3, apenas.
C) 1 e 4, apenas.
D) 2 e 4, apenas.
E) 1, 2, 3 e 4.

05. Analise o segmento: "Não sabíamos que haveria um limite para **isso**." O item destacado, para ser interpretado com êxito,

A) precisa ser entendido como uma palavra invariável.
B) requer que conheçamos sua origem etimológica.
C) necessita que se recorra a partes anteriores do texto.
D) supõe que temos ciência de sua composição fonológica.
E) exige que saibamos como escrevê-lo corretamente.

06. No trecho a seguir:

"Em vez de ficarmos bem nutridos, **estamos ficando obesos de informação** [...]".

o fragmento destacado

A) é típico de um texto literário.
B) exemplifica uma aliteração.
C) manteve seu sentido literal.
D) produz um efeito de ambiguidade.
E) constitui uma metáfora.

07. "As pessoas **hoje** parecem estar sofrendo porque não conseguem assimilar tudo que é produzido [...]." Analise a mudança de posição da palavra destacada.

1. **Hoje**, as pessoas parecem estar sofrendo porque não conseguem assimilar tudo que é produzido.
2. As pessoas parecem estar sofrendo **hoje** porque não conseguem assimilar tudo que é produzido.
3. As pessoas parecem **hoje** estar sofrendo porque não conseguem assimilar tudo que é produzido.
4. As pessoas parecem estar sofrendo porque não conseguem **hoje** assimilar tudo que é produzido.
5. As pessoas parecem estar sofrendo porque não conseguem assimilar tudo que é produzido **hoje**.

A mudança de posição da palavra modificou o sentido do enunciado apenas nas alternativas

A) 1 e 3.
B) 2 e 3.
C) 1 e 4.
D) 4 e 5.
E) 1,2 e 5.

08. Analise a regência verbal do trecho destacado:

"Cerca de um sexto dos ingleses entre 16 e 74 anos se sente incapaz de absorver **todo o conhecimento com que esbarra no cotidiano**."

Também estaria **CORRETA** a regência do verbo em:

A) Cerca de um sexto dos ingleses se sente incapaz de absorver **todo o conhecimento ao qual fala a pesquisa.**
B) Cerca de um sexto dos ingleses se sente incapaz de absorver **todo o conhecimento a que se refere a pesquisa.**
C) Cerca de um sexto dos ingleses se sente incapaz de absorver **todo o conhecimento a que necessitam.**
D) Cerca de um sexto dos ingleses se sente incapaz de absorver **todo o conhecimento a que podem confiar.**
E) Cerca de um sexto dos ingleses se sente incapaz de absorver **todo o conhecimento de que se refere a pesquisa**.

09. Observe o trecho: "**Como** toda ansiedade, a angústia típica de nosso tempo machuca." A expressão destacada estabelece, nesse contexto, uma relação semântica de

A) conformidade.
B) causa.
C) concessão.
D) condição.
E) comparação.

10. Ainda no âmbito da regência verbal, analise o trecho:

"O eterno sentimento humano de ansiedade diante do desconhecido começa a tomar uma forma óbvia nestes tempos **em que** a informação vale mais que qualquer outra coisa."

O segmento destacado poderia ser substituído por

A) no qual.
B) nos quais.
C) a que.
D) do que.
E) dos quais.

11. O texto fala na sensação que algumas pessoas têm de que estão se tornando **inúteis, imprestáveis.**

Nessas palavras destacadas, aparece um prefixo que tem o mesmo sentido daqueles que constam nas palavras

A) injetável, irrelevante.
B) inflamável, inflexível.
C) imoral, imerso.
D) inalar, irromper.
E) irreal, inapto.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2009) Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.

TREVISAN, Dalton. Uma vela para Dario. *Cemitério de elefantes.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964 (Adaptação).

No texto, um acontecimento é narrado em linguagem literária. Esse mesmo fato, se relatado em versão jornalística, com características de notícia, seria identificado em:

A) Ai, amigão, fui diminuindo o passo e tentei me apoiar no guarda-chuva... mas não deu. Encostei na parede e fui escorregando. Foi mal, cara! Perdi os sentidos ali mesmo. Um povo que passava falou comigo e tentou me socorrer. E eu, ali, estatelado, sem conseguir falar nada! Cruzes! Que mal!

B) O representante comercial Dario Ferreira, 43 anos, não resistiu e caiu na calçada da Rua da Abolição, quase esquina com a Padre Vieira, no centro da cidade, ontem por volta do meio-dia. O homem ainda tentou apoiar-se no guarda-chuva que trazia, mas não conseguiu. Aos populares que tentaram socorrê-lo não conseguiu dar qualquer informação.

C) Eu logo vi que podia se tratar de um ataque. Eu vinha logo atrás. O homem, todo aprumado, de guarda-chuva no braço e cachimbo na boca, dobrou a esquina e foi diminuindo o passo até se sentar no chão da calçada. Algumas pessoas que passavam pararam para ajudar, mas ele nem conseguia falar.

D) Vítima

Idade: entre 40 e 45 anos

Sexo: masculino

Cor: branca

Ocorrência: Encontrado desacordado na Rua da Abolição, quase esquina com Padre Vieira. Ambulância chamada às 12h34min por homem desconhecido. A caminho.

E) Pronto socorro? Por favor, tem um homem caído na calçada da Rua da Abolição, quase esquina com a Padre Vieira. Ele parece desmaiado. Tem um grupo de pessoas em volta dele. Mas parece que ninguém aqui pode ajudar. Ele precisa de uma ambulância rápido. Por favor, venham logo!

Instrução: Texto para as questões **02** e **03**.

A carreira do crime

Estudo feito por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz sobre adolescentes recrutados pelo tráfico de drogas nas favelas cariocas expõe as bases sociais dessas quadrilhas, contribuindo para explicar as dificuldades que o Estado enfrenta no combate ao crime organizado.

O tráfico oferece ao jovem de escolaridade precária (nenhum dos entrevistados havia completado o ensino fundamental) um plano de carreira bem estruturado, com salários que variam de R$ 400,00 a R$ 12.000 mensais. Para uma base de comparação, convém notar que, segundo dados do IBGE de 2001, 59% da população brasileira com mais de dez anos que declara ter uma atividade remunerada ganha no máximo o "piso salarial" oferecido pelo crime. Dos traficantes ouvidos pela pesquisa, 25% recebiam mais de R$ 2.000 mensais; já na população brasileira essa taxa não ultrapassa 6%.

Tais rendimentos mostram que as políticas sociais compensatórias, como o Bolsa-Escola (que paga R$ 15 mensais por aluno matriculado), são por si só incapazes de impedir que o narcotráfico continue aliciando crianças

LÍNGUA PORTUGUESA

provenientes de estratos de baixa renda: tais políticas aliviam um pouco o orçamento familiar e incentivam os pais a manterem os filhos estudando, o que de modo algum impossibilita a opção pela deliquência. No mesmo sentido, os programas voltados aos jovens vulneráveis ao crime organizado (circo-escola, oficinas de cultura, escolinhas de futebol) são importantes, mas não resolvem o problema.

A única maneira de reduzir a atração exercida pelo tráfico é a repressão, que aumenta os riscos para os que escolhem esse caminho. Os rendimentos pagos aos adolescentes provam isso: eles são elevados precisamente porque a possibilidade de ser preso não é desprezível. É preciso que o Executivo federal e os estaduais desmontem as organizações paralelas erguidas pelas quadrilhas, para que a certeza de punição elimine o fascínio dos salários do crime.

FOLHA DE S. PAULO. 15 jan. 2003.

02. (Enem–2010) Com base nos argumentos do autor, o texto aponta para

A) uma denúncia de quadrilhas que se organizam em torno do narcotráfico.

B) a constatação de que o narcotráfico restringe-se aos centros urbanos.

C) a informação de que as políticas sociais compensatórias eliminarão a atividade criminosa a longo prazo.

D) o convencimento do leitor de que para haver a superação do problema do narcotráfico é preciso aumentar a ação policial.

E) uma exposição numérica realizada com o fim de mostrar que o negócio do narcotráfico é vantajoso e sem riscos.

03. (Enem–2010) No editorial, o autor defende a tese de que as políticas sociais que procuram evitar a entrada dos jovens no tráfico não terão chance de sucesso enquanto a remuneração oferecida pelos traficantes for tão mais compensatória que aquela oferecida pelos programas do governo. Para comprovar sua tese, o autor apresenta

A) instituições que divulgam o crescimento de jovens no crime organizado.

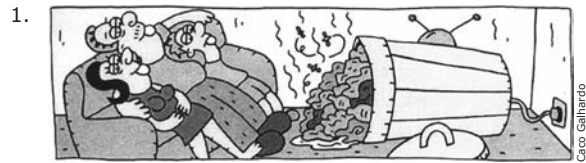
B) sugestões que ajudam a reduzir a atração exercida pelo crime organizado.

C) políticas sociais que impedem o aliciamento de crianças no crime organizado.

D) pesquisadores que se preocupam com os jovens envolvidos no crime organizado.

E) números que comparam os valores pagos entre os programas de governo e o crime organizado.

04. (Enem–2004) Leia com atenção os seguintes textos:

1.

Caco Galhardo. 2001.

2. Os programas sensacionalistas do rádio e os programas policiais de final da tarde em televisão saciam curiosidades perversas e até mórbidas tirando sua matéria-prima do drama de cidadãos humildes que aparecem nas delegacias como suspeitos de pequenos crimes. Ali, são entrevistados por intimidação. As câmeras invadem barracos e cortiços, e gravam sem pedir licença a estupefação de famílias de baixíssima renda que não sabem direito o que se passa: um parente é suspeito de estupro, ou o vizinho acaba de ser preso por tráfico, ou o primo morreu no massacre de fim de semana no bar da esquina. A polícia chega atirando; a mídia chega filmando.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

3. Quem fiscaliza [a imprensa]? Trata-se de tema complexo porque remete para a questão da responsabilidade não só das empresas de comunicação como também dos jornalistas. Alguns países, como a Suécia e a Grã-Bretanha, vêm há anos tentando resolver o problema da responsabilidade do jornalismo por meio de mecanismos que incentivam a auto-regulação da mídia.

Disponível em: <http://www.eticanatv.org.br>. Acesso em: 30 maio 2004.

4. No Brasil, entre outras organizações, existe o Observatório da Imprensa – entidade civil, não governamental e não partidária –, que pretende acompanhar o desempenho da mídia brasileira. Em sua página eletrônica, lê-se:

Os meios de comunicação de massa são majoritariamente produzidos por empresas privadas cujas decisões atendem legitimamente aos desígnios de seus acionistas ou representantes. Mas o produto jornalístico é, inquestionavelmente, um serviço público, com garantias e privilégios específicos previstos na Constituição Federal, o que pressupõe contrapartidas em deveres e responsabilidades sociais.

Disponível em: <http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em: 30 maio 2004 (Adaptação).

5. Incisos do Artigo 5º da Constituição Federal de 1988:

   IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

   X – são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.

Com base nas ideias presentes nos textos anteriores, **REDIJA** uma dissertação em prosa sobre o seguinte tema:

> Como garantir a liberdade de informação e evitar abusos nos meios de comunicação?

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade culta da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.

GABARITO

Fixação

01. Nessa proposta, é importante que se atente para o gênero solicitado e para o objetivo especificado no verbo "repensar", usado no comando do exercício. Na composição do editorial de um jornal voltado para o grande público, a linguagem deve ser impessoal – em 3ª pessoa – e deve estar de acordo com a norma culta. O texto tem de apresentar um título e evidenciar a opinião do jornal sobre "diversidades constitutivas de nosso país".

    É preciso observar, entretanto, que tanto o comando da proposta quanto a perspectiva apresentada nos textos motivadores direcionam a abordagem que se deve fazer sobre esse tema. O verbo "repensar" remete à ideia de "pensar novamente", "reconsiderar". Por sua vez, a imagem, um mosaico colorido de figuras que remetem à diversidade cultural, e a música de Ary Barroso abordam o tema de modo bem idealizado. Assim, o texto a ser redigido como editorial deve problematizar o fato de muitas vezes se discutir as "diversidades constitutivas de nosso país" de modo idealizado. Nesse caso, o editorial pode evidenciar que, apesar desse discurso, o Brasil é um país excludente em diversos aspectos: há segregação social, econômica, racial. Vale evidenciar que essas desigualdades não desmerecem a riqueza da diversidade cultural e religiosa do país, mas precisam ser consideradas ao analisá-lo.

    Essa é apenas uma sugestão de abordagem, sendo possível propor outras reflexões sobre a perspectiva apresentada nos textos. Como se trata de um editorial, o texto pode fazer menção ao jornal em que é publicado.

02. A proposta solicita a elaboração de um editorial, gênero que, segundo a definição do dicionário *Houaiss*, apresenta o ponto de vista do jornal, da empresa jornalística ou do redator-chefe de determinado veículo de comunicação. No caso específico da questão, a tese a ser defendida fica evidente no texto do enunciado: o aluno deve demonstrar a importância de uma alimentação saudável, o que supõe o combate ao consumo de produtos de origem animal. Para comprovar esse ponto de vista, o texto-base oferece alguns argumentos, como a necessidade de destinar água e cereais à alimentação humana, o desequilíbrio ambiental provocado pela criação de animais, as vantagens da adoção de uma dieta vegetariana. Esses são apenas alguns dos argumentos possíveis. O aluno pode mencionar outros, desde que elabore uma redação coesa e coerente. Como a proposta determina que a publicação do editorial ocorra em jornal de circulação interna de uma universidade federal, o texto deve seguir as exigências da norma culta.

03. A proposta solicita a elaboração de um artigo de opinião que esclareça, àqueles que não têm consciência da gravidade dos problemas ambientais enfrentados hoje, a relação entre qualidade de vida, sustentabilidade e meio ambiente.

Essa temática exige a elaboração de um texto em que se desenvolva a tese de que preservar o meio ambiente, consumir e poluir menos, usar produtos ecologicamente corretos e reciclar são atos indispensáveis para se manter e melhorar a qualidade de vida da humanidade. O texto deve destacar a necessidade de se agir de modo menos individualista e comprometer-se com o bem estar de todos.

Como o texto deve ser publicado no *site* da MTV, é possível usar uma linguagem mais próxima dos jovens e mais informal. Essa estratégia não pode descaracterizar, entretanto, o gênero artigo de opinião. Deve-se sempre ter em mente que, assim como todo texto de natureza dissertativo-argumentativa, o artigo deve convencer pela consistência e pela relevância das informações que apresenta.

04. Para atender ao objetivo dessa proposta, o aluno deve produzir um texto de posicionamento, por meio do qual apresente seu ponto de vista sobre o fato de algumas propagandas, a fim de alertarem a sociedade sobre questões sociais, utilizarem imagens impactantes. Dessa forma, o texto não pode deixar de responder às duas perguntas que estão destacadas no enunciado. Para refutar a validade desse tipo de propaganda, o aluno pode mencionar qualquer publicidade que faça uso dessa estratégia e que não surta o resultado esperado. É possível mencionar, por exemplo, o grande número de acidentes de trânsito que envolvem jovens embriagados, apesar das recorrentes campanhas do governo. Se, por outro lado, o aluno tiver a intenção de mostrar que tais peças publicitárias são eficientes, ele pode, por exemplo, fazer menção à propaganda antitabagismo do Ministério da Saúde e afirmar que o número de fumantes diminuiu depois dessa campanha. Outros exemplos e argumentos também são válidos, desde que sejam coerentes com a realidade. Vale lembrar que se deve preferir uma linguagem impessoal e denotativa e que é necessário dar um título ao texto.

Propostos

01. D

02. D

03. B

04. A

05. C

06. E

07. D

08. B

09. E

10. B

11. E

Seção Enem

01. B

02. D

03. E

04. A proposta explicita o conflito entre a liberdade de se veicularem informações e a necessidade de conter abusos da mídia. Tanto o texto de Eugênio Bucci quanto a charge de Caco Galhardo podem servir como fontes para a crítica aos programas sensacionalistas. Por sua vez, os excertos dos *sites* oferecem exemplos de reflexões sobre a regulação da mídia, o que pode levar o aluno a perceber a complexidade do tema e a necessidade de aprofundamento da discussão em pauta. A quem cabe o papel de determinar os conteúdos da mídia? Deve haver algum controle ou a liberdade de expressão pode ser irrestrita? Como equacionar liberdade e responsabilidade nos meios de comunicação?

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 12 FRENTE A

Gêneros jornalísticos – notícia, reportagem, resenha

Neste módulo, conheceremos as principais características de mais três gêneros jornalísticos: a notícia, a reportagem e a resenha.

NOTÍCIA

A notícia é um gênero híbrido, de caráter expositivo e narrativo, em que se apresentam informações sobre um fato qualquer. Teoricamente, tem compromisso com a veracidade do fato abordado, ou seja, deve apresentá-lo ao leitor de modo imparcial, apenas sendo fiel à realidade.

Com o objetivo principal de informar sobre um fato, a notícia é composta das seguintes partes:

Título informativo: antecipa o assunto do texto para o leitor.

***Lead* (ou lide):** normalmente constitui o primeiro parágrafo do texto e apresenta sucintamente respostas às cinco perguntas básicas a que a notícia deve responder – **o que** aconteceu (fato), **com quem** aconteceu (pessoas envolvidas), **onde** aconteceu (lugar), **como** aconteceu (modo como se deu o fato) e **quando** aconteceu (data do fato).

Corpo do texto: desenvolve as informações apresentedas no *lead*, fornecendo ao leitor mais detalhes sobre o fato ocorrido.

Leia o exemplo a seguir para conhecer mais o gênero notícia.

"Foi eu", afirma o acusado de matar a tiros Glauco e Raoni

Christian Rizzi / Agência de Notícias Gazeta do Povo

O jovem Nunes é acompanhado por policiais em Foz do Iguaçu (PR), onde prestou depoimento ontem.

Carlos Eduardo Sundfeld Nunes, 24, foi detido na madrugada de ontem ao tentar atravessar a Ponte da Amizade rumo ao Paraguai. Segundo a PF, o acusado contou no depoimento que ficou escondido de sexta até domingo no meio do mato no Pico do Jaraguá.

Carlos Eduardo Sundfeld Nunes, 24, confessou ontem à Polícia Federal de Foz do Iguaçu (PR) ter matado a tiros o cartunista e líder religioso Glauco Vilas Boas, 53, e seu filho, Raoni, 25, por volta da 0h de sexta-feira. "Foi eu" [sic], disse o rapaz a uma emissora de TV.

"Tô com uma arma na mão, no meio do mato, apontando a arma para um cara famoso. Os caras vão me condenar à morte aqui no Brasil. Vão me foder com a vida. Aí eu peguei e falei: 'Você fodeu com a minha, demorou, vou foder com a sua também'. Aí atirei nele", disse à TV Bandeirantes.

Gustavo Badaró, advogado do acusado, questionou a validade da declaração à TV. "Ele não aparentava estado de normalidade. [Por isso,] A confissão não tem valor jurídico." Ele não diz se, na conversa que teve com o cliente, este admitiu ou não ser o autor do crime.

Nunes foi preso anteontem, por volta das 23h, quando tentava fugir para o Paraguai. Antes, ele havia sido abordado pela polícia por estar com um carro roubado. Fugiu e, na perseguição, atirou, ferindo um agente federal. Só foi detido do outro lado da Ponte da Amizade, pela Marinha paraguaia.

Segundo a PF, Nunes contou que ficou escondido de sexta a domingo no Pico do Jaraguá (zona norte de São Paulo). De lá, diz o relato, foi até a zona oeste, onde roubou, por volta das 9h, o Fiesta Sedan com o qual dirigiu até o Paraguai.

O dono do carro, que pediu para não ser identificado, disse à *Folha* que não é capaz de dizer se Nunes é quem o roubou. O assaltante, conta, o abordou fingindo ser entregador de jornais, com a pistola enrolada em um exemplar. Levou itens como cartões e dinheiro.

O delegado-chefe da Polícia Federal em Foz do Iguaçu, José Alberto Iegas, disse que, "depois da troca de tiros, ele logo saiu do carro gritando que era o assassino do Glauco".

A PF encontrou com ele três gramas de maconha e uma pistola calibre 7.65 (supostamente a mesma usada nos homicídios) e tenta agora rastrear a origem da arma.

PALMAR, Alexandre; BENITES, Afonso; PAGNAN, Rogério; ROCHA, Graciliano. "Foi eu", afirma o acusado de matar a tiros Glauco e Raoni. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 mar. 2010. Cotidiano, p. C1.

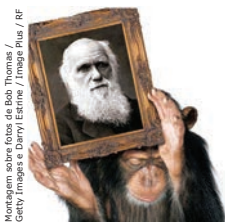
Como se percebe a partir da leitura, o texto relata o depoimento dado pelo assassino confesso do cartunista Glauco e as ações que envolveram sua perseguição e captura. Os verbos usados estão predominantemente no pretérito perfeito, tempo do narrar, que imprime certeza sobre o que está escrito e que reafirma o tom de veracidade necessário a uma notícia. Outro recurso que reafirma esse tom é a inserção de trechos de depoimentos de pessoas envolvidas no fato noticiado. Para reproduzir a fala do outro no texto, utilizam-se recursos intertextuais, como as citações e as paráfrases, ambas normalmente introduzidas por verbos de elocução – *confessar, dizer, questionar, contar, falar,* etc.

REPORTAGEM

A reportagem, tal como a notícia, costuma partir de um fato que gera polêmica e que precisa ser esclarecido ao grande público, mas pode, também, tratar apenas de um tema controverso e passível de discussão. Mais extensas e mais informativas que as notícias, as reportagens constituem uma fonte de informação mais rica, pois não se limitam a narrar uma única versão de um fato. São comuns, nas reportagens, depoimentos, gráficos, ilustrações informativas, quadros com informações históricas, textos opinativos de especialistas, etc. O objetivo, ao se usarem esses recursos, é fornecer ao leitor diferentes fontes de informação, bem como pontos de vista diferenciados sobre o assunto, de modo que ele possa, ao ler a reportagem, formar uma opinião a respeito do tema tratado.

As reportagens, tal como as notícias, são compostas por um título informativo, que antecipa o assunto do texto, e por um *lead*, que sintetiza o conteúdo. O texto propriamente dito tem caráter dissertativo, expositivo, embora não deixe de expor a opinião do jornalista que o redigiu ou do veículo de comunicação em que é publicado.

Leia a reportagem a seguir para conhecer melhor esse gênero.

A Darwin o que é de Darwin...

Montagem sobre fotos de Bob Thomas / Getty Images e Darryl Estrine / Image Plus / RF

As ideias revolucionárias do naturalista inglês, que nasceu há 200 anos, são os pilares da Biologia e da Genética e estão presentes em muitas áreas da Ciência Moderna. O mistério é por que tanta gente ainda reluta em aceitar que o homem é o resultado da evolução.

Charles Darwin é um paradoxo moderno. Não sob a ótica da ciência, área em que seu trabalho é plenamente aceito e celebrado como ponto de partida para um grau de conhecimento sem precedentes sobre os seres vivos. Sem a Teoria da Evolução, a moderna Biologia, incluindo a Medicina e a Biotecnologia, simplesmente não faria sentido. O enigma reside na relutância, quase um mal-estar, que suas ideias causam entre um vasto contingente de pessoas, algumas delas fervorosamente religiosas, outras nem tanto. Veja o que ocorre nos Estados Unidos. O país dispõe das melhores universidades do mundo, detém metade dos cientistas premiados com o Nobel e registra mais patentes do que todos os seus concorrentes diretos somados. Ainda assim, só um em cada dois americanos acredita que o homem possa ser produto de milhões de anos de evolução. O outro considera razoável que nós, e todas as coisas que nos cercam, estejamos aqui por dádiva da criação divina. Mesmo na Inglaterra, país natal de Darwin, o fato de ele ser festejado como herói nacional não impede que um em cada quatro ingleses duvide de suas ideias ou as veja como pura enganação. Na semana em que se comemora o bicentenário de nascimento de Darwin e, por coincidência, no ano do sesquicentenário da publicação de seu livro mais célebre, *A origem das espécies*, como explicar a persistente má vontade para com suas teorias em países campeões na produção científica?

Para investigar a razão pela qual as ideias de Darwin ainda são vistas como perigosas, é preciso recuar no passado. Quando o naturalista inglês pela primeira vez propôs suas teses sobre a evolução pela seleção natural, a maioria dos cientistas acreditava que a Terra não tivesse mais de 6 000 anos de existência, que as maravilhas da natureza fossem uma manifestação da sabedoria divina. A hipótese mais aceita sobre os fósseis de dinossauros era que se tratava de criaturas que perderam o embarque na Arca de Noé e foram extintas pelo dilúvio bíblico. A publicação de *A origem das espécies* teve o efeito de um tsunami na Inglaterra vitoriana. Os biólogos se viram desmentidos em sua certeza de que as espécies são imutáveis. A Igreja ficou perplexa por alguém desafiar o dogma segundo o qual Deus criou o homem à sua semelhança e os animais da forma como os conhecemos. A sociedade se chocou com a tese de que o homem não é um ser especial na natureza e, ainda por cima, tem parentesco com os macacos. Havia, naquele momento, compreensível contestação científica às novas ideias. Darwin havia reunido uma quantidade impressionante de provas empíricas – mas ainda restavam muitas questões sem resposta.

O primeiro exemplar a sair da gráfica foi enviado a *sir* John Herschel, um dos mais famosos cientistas ingleses vivos em 1859. Darwin tinha tanta admiração por ele que o citou no primeiro parágrafo de *A origem das espécies*. Herschel não gostou do que leu. Ele não podia acreditar, sem provas científicas tangíveis, que as espécies podiam surgir de variações ao acaso. Pressionado, Darwin disse que, se alguém lhe apontasse um único ser vivo que não tivesse um ascendente, sua teoria poderia ser jogada no lixo. O que se encontrou em profusão foram evidências da correção do pensamento de Darwin em seus pontos essenciais. Hoje, para entender a história da evolução, sua narrativa e mecanismo, os modernos darwinistas não precisam conjeturar sobre o funcionamento da hereditariedade. Eles simplesmente consultam as estruturas genéticas. As evidências que sustentam o darwinismo são agora de grande magnitude – mas, estranhamente, a ansiedade permanece.

Os 5 pilares do darwinismo

1 A EVOLUÇÃO DOS SERES VIVOS
O mundo não foi criado por ninguém, nem é imutável. Os organismos estão em um lento e constante processo de mutação

2 O ANCESTRAL COMUM
Cada grupo de organismo descende de um ancestral comum. Todos os grupos, incluindo animais, plantas e microrganismos, remetem a uma única origem da vida na Terra – a ameba original

3 A MULTIPLICAÇÃO DAS ESPÉCIES
As espécies tendem a se diferenciar, criando novas espécies. O isolamento geográfico de determinada população, por exemplo, resulta ao longo do tempo no surgimento de nova espécie

4 O GRADUALISMO
As populações se diferenciam gradualmente, de geração em geração, até que as espécies que seguiram por um "galho" da árvore da vida não mais pertençam à mesma espécie do "tronco" e de outros "galhos"

5 A SELEÇÃO NATURAL
Os seres vivos sofrem mutações genéticas e podem passá-las a seus descendentes. Cada nova geração tem sua herança genética posta à prova pelas condições ambientais em que vive

A atualidade da evolução

Fenômenos tão díspares quanto as superbactérias e a epidemia de obesidade têm sua natureza aclarada pelo darwinismo

AS SUPERBACTÉRIAS
Os antibióticos aceleram a seleção entre as bactérias, processo que beneficia as cepas mais resistentes ao remédio. Variantes do *Staphylococcus aureus* resistem hoje à maioria dos antibióticos

O SUCESSO DA FAMÍLIA
Antepassados humanos mais dispostos à vida em família tiveram vantagem competitiva sobre os grupos menos gregários. A união familiar evoluiu para o clã e para a cidade-estado, a primeira manifestação da vida civilizada

VAMOS ÀS COMPRAS?
Na perspectiva evolucionista, a tendência ao consumo exagerado e exibicionista é herança ancestral das vantagens evolutivas de se mostrar mais poderoso

AS DIETAS
A evolução premiou com a sobrevivência em longos períodos de escassez de comida os grupos humanos com maior capacidade de estocar gordura. Resultado: com a relativa abundância de comida, as pessoas engordam mais facilmente

O LEITE DE CADA DIA
A tolerância à lactose, que permitiu aos adultos digerir o leite, é uma mutação benéfica rara que surgiu aleatoriamente na espécie humana. Entre os povos criadores de animais leiteiros, ela se tornou uma vantagem evolutiva considerável e, com o tempo, a maioria dos indivíduos dessas sociedades a apresenta

DESTAQUE NO GOOGLE
Um mecanismo automático de seleção do serviço de buscas coloca para cima os sites mais procurados

Fotos: The British Library / Image Plus, Janice Carr / Corbis / Latinstock, Chris Everad / Gettyimages, Heide Benser / Corbis / Latinstock, Christian Hartmann / Reuters

O darwinismo explica por que...

... soluçamos

Os nervos que controlam a respiração já existiam no ancestral que originou mamíferos, peixes e anfíbios. Girinos, quando respiram por brânquias, fecham a glote para evitar que a água entre nos pulmões. Sem brânquias e fora da água, o ser humano faz o contrário: abre a glote para permitir a passagem do ar. Quando nervos e músculos estão irritados, o corpo lembra do passado anfíbio. Puxa o ar e fecha a glote, provocando o soluço.

... roncamos

A fala é possível também porque desenvolvemos músculos que movimentam a língua, a boca e controlam a rigidez da garganta. A estrutura flexível foi favorecida pela evolução, mas provoca um efeito colateral. Durante o sono, os músculos relaxam e dificultam a entrada de ar, causando ronco e apneia

... engasgamos

Em chimpanzés e quase todos os mamíferos, a laringe fica na parte superior da garganta. Isso permite a eles comer e respirar ao mesmo tempo sem risco de sufocar, mas limita a emissão de sons. A laringe do homem fica mais para baixo, facilitando a modulação dos sons e a fala. Em compensação, engasgamos mais que outros mamíferos

... temos cóccix

O cóccix, na base da coluna, é um indício de que os ancestrais humanos tinham rabo. Como nem chimpanzés nem gorilas têm cauda, é provável que o rabo tenha desaparecido muito cedo, no ancestral comum entre o homem e os grandes primatas

... temos dente de siso

Enquanto o crânio aumentou, a mandíbula diminuiu. Desprezados por todos, excetuando-se os dentistas, que cobram para arrancá-los, os dentes de siso datam da época em que os homens possuíam mandíbulas maiores

... sofremos de apendicite

Em animais cuja alimentação consiste de plantas, o apêndice é bem maior que o humano e auxilia na digestão. Indica que algum ancestral nosso era herbívoro. Para o homem, essa estrutura serve apenas para abrigar infecções

... sentimos as dores do parto

Para abrigar o cérebro avantajado, o crânio do bebê é grande em relação ao corpo. Já o canal da bacia, por onde o bebê passa durante o parto, não pode aumentar na mesma proporção, porque a posição ereta exige uma pélvis relativamente estreita. Um bebê com crânio grande, tendo de passar por um canal pequeno, resulta num parto demorado e doloroso

... sentimos arrepios

Em resposta ao medo, gatos, cães e outros mamíferos eriçam o pelo, parecendo maiores diante do inimigo. A seleção natural removeu os pelos dos seres humanos, mas manteve o mecanismo que os deixa eriçados, causando o arrepio

Ilustração Negreiros

Outros pilares da Ciência Moderna, como a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, não suscitam tanta desconfiança e hostilidade. Raros são aqueles que se sentem incomodados diante da impossibilidade de viajar mais rápido que a luz ou saem à rua em protesto contra a afirmação de que a gravidade deforma o espaço-tempo. Evidentemente, o núcleo incandescente da irritação causada por Darwin tem conotação religiosa. A descoberta dos mecanismos da evolução enfraqueceu o único bom argumento disponível para a existência de Deus. Se Ele não é responsável por todas essas maravilhas da natureza, sua presença só poderia ser realmente sentida na fé de cada indivíduo. Mas isso não explica tudo. Em 1920, ao escrever sobre o impacto da divulgação das ideias darwinistas, Sigmund Freud deu seu palpite: "Ao longo do tempo, a humanidade teve de suportar dois grandes golpes em sua autoestima. O primeiro foi constatar que a Terra não é o centro do universo. O segundo ocorreu quando a Biologia desmentiu a natureza especial do homem e o relegou à posição de mero descendente do mundo animal". Pelo raciocínio do pai da Psicanálise, a rejeição à Teoria da Evolução seria uma forma de compensar o "rebaixamento" da espécie humana contido nas ideias de Copérnico e Darwin.

O biólogo americano Stephen Jay Gould, um dos grandes teóricos do evolucionismo no século XX, morto em 2002, dizia que as teorias de Darwin são tão mal compreendidas não porque sejam complexas, mas porque muita gente evita compreendê-las. Concordar com Darwin significa aceitar que a existência de todos os seres vivos é regida pelo acaso e que não há nenhum propósito elevado no caminho do homem na Terra. Disse a *Veja* o biólogo americano David Sloan Wilson, da Universidade Binghamton: "As grandes ideias e teorias são aceitas ou rejeitadas popularmente por suas consequências, não pelo seu valor intrínseco. Infelizmente, a evolução é percebida por muitos como uma arma projetada para destruir a religião, a moral e o potencial dos seres humanos". Uma pesquisa publicada pela revista *New scientist* sobre a aceitação do darwinismo ao redor do mundo mostra que os mais ardentes defensores da evolução estão na Islândia, Dinamarca e Suécia. De modo geral, a crença na evolução é inversamente proporcional à crença em Deus. Mas a pesquisa encontrou outra configuração interessante: os habitantes dos países ricos acreditam menos em Deus que aqueles que vivem em países inseguros. Isso pode significar que a crença em Deus e a rejeição do evolucionismo são mais intensas nas sociedades sujeitas às pressões darwinistas, como escreveu a revista *Economist*.

A teoria da evolução causa mal-estar em muita gente – mas só algumas confissões evangélicas converteram o darwinismo em um inimigo a ser combatido a todo custo. Como essas religiões são poderosas nos Estados Unidos, é lá que se trava o mais renhido combate dessa guerra santa. Ciência e religião já andaram de mãos dadas pela maior parte da história da humanidade. Mas esse nó se desatou há dois séculos e Darwin foi um dos responsáveis por esse divórcio amigável, com nítidas vantagens para ambos os lados.

Desde o ano passado, o bordão entre os criacionistas americanos é "liberdade acadêmica". A ideia que tentam passar é que o darwinismo é apenas uma teoria, não um fato, e ainda por cima está cheio de lacunas e é carente de provas conclusivas. Sendo assim, não há por que Darwin merecer maior destaque que o criacionismo. O argumento é de evidente má-fé. Em seu significado comum, teoria é sinônimo de hipótese, de achismo. A teoria da evolução de Darwin usa o termo em sua conotação científica. Nesse caso, a teoria é uma síntese de um vasto campo de conhecimentos formado por hipóteses que foram testadas e comprovadas por leis e fatos científicos. Ou seja, uma linha de raciocínio confirmada por evidências e experimentos. Por isso, quando é ensinado numa aula de religião, o *Gênesis* está em local apropriado. Colocado em qualquer outro contexto, só serve para confundir os estudantes sobre a natureza da ciência.

A ciência não tem respostas para todas as perguntas. Não sabe, por exemplo, o que existia antes do *Big Bang*, que deu origem ao Universo há 13,7 bilhões de anos. Nosso conhecimento só começa três minutos depois do evento, quando as leis da Física passaram a existir. Os cientistas também não são capazes de recriar a vida a partir de uma poça de água e alguns elementos químicos – o que se acredita ter acontecido 4,5 bilhões de anos atrás. A mão de Deus teria contribuído para que esses eventos primordiais tenham ocorrido? Não cabe à ciência responder enquanto não houver provas científicas do que aconteceu. O fato é que a luta dos criacionistas contra Darwin nada tem de científica. Em sua profissão de fé, eles têm o pleno direito de acreditar que Deus criou o mundo e tudo o que existe nele. Coisa bem diferente é querer impingir essa maneira de enxergar a natureza às crianças em idade escolar, renegando fatos comprovados pela ciência. Essa atitude nega às crianças os fundamentos da razão, substituindo-os pelo pensamento sobrenatural.

Manda o bom senso que não se misturem ciência e religião. A primeira perscruta os mistérios do mundo físico; a segunda, os do mundo espiritual. Elas não necessariamente se eliminam. Há cientistas eminentes que creem em Deus e não veem nisso nenhuma contradição com o darwinismo. O mais conhecido deles é o biólogo americano Francis Collins, um dos responsáveis pelo mapeamento do DNA humano. Diz ele: "Usar as ferramentas da ciência para discutir religião é uma atitude imprópria e equivocada. A *Bíblia* não é um livro científico. Não deve ser levado ao pé da letra". A Igreja Católica aceitou há bastante tempo que sua atribuição é cuidar da alma de seu 1 bilhão de fiéis e que o mundo físico é mais bem explicado pela ciência. O Vaticano até organizará em março o simpósio "Evolução biológica: fatos e teorias – Uma avaliação crítica 150 anos depois de *A origem das espécies*".

Em *A origem das espécies*, num raciocínio que cabe em poucas linhas mas expressa ideias de alcance gigantesco, Darwin produziu uma revolução que alteraria para sempre os rumos da ciência. Ele mostrou que todas as espécies descendem de um ancestral comum, uma forma de vida simples e primitiva. Darwin demonstrou também que, pelo processo que batizou de Seleção Natural, as espécies evoluem ao longo das eras, sofrendo mutações aleatórias que são transmitidas a seus descendentes. Essas mutações podem determinar a permanência da espécie na Terra ou sua extinção – dependendo da capacidade de adaptação ao ambiente. Uma década depois da publicação de seu livro seminal, o impacto das ideias de Darwin se multiplicaria por mil com o lançamento de *A descendência do homem*, obra em que mostra que o ser humano e os macacos divergiram de um mesmo ancestral, há 4 milhões de anos.

O embate entre evolucionistas e criacionistas teria causado um desgosto profundo a Darwin, que era religioso e chegou a se preparar para ser pastor da Igreja Anglicana. Esse plano foi interrompido pela fantástica aventura que protagonizou entre 1831 e 1836, em viagem a bordo do *Beagle*, um pequeno navio de exploração científica, numa das passagens mais conhecidas da história da ciência. Aos 22 anos, Darwin embarcou no *Beagle* para servir de acompanhante ao capitão do barco, o aristocrata inglês Robert Fitzroy. Durante a viagem, que se estendeu por quatro continentes, Darwin deu vazão à curiosidade sobre o mundo natural que o acompanhava desde a infância. Até a volta à Inglaterra, havia recolhido 1 529 espécies em frascos com álcool e 3 907 espécimes preservados. Darwin escreveu um diário de 770 páginas, no qual relata suas experiências nos lugares por onde passou. No Brasil, visitou o Rio de Janeiro e a Bahia, extasiando-se com a biodiversidade da Mata Atlântica – mas ficou horrorizado com a escravidão e com a maneira como os escravos eram tratados.

Frans Lanting / Corbis / Latinstock

O pescoço da girafa

Anterior a Darwin, o naturalista francês Lamarck elaborou a primeira teoria da evolução. Para ele, o pescoço da girafa teria esticado para colher folhas e frutos no alto das árvores. A seleção natural de Darwin explica melhor: em grandes períodos de seca, só os animais de pescoço mais longo conseguiam se alimentar, o que favoreceu a reprodução dos pescoçudos.

Durante a viagem, Darwin fez as principais observações que o levariam a formular a Teoria da Evolução pela seleção natural. Grande parte delas teve como cenário as Ilhas Galápagos, no Oceano Pacífico. Lá, reparou que muitas das espécies eram semelhantes às que existiam no continente, mas apresentavam pequenas diferenças de uma ilha para outra. Chamaram sua atenção, principalmente, os tentilhões, pássaros cujo bico apresentava um formato em cada ilha, de acordo com o tipo de alimentação disponível. A única explicação para isso seria que as primeiras espécies de animais chegaram às ilhas vindas do continente. Depois, desenvolveram características diferentes, de acordo com as condições do ambiente de cada ilha. Era a prova da evolução. Mais recentemente, ao estudarem os mesmos tentilhões das Ilhas Galápagos, grupos de biólogos observaram a evolução

ocorrer em tempo real. Os pássaros evoluíam de um ano para outro, de acordo com as mudanças nas condições climáticas da ilha. Darwin, que definiu a evolução como um processo invariavelmente longo, através das eras, ficaria espantado com as novas descobertas em seu parque de diversões científico.

Ao retornar à Inglaterra, após a viagem do *Beagle*, Darwin foi amadurecendo a Teoria da Evolução e começou a escrever *A origem das espécies* dois anos depois, em 1838. Só publicou o volume, no entanto, após 21 anos. Ele sabia do potencial explosivo de suas ideias na ultraconservadora Inglaterra do século XIX – da qual, ele próprio, era um legítimo representante. Elaborar uma teoria que ia contra os dogmas da *Bíblia* era, para Darwin, motivo de enorme angústia. Não colaboravam em nada os temores de sua mulher, Emma, de que, por causa de suas ideias, Darwin fosse para o inferno após a morte, enquanto ela iria para o céu – com isso, eles estariam condenados a viver separados na vida eterna. Darwin nunca declarou que a *Bíblia* estava errada. Manteve a fé religiosa até os últimos anos de vida, quando se declarou agnóstico – segundo seus biógrafos, sob o impacto da morte da filha Annie, aos 10 anos de idade.

David Ball / Corbis / Latinstock

O medo do inferno

Muito religiosa, Emma, a mulher de Darwin, temia que o marido fosse para o inferno. Ela dava por certo que iria para o céu e sofria com a ideia de ficarem separados pela eternidade. À direita, a casa da família, nos arredores de Londres: nela, Darwin viveu e trabalhou por quarenta anos.

Após o lançamento de *A origem das espécies*, um *best-seller* que esgotou rapidamente cinco edições, os cientistas não demoraram a aceitar a proposta de que as plantas e os animais evoluem e se modificam ao longo das eras. Na verdade, essa ideia chegou a ser formulada por outros cientistas, inclusive pelo avô de Darwin, o filósofo Erasmus Darwin. A noção de que a evolução das espécies se dá pela seleção natural, no entanto, é original de Charles Darwin, e só foi aceita integralmente depois da descoberta da estrutura do DNA, em 1953. Darwin atribuiu a transmissão de características entre as gerações a células chamadas gêmulas, que se desprenderiam dos tecidos e viajariam pelo corpo até os órgãos sexuais. Lá chegando, seriam copiadas e passadas às gerações seguintes. Os estudos feitos com ervilhas pelo monge austríaco Gregor Mendel na segunda metade do século XIX, mas aos quais a comunidade científica só deu importância no início do século XX, estabeleceram a ideia básica da genética moderna, a de que as características de cada indivíduo são transmitidas de pais para filhos pelo que ele chamou de "fatores", e hoje se conhece como genes. Com as ervilhas de Mendel, o processo concebido por Darwin teve comprovação científica. A descoberta da dupla hélice do DNA, pelos cientistas James Watson e Francis Crick, em 1953, finalmente esclareceu o mecanismo por meio do qual a informação genética é transmitida através das sucessivas gerações. Hoje, os biólogos se dedicam a responder a questões ainda em aberto no evolucionismo, como quais são exatamente as mudanças genéticas que provocam as adaptações produzidas pela seleção natural. É espantoso que, enquanto continuam a desbravar territórios na ciência, as ideias de Darwin ainda despertem tanto temor.

CARELLI, Gabriela. A Darwin o que é de Darwin... *Veja*. São Paulo: Abril, 11 fev. 2009. Edição 2 099 (Adaptação).

Esse texto, que compõe um especial da revista *Veja* sobre as ideias de Charles Darwin, trata das repercussões geradas ainda hoje pela teoria da evolução.

Como fica evidenciado na reportagem, embora os trabalhos do naturalista inglês sejam valorizados pelos cientistas, muitas pessoas resistem à ideia de que a espécie humana é resultado de milhões de anos de evolução. As ilustrações e os dados que acompanham a reportagem ampliam o conhecimento do leitor ao evidenciarem os fundamentos e a importância do darwinismo na atualidade.

Vale ressaltar que a reportagem privilegia a diversidade de informações. Lendo o texto, os esquemas e analisando as informações, o leitor conhece diferentes motivações, perspectivas e avaliações sobre o tema e, desse modo, pode consolidar sua própria opinião.

RESENHA

A resenha é um texto crítico que avalia uma obra, seja livro literário ou não. É um texto que apresenta as características da obra analisada, comentando cada uma de suas partes. Entretanto, a resenha não deve ser confundida com um resumo. Nos resumos, o autor deve apenas apresentar o conteúdo da obra, isentando-se de expor sua opinião sobre o texto que comenta. Nas resenhas, ao contrário, é necessário que o autor deixe explícita sua avaliação.

Tal como as notícias e as reportagens, a resenha possui um título que antecipa para o leitor seu conteúdo. O texto normalmente contém uma apresentação geral da obra avaliada, seguida de comentários detalhados sobre as partes (capítulos) que a compõem. A avaliação do autor pode se dar à medida que ele comenta a obra ou no final do texto.

Leia a resenha a seguir e observe as características desse gênero.

O Islã próximo

Ali Kamel desnuda a religião muçulmana das vestes do exotismo e faz a defesa da guerra no Iraque.

Oscar Cabral

Kamel: desassombro e didatismo em seu novo livro

Ali Kamel, diretor executivo de jornalismo da Rede Globo, tornou-se um especialista em dinamitação de lugares-comuns e idéias fora do lugar. Para tanto, conta com rigor e aplicação vários metros acima dos níveis habituais dos ensaístas destas plagas. Ele também exibe bastante destemor em seus bons combates. No asilo de conceitos que é o Brasil, há que ter couraça das mais duras (e estômago dos mais fortes), para aguentar os golpes desferidos pelos velhos patrulheiros da imprensa e da universidade – golpes sempre vindos da esquerda e, portanto, abaixo da linha da cintura. Há um ano, Kamel lançou o livro *Não somos racistas,* no qual demonstra que as "ações afirmativas" para favorecer os negros, como o regime de cotas nas faculdades, são de uma irracionalidade tonitruante para uma questão não existente no país – o racismo de matiz americano. O problema nacional, enfatiza Kamel, não é racismo, mas pobreza – que não diferencia milhões de negros de milhões de brancos e de milhões de pardos. Apesar da patrulha, *Não somos racistas* entrou na lista de mais vendidos da VEJA e conseguiu abrir um enorme buraco no monólito conceitual que domina a discussão sobre o assunto no Brasil. Agora, seu autor lança-se a um outro desafio, com o perdão da palavra batida: provar que o islamismo não é uma religião violenta em sua essência (não mais do que o judaísmo e o cristianismo, pelo menos). E que – quanta intrepidez – a guerra travada no Iraque não é tão absurda como faz crer a maioria dos comentaristas. Tais são os temas de *Sobre o Islã* – A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo (Nova Fronteira; 320 páginas; 34,90 reais).

Como revela em parte seu próprio nome, Kamel tem um pé no enredo religioso que aborda não só com desassombro, mas também com didatismo. Seu pai é sírio e muçulmano. Pelo lado materno, as raízes são brasileiras – e católicas. Sua mulher é de origem judaica. "Eu acredito que minha história familiar me possibilita um olhar especial sobre as três religiões monoteístas", escreve ele. O livro começa com o relato pormenorizado de um encontro, registrado em vídeo, de Osama Bin Laden e asseclas com um chefe muçulmano que havia chegado ao Afeganistão em novembro de 2001. Na conversa, eles comemoram os atentados nos Estados Unidos e tecem loas a Deus por ter propiciado a carnificina. Alguns dos terroristas falam das supostas visões antecipatórias que tiveram sobre o que consideram ser uma bênção divina. "Como podem envolver Deus nisso? Que processo leva essas pessoas a criar, a partir de uma religião que se quer pacífica, um dos movimentos políticos mais violentos que o mundo já viu, uma das maiores ameaças ao nosso estilo de vida, às liberdades essenciais do ser humano?", pergunta-se o autor, extravasando uma perplexidade que está longe de ser geral, visto que se disseminou no Ocidente um juízo negativo a respeito do Islã.

Para separar o que é dado religioso daquilo que não passa de interpretação indevida ou apropriação indébita, Kamel empreende uma tarefa hercúlea. Seu objetivo expresso – e plenamente alcançado – é o de demonstrar como o islamismo, em que pesem suas vestes exóticas aos olhos ocidentais, baseia-se nos mesmos pilares do judaísmo e do cristianismo. Nessa direção, ele se aprofunda na gênese comum das três religiões, por meio da comparação entre passagens da *Bíblia* e do *Corão* que narram a vida de personagens fundadores, como Noé, Abraão, Isaac, Ismael e José, até chegar a Jesus. No que se refere a este último, uma curiosidade, na visão dos muçulmanos, ele não é filho de Deus, e sim um profeta maior do que todos os outros. Tanto que, como relata Kamel, "o Islã não aceita a sua crucificação: tudo não teria passado de uma ilusão, já que Jesus teria subido aos céus em seu corpo físico. Seus algozes teriam sido iludidos, viram uma crucificação que nunca houve. Jesus, portanto, não morreu, mais um milagre que Deus concedeu a ele". No final dos tempos, porém, acreditam os islamitas, Jesus voltará à Terra, para derrotar o Anticristo e governar o mundo por 45 anos. Em sua segunda vinda, ele se casará, gerará filhos e morrerá normalmente.

Para os leigos, é surpreendente a figura de Maomé que emerge da síntese do *Corão* feita por Kamel. Do profeta iniciador do islamismo pode-se dizer que foi humano, demasiado humano. Teve uma infância cheia de dificuldades, permaneceu analfabeto até cerca de 40 anos, quando foi visitado pelo arcanjo Gabriel, e suas primeiras visões causaram-lhe angústia. Uma vez imbuído da missão de levar adiante a palavra do Deus único (ou Revelação), experimentou grande resistência para convencer seu povo a abandonar o politeísmo. Em visita ao Paraíso – sim, de acordo com a tradição, ele esteve lá quando vivo –, chegou a negociar com Deus o número de orações diárias a ser feitas pelos muçulmanos, por orientação de um judeu: ninguém menos do que Moisés *(veja trecho)*. Maomé também jamais teve controle algum sobre os versículos que lhe eram soprados por Gabriel e viriam a compor o *Corão,* cuja forma escrita só seria consolidada depois da morte do profeta. Não há registro de que tenha operado milagres. Afirma Kamel: "O certo é que Maomé, ao longo de sua vida, nunca escondeu que era um homem como outro qualquer e, dizem as tradições, gostava de lembrar aos fiéis o que dele dizia o *Corão: Maomé não é mais do que um Mensageiro a quem outros precederam*".

Esse simples mensageiro deixou uma família dividida, que se digladiaria em torno da sucessão de Maomé e da qual o islamismo, por seu turno, herdaria as vertentes sunita e xiita. A diferença entre ambas, explicada em detalhes por Kamel, é basicamente a seguinte: para os sunitas, o profeta não indicou sucessor, a Revelação encontrou o seu termo com a morte de Maomé e só o que há a fazer é seguir a Suna,

os mandamentos legados pelo profeta. Para os xiitas, Maomé foi sucedido por um primo, Ali, o primeiro imã (ou guia espiritual), e a Revelação ainda guarda aspectos ocultos, a serem desvendados por outros imãs. A palavra *xiita* vem do árabe *shi' at'Ali*, cujo significado é "partidários de Ali". Da dissensão entre sunitas e xiitas nasceria grande parte das animosidades que explodem no interior do Islã e também de dentro dele em relação ao exterior – cujo lado mais apavorante é o terrorismo.

Apesar da divisão interna do Islã, Kamel explica que a concepção de que se trata de uma religião movida pelo ódio é fruto da ignorância ocidental e do despotismo de seguidores seus que compõem uma minoria. Há mensagens de violência no *Corão?* Sim, mas também há na *Bíblia* judaico-cristã. Boa parte da expansão muçulmana foi realizada pela força da espada? Sim, mas tanto quanto a cristã. Seus mandamentos e prescrições são por vezes contraditórios? Sim, mas qual religião não embute contradições? Para o autor, o que importa é que, deixando de lado certas vicissitudes, o Islã no mais das vezes teve – e tem – como regra a boa convivência com as outras religiões. Diz Kamel, depois de citar versículos do *Corão* simpáticos ao judaísmo e ao cristianismo: "Não tenho muitas dúvidas de que, ao longo da maior parte de sua história, a ênfase na repulsa a judeus e cristãos sempre foi bem menos intensa do que a ênfase no acolhimento".

Nos capítulos derradeiros do livro, Kamel defende a tese segundo a qual chamar os radicais islâmicos de fundamentalistas é um equívoco que os "enobrece" do ponto de vista religioso. Na realidade, eles seriam apenas totalitários políticos – mais próximos, assim, de um Hitler do que de um Jim Jones, na comparação do autor. É por combater esse totalitarismo que a guerra no Iraque seria, mais do que circunstancialmente necessária, moralmente justa. Inclusive para a sobrevivência do próprio Islã. Maomé e Bush do mesmo lado, quem diria. A lógica da máquina do mundo pode ser infernal. E a coragem de Kamel, assim como Alá, é grande.

Alá fez um abatimento

Por fim, ouviu a voz de Deus, que o mandou de volta com a ordem de instruir seus seguidores a rezar cinquenta vezes ao dia. Ao começar seu caminho de volta, Moisés perguntou-lhe o que lhe fora ordenado, e Maomé respondeu: "Orar cinquenta vezes ao dia". Moisés então lhe disse que o seu povo seria incapaz de cumprir o mandamento. "Eu tentei com o meu povo e não consegui. Volte ao Senhor e lhe peça que alivie o seu povo dessa obrigação." Maomé aceitou o conselho, voltou a Deus, que o liberou de dez orações. Mas, ao passar por Moisés, Maomé ouviu novamente o conselho de Moisés: "Volte lá e peça nova redução. Eu tentei com meu povo e não consegui". Isso se repetiu outras tantas vezes, até que Maomé voltou e disse: "Meu Senhor manda que meu povo ore cinco vezes ao dia." Moisés tornou a insistir que o fardo seria grande, mas Maomé se recusou a voltar, alegando ter vergonha de perturbar Deus novamente. "Estou satisfeito e resignado". E assim, segundo a tradição, ficou estabelecido um dos pilares do islamismo: as cinco orações diárias.

Trecho de *Sobre o Islã*.

SABINO, Mario. O Islã próximo. *Veja*. 22 ago. 2007. Disponível em: <http://veja.abril.com.br>. Acesso em: 06 abr. 2011.

Como é possível perceber, Mario Sabino faz uma avaliação positiva do livro de Ali Kamel e isso já fica claro desde a apresentação. Ao longo do texto, Sabino reitera essa avaliação de forma tanto explícita quanto implícita, o que fica evidenciado, por exemplo, em alguns adjetivos que ele usa para se referir à obra e ao trabalho que Kamel empreendeu para compô-la.

O quadro a seguir sintetiza as características dos gêneros jornalísticos estudados neste módulo

Notícia	Reportagem	Resenha
Relata um fato relevante, de interesse geral.	Apresenta informações diversas e aprofundadas sobre um fato ou assunto controverso.	Apresenta e avalia uma obra, normalmente, recém lançada no mercado editorial.
Apresenta um relato pretensamente verídico de um fato.	Apresenta o fato ou assunto tratado, bem como opiniões e informações diversificadas sobre ele.	Apresenta uma síntese detalhada da obra e a opinião do articulista sobre ela.
Tem caráter expositivo e narrativo.	Tem caráter expositivo e argumentativo.	Tem caráter expositivo e argumentativo.
É escrita em português padrão, em linguagem clara, objetiva e impessoal.	É escrita em português padrão, em linguagem clara, objetiva e impessoal.	É escrita em português padrão, mas admite algum grau de informalidade. Há utilização de adjetivos e advérbios, que evidenciam a opinião do autor.
É escrita em 3ª pessoa – efeito de impessoalidade e distanciamento.	É escrita em 3ª pessoa – efeito de impessoalidade e distanciamento.	Pode ser escrita em 1ª pessoa do singular ou do plural ou em 3ª pessoa.
Não é assinada, mas tem sua autoria devidamente identificada.	Não é assinada, mas tem sua autoria devidamente identificada.	É assinada por um jornalista ou especialista.
É composta por título, *lead* e texto; responde a cinco perguntas: o que, com quem, onde, quando e como aconteceu o fato.	É composta de título informativo, *lead* e texto normalmente acompanhado por depoimentos, gráficos, tabelas, mapas, históricos, etc.	É composta de título informativo e / ou chamativo e texto em que se apresentam as características da obra e a avaliação do autor.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UFMG–2007) Observe esta imagem:

Disponível em: <http://www.solbrilhando.com.br/_Slides/_Diversos/agua_no_carburador.pps>. Acesso em: 10 maio 2006.

Imagine-se no papel de um repórter que comparece ao local onde ocorreu a cena retratada nessa imagem.

REDIJA um texto para o jornal em que você trabalha, noticiando o fato.

DÊ um título à sua notícia.

02. (UERJ-2011 / Adaptado)

Texto I

Quino

Texto II

Um futuro sombrio

No romance *Fahrenheit 451* (1953), Ray Bradbury imagina um futuro sombrio no qual os bombeiros se dedicam não a apagar incêndios mas sim a queimar livros, especialmente de ficção. Segundo o romance, como se chegou a esse futuro?

À proporção que a chamada vida moderna se acelerou, os livros se reduziram primeiro a breves resumos de poucas páginas, depois a emissões radiofônicas de quinze minutos, por fim a no máximo dez linhas em um dicionário. As universidades pararam de produzir professores. Em todos os lugares, espalharam-se "*joke-boxes*", ou seja: caixas de música que, em vez de tocar música, apenas contam piadas. A palavra "intelectual" se converteu em um xingamento.

Como as casas não pegavam mais fogo, os antigos bombeiros passaram a ter o trabalho de queimar todos os livros do mundo. Junto com os livros, eles agora queimam também as pessoas que não desistem de ler. Um bombeiro chamado Montag, porém, lê os livros que deveria queimar. Quando chega a vez de queimarem os seus livros e a ele mesmo, consegue fugir. Na fuga, Montag encontra várias pessoas que vivem nas florestas como nômades, ocupando-se em guardar de memória os livros que leram. São bibliotecas ambulantes disfarçadas de mendigos.

Um deles lhe explica no que eles acreditam: "A coisa mais importante que tivemos de meter na cabeça é que nós não éramos importantes, que não devíamos ser pedantes: nós não nos sentíamos superiores a ninguém mais neste mundo. Somos nada mais do que as capas empoeiradas dos livros, sem qualquer valor intrínseco". Ao dizer que eles não são "mais do que as capas empoeiradas dos livros", o homem livro enfatiza a preocupação de guardar aquilo que torna os seres humanos melhores e maiores.

Depois de ser apresentado a esses homens, Montag vê que a cidade mais próxima se transforma num clarão. Os Estados Unidos finalmente parecem ter sido atingidos por uma bomba atômica (a cena é imaginada quase quarenta anos antes da queda das torres gêmeas).

Ao encontrarem os sobreviventes solitários e perdidos, os homens-livros dizem que eles estão ali para lembrar. Eis como pretendem vencer a longo prazo: de tanto recordarem, acabarão por escavar a maior sepultura de todos os tempos para nela enterrar nada mais nada menos do que a guerra. Os livros que começam a devolver às pessoas se revelarão espelhos nos quais todos podem voltar a se observar longamente.

CANO, Cláudio. Um futuro sombrio. Disponível em: <http://blogderesenhas.com.br> (Adaptação).

A) A resenha do romance *Fahrenheit 451* menciona dois problemas também evocados pelas personagens do texto I.

IDENTIFIQUE um desses problemas e, em seguida, **DESCREVA** a solução apontada para ele no romance, segundo a resenha.

B) No segundo parágrafo da resenha, relatam-se práticas de redução da leitura que se sucederam no romance, além de outros acontecimentos decorrentes dessas práticas.

IDENTIFIQUE dois desses acontecimentos e **EXPLIQUE** por que eles teriam relação com o progressivo fim da leitura de livros.

03. (UERJ–2009)

Texto I

Do bom uso do relativismo

Hoje, pela multimídia, imagens e gentes do mundo inteiro nos entram pelos telhados, portas e janelas e convivem conosco. É o efeito das redes globalizadas de comunicação. A primeira reação é de perplexidade que pode provocar duas atitudes: ou de interesse para melhor conhecer, que implica abertura e diálogo, ou de distanciamento, que pressupõe fechar o espírito e excluir. De todas as formas, surge uma percepção incontornável: nosso modo de ser não é o único. Há gente que, sem deixar de ser gente, é diferente. Quer dizer, nosso modo de ser, de habitar o mundo, de pensar, de valorar e de comer não é absoluto. Há mil outras formas diferentes de sermos humanos, desde a forma dos esquimós siberianos, passando pelos yanomamis do Brasil, até chegarmos aos sofisticados moradores de *Alphavilles*[1], onde se resguardam as elites opulentas e amedrontadas. O mesmo vale para as diferenças de cultura, de língua, de religião, de ética e de lazer.

Desse fato surge, de imediato, o relativismo em dois sentidos: primeiro, importa relativizar todos os modos de ser; nenhum deles é absoluto a ponto de invalidar os demais; impõe-se também a atitude de respeito e de acolhida da diferença porque, pelo simples fato de estar aí, goza de direito de existir e de co-existir; segundo, o relativo quer expressar o fato de que todos estão de alguma forma relacionados. Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. Devemos alargar a compreensão do humano para além de nossa concretização. Somos uma geo-sociedade una, múltipla e diferente.

Todas essas manifestações humanas são portadoras de valor e de verdade. Mas são um valor e uma verdade relativos, vale dizer, relacionados uns aos outros, auto-implicados, sendo que nenhum deles, tomado em si, é absoluto.

Então não há verdade absoluta? Vale o *everything goes*[2] de alguns pós-modernos? Quer dizer, o "vale tudo"? Não é o vale tudo. Tudo vale na medida em que mantém relação com os outros, respeitando-os em sua diferença. Cada um é portador de verdade, mas ninguém pode ter o monopólio dela. Todos, de alguma forma, participam da verdade. Mas podem crescer para uma verdade mais plena, na medida em que mais e mais se abrem uns aos outros.

Bem dizia o poeta espanhol António Machado: "Não a tua verdade. A verdade. Vem comigo buscá-la. A tua, guarde-a". Se a buscarmos juntos, no diálogo e na cordialidade, então mais e mais desaparece a minha verdade para dar lugar à verdade comungada por todos.

A ilusão do Ocidente é de imaginar que a única janela que dá acesso à verdade, à religião verdadeira, à autêntica cultura e ao saber crítico é o seu modo de ver e de viver. As demais janelas apenas mostram paisagens distorcidas. Ele se condena a um fundamentalismo visceral que o fez, outrora, organizar massacres ao impor a sua religião e, hoje, guerras para forçar a democracia no Iraque e no Afeganistão.

Devemos fazer o bom uso do relativismo, inspirados na culinária. Há uma só culinária, a que prepara os alimentos humanos. Mas ela se concretiza em muitas formas, as várias cozinhas: a mineira, a nordestina, a japonesa, a chinesa, a mexicana e outras. Ninguém pode dizer que só uma é a verdadeira e gostosa e as outras não. Todas são gostosas do seu jeito e todas mostram a extraordinária versatilidade da arte culinária. Por que com a verdade deveria ser diferente?

BOFF, Leonardo. Do bom uso do relativismo.
Disponível em: <http://alainet.org>.

Vocabulário:

1. *Alphavilles:* condomínios de luxo.
2. *everything goes:* literalmente, "todas as coisas vão"; equivale à expressão "vale tudo".

Texto II

Crônica da abolição

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup*[1], *post factum*[2], "depois do gato morto", ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Nesse jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coupe do milieu*[3], mas eu prefiro falar a minha língua) levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as idéias pregadas por Cristo há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas idéias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça e pediu à ilustre assembléia que correspondesse ao ato que acabava de publicar brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo: fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

– Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida, e tens mais um ordenado, um ordenado que...

– Oh! meu senhô! Fico.

– Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo: tu cresceste imensamente. Quando nasceste eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

– Artura não qué dizê nada, não, senhô...

– Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis: mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

– Eu vaio um galo, sim, senhô.

– Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

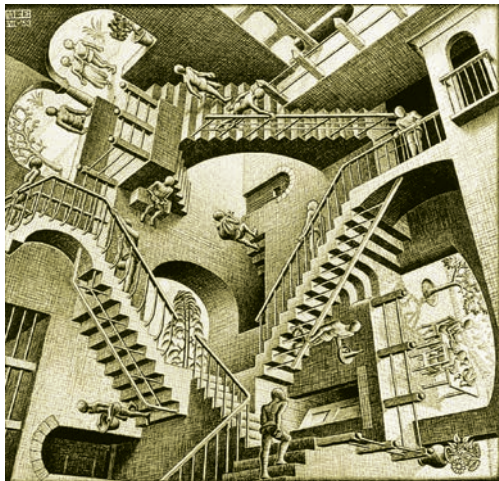
Pancrácio aceitou tudo: aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio: daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente e (Deus me perdoe!) creio que até alegre. [...]

ASSIS, Machado de. Crônica da Abolição.
Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>.

Vocabulário:

1. *après coup:* depois do golpe.
2. *post factum:* depois do fato.
3. *coupe do milieu:* o autor utiliza uma expressão inexistente em francês para mostrar a ignorância da personagem.

Texto III

ESCHER, M. C. Disponível em: <www.mcescher.com>.

A gravura anterior, chamada "Relatividade", é de autoria do artista holandês M. C. Escher. Ela combina, numa mesma imagem, várias maneiras de perceber o espaço. Na realidade, não se podem perceber ao mesmo tempo todas as possíveis visões de um acontecimento; é preciso, junto com o artista, fazer um esforço para imaginar outras perspectivas, ou as perspectivas dos outros.

Recorrendo aos textos e à imagem, **DEMONSTRE**, em uma dissertação de 20 a 30 linhas, a necessidade de que todos compreendam perspectivas diferentes das suas próprias para se conviver melhor.

UTILIZE o registro padrão da língua e a estrutura argumentativa completa. **ATRIBUA** um título ao seu texto.

04. (UEPB–2010) Suponha que você vai fazer ou fez a cobertura de um evento que destaca a temática exposta no cartaz a seguir.

ESCREVA um texto para introduzir uma reportagem a ser publicada em uma revista de circulação nacional, de maneira que informe o leitor sobre o tema em pauta e contribua para a construção de seu posicionamento crítico.

EDUCAÇÃO. São Paulo: Segmento, Ano 28, n. 243, julho, 2001, p. 6 (Adaptação).

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UEPB–2010)

Instrução: Com base na leitura dos excertos a seguir, responda às questões de **01** a **06**.

Conversa em torno da diversidade

Um debate sobre a diversidade na escola reuniu alguns dos maiores nomes da educação mundial na atualidade.

Trecho I

1 O tema da diversidade tem a ver com o tema identidade. Portanto, quando você discute diversidade, um tema que cabe muito no pensamento pós-modernista, está discutindo o tema da diversidade não só em ideias contrapostas, mas
5 também em identidades que se mexem, que se juntam em uma só pessoa. E este é um processo de aprendizagem. Uma segunda afirmação é que a diversidade está relacionada com a questão da educação e do poder. Se a diversidade fosse a simples descrição demográfica da
10 realidade e a realidade fosse uma boa articulação dessa descrição demográfica em termos de constante articulação democrática, você não sentiria muito a presença do tema diversidade neste instante. Há o termo *diversidade* porque há uma diversidade que implica o uso e o abuso de poder,
15 de uma perspectiva ética, religiosa, de raça, de classe. [...]

Carlos Alberto Torres

Trecho II

O tema da diversidade, como tantos outros, hoje em dia, abre muitas versões possíveis de projeto educativo e de projeto político e social. É uma bandeira pela qual temos que reivindicar, e pela qual temos reivindicado há muitos anos,
20 a necessidade de reconhecer que há distinções, grupos, valores distintos, e que a escola deve adequar-se às necessidades de cada grupo. Porém, o tema da diversidade também pode dar lugar a uma série de coisas indesejadas. [...]

Rosa Maria Torres

PÁTIO. Diversidade na educação: limites e possibilidades. Ano V, n. 20, p. 29, fev. / abr. 2002 (Adaptação).

01. No fragmento "[...] está discutindo o tema da diversidade **não só** em ideias contrapostas, **mas também** em identidades **que se mexem, que se juntam** em uma só pessoa." (linhas 3-6), pode-se concluir que

( ) a expressão "não só [...] mas também" apresenta um acréscimo na direção argumentativa do texto, funcionando como pista para o que o autor quer dizer.

( ) o sujeito de "está discutindo [...] em identidades" está indeterminado na oração e interfere no sentido do texto.

( ) as expressões "[...] que se mexem, que se juntam [...]", além de exercerem uma função sintática oracional, desempenham também uma função discursiva na sequência do texto.

Analise as proposições anteriores coloque **V** para as **VERDADEIRAS** e **F** para as **FALSAS** e marque a alternativa **CORRETA**.

A) V V F
B) V F V
C) F V F
D) V F F
E) F F V

02. Do enunciado "O tema da diversidade **tem a ver** com o tema identidade." (linha 1), pode-se inferir que

I. "diversidade e identidade" fazem parte do mesmo campo semântico, sendo a palavra "identidade" considerada um hiperônimo, em relação à "diversidade".

II. há uma relação de intercomplementariedade entre "diversidade e identidade", em função do efeito de sentido que se instaura no paradigma argumentativo do enunciado.

III. a expressão "tem a ver" pode ser considerada de uso coloquial e indica nesse contexto um vínculo temático entre "diversidade e identidade".

Marque a alternativa a seguir que apresenta a(s) proposição(ões) **VERDADEIRA**(**S**).

A) II, apenas.
B) II e III.
C) III, apenas.
D) I e II.
E) I, apenas.

03. O termo em destaque em "E **este** é um processo de aprendizagem." (linha 6) faz referência

A) ao enunciado que antecede e acrescenta uma informação conclusiva e conceitual.

B) apenas ao enunciado "um tema que cabe bem no pensamento pós-modernista" e introduz um esclarecimento do que foi dito.

C) às "ideias contrapostas" e pressupõe uma relação de contradição.

D) ao "tema da diversidade" e anuncia a progressividade do texto.

E) ao "tema identidade" e estabelece uma relação de contiguidade.

04. Em "O tema da diversidade, **como tantos outros**, [...]" (linha 16) a expressão em destaque pode ser considerada como

I. termo explicativo, com valor sintático, pois explicita algo a mais em razão do enunciado fundamental.

II. construção que apresenta relação causal, tendo em vista ser introduzida pela preposição "como".

III. um sintagma, com sentido opinativo, que apresenta relação de comparação com a expressão anterior.

IV. expressão intercalada de valor enumerativo que estabelece uma referência comparativa genérica.

Marque a alternativa a seguir que apresenta a(s) proposição(ões) **VERDADEIRA**(**S**).

A) I, III e IV.
B) II, apenas.
C) II e III.
D) I e III, apenas.
E) I e IV, apenas.

05. Em "[...] pela qual **temos que reivindicar,** e pela qual **temos reivindicado**[...]" (linhas 18-19), os fragmentos em destaque

I. podem ser considerados redundantes, pois remetem para o foco discursivo da temática, que produz sentido de redução no grau de informatividade.

II. exercem a função de oração subordinada cuja repetição enfatiza os pontos de relação que o processamento dos sentidos requer.

III. apresentam aspecto reiterativo, embora a ação verbal se instaure em dois planos temporais distintos, favorecendo a constituição dos efeitos discursivos.

Marque a alternativa a seguir que indica a(s) proposição(ões) **VERDADEIRA**(**S**).

A) III, apenas.
B) I e III, apenas.
C) I, II e III.
D) II, apenas.
E) II e III, apenas.

06. Em "[...] há distinções, grupos, valores distintos [...]" (linhas 20-21), pode-se concluir que há

( ) um encadeamento de palavras que constrói a materialidade significativa do texto.

( ) uma intencionalidade interlocutiva que desencadeia uma gradação textual, colaborando com a coerência do texto.

( ) uma repetição de unidades lexicais, com função reducionista no foco da informação.

( ) um conjunto de palavras cotextualizadas que funcionam na organização do texto.

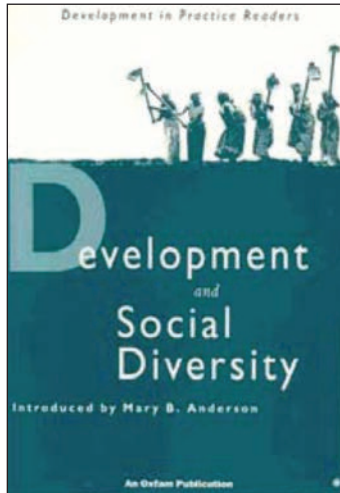
Analise as proposições anteriores, e assinale **V** para as **VERDADEIRAS** e **F** para as **FALSAS**.

Marque a alternativa correta.

A) V F F V
B) V V F V
C) F V F V
D) V F V F
E) F F V F

Instrução: Leia o texto e responda às questões de **07** a **09**.

Desenvolvimento e diversidade Social

Introdução de Mary B. Anderson,
editado por Deborah Eade.

A diversidade social baseia-se em três realidades humanas. **Primeiramente**[1], a de que cada indivíduo é único. **Em segundo lugar**[2], a de que os indivíduos e suas sociedades estão inter-relacionados e interdependentes. **Por último**[3], a de que **as sociedades e culturas são dinâmicas**[4]: as mudanças podem ser rápidas ou graduais, mas irão sempre afetar diferentes membros da sociedade de modo a refletir as diferenças em termos de poder e *status*. Essa coletânea reúne artigos que exploram uma variedade de demandas que as pessoas reivindicam quanto à questão do desenvolvimento, dependendo de se elas são jovens ou idosas, mulheres ou homens, de uma cultura dominante ou de um grupo social oprimido. Naila Kabeer examina o significado das relações de gênero no contexto da prática de desenvolvimento e das instituições de desenvolvimento, um tema também analisado por Lewis B. Dzimbiri em relação aos programas de refugiados e por Yezichalem Kassa e Feleke Tadele ao diagnosticarem as necessidades das comunidades rurais. Mark Gorman concentra-se na velhice e nas necessidades dos idosos, enquanto que Tom Scanlon, Francesca Scanlon e Maria Luiza Nobre Lamarao descrevem os desafios do trabalho com crianças de rua e adolescentes. Shubi L. Ishemo argumenta a favor da centralidade da cultura nos processos de mudanças sociais e econômicas e contra as abordagens do desenvolvimento e ajuda humanitária que não são culturalmente familiares às pessoas afetadas.

Disponível em: <http://www.developmentinpractice.org/pt/apc_bpcv2n-x-q.html?index=yes>.

07. Em relação à resenha, pode-se inferir que

( ) situa o tema da obra resenhada de forma clara e objetiva e resume os conteúdos abordados pelos autores que compõem a coletânea.

( ) desenvolve o tema da diversidade social e articula as ideias de forma resumida, fazendo apreciações e imprimindo juízo de valor sobre a obra.

( ) apresenta breve comentário que incentiva a leitura do livro resenhado com a finalidade de transmitir uma ideia geral sobre o sentido nele contido.

( ) sintetiza uma obra e expõe críticas em relação à temática, justificando o posicionamento dos autores.

Analise as proposições anteriores, e assinale **V** para as **VERDADEIRAS** e **F** para as **FALSAS**.

Marque a alternativa correta.

A) V F V F

B) V V F V

C) F F V F

D) V F F F

E) F V F V

08. As expressões "Primeiramente" (ref. 1), "Em segundo lugar" (ref. 2) e "Por último" (ref. 3) asseguram

I. a compatibilidade entre os enunciados, estabelecem relação de progressividade e funcionam como operadores de sequenciação no texto.

II. o encadeamento linear de elos coesivos, reiteram a coerência textual e especificam a sucessão de ideias no texto.

III. a retomada de termos e funcionam como pistas linguísticas que propiciam sentidos ao texto.

Marque a alternativa a seguir, que indica a(s) proposição(ões) **VERDADEIRA(S)**.

A) I, apenas.

B) I e III.

C) I e II.

D) II, apenas.

E) III, apenas.

09. Em "[...] as sociedades e culturas são dinâmicas: [...]", (ref. 4) os dois pontos foram usados com a função de

A) estabelecer a direção que é dada ao encadeamento do texto, com ênfase apenas na coesão.

B) marcar graficamente uma citação sobre sociedades e culturas.

C) estabelecer uma relação de sentido, explicitando a dinamicidade entre sociedades e culturas.

D) codificar o início de um discurso direto do autor sobre a diversidade social.

E) anteceder o discurso de outro sobre o tema abordado.

10. Leia o texto.

Considerando a leitura do texto, pode-se inferir

I. o princípio de igualdade de raças e nele a superação da intolerância e do preconceito.

II. o respeito à diversidade que deve constituir a organização da sociedade brasileira.

III. a construção de uma sociedade em função da pluralidade social e cultural pressuposta no paralelismo linguístico.

IV. a responsabilidade de conquista dos negros por uma posição social hierárquica proeminente.

Marque a alternativa a seguir, que indica a(s) proposição(ões) **VERDADEIRA(S)**.

A) II e III, apenas.
B) I, III e IV.
C) II, III e IV.
D) I, II e III.
E) I e II, apenas.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2004)

O movimento *hip-hop* é tão urbano quanto as grandes construções de concreto e as estações de metrô, e cada dia se torna mais presente nas grandes metrópoles mundiais. Nasceu na periferia dos bairros pobres de Nova Iorque. É formado por três elementos: a música (o *rap*), as artes plásticas (o grafite) e a dança (o *break*). No *hip-hop,* os jovens usam as expressões artísticas como uma forma de resistência política.

Enraizado nas camadas populares urbanas, o *hip-hop* afirmou-se no Brasil e no mundo com um discurso político a favor dos excluídos, sobretudo dos negros. Apesar de ser um movimento originário das periferias norte-americanas, não encontrou barreiras no Brasil, onde se instalou com certa naturalidade – o que, no entanto, não significa que o *hip-hop* brasileiro não tenha sofrido influências locais. O movimento no Brasil é híbrido: *rap* com um pouco de samba, *break* parecido com capoeira e grafite de cores muito vivas.

Ciência e cultura, 2004.

De acordo com o texto, o *hip-hop* é uma manifestação artística tipicamente urbana, que tem como principais características

A) a ênfase nas artes visuais e a defesa do caráter nacionalista.

B) a alienação política e a preocupação com o conflito de gerações.

C) a afirmação dos socialmente excluídos e a combinação de linguagens.

D) a integração de diferentes classes sociais e a exaltação do progresso.

E) a valorização da natureza e o compromisso com os ideais norte-americanos.

02. (Enem–2010)

O dia em que o peixe saiu de graça

Uma operação do Ibama para combater a pesca ilegal na divisa entre os estados do Pará, Maranhão e Tocantins incinerou 110 quilômetros de redes usadas por pescadores durante o período em que os peixes se reproduzem. Embora tenha um impacto temporário na atividade econômica da região, a medida visa preservá-la ao longo prazo, evitando o risco de extinção dos animais. Cerca de 15 toneladas de peixes foram apreendidas e doadas para instituições de caridade.

ÉPOCA. 23 mar. 2009 (Adaptação).

A notícia, do ponto de vista de seus elementos constitutivos,

A) apresenta argumentos contrários à pesca ilegal.

B) tem um título que resume o conteúdo do texto.

C) informa sobre uma ação, a finalidade que a motivou e o resultado dessa ação.

D) dirige-se aos órgãos governamentais dos estados envolvidos na referida operação do Ibama.

E) introduz um fato com a finalidade de incentivar movimentos sociais em defesa do meio ambiente.

03. (Enem–2010)

Choque a 36 000 km/h

A faixa que vai de 160 quilômetros de altitude em volta da Terra assemelha-se a uma avenida congestionada onde orbitam 3 000 satélites ativos. Eles disputam espaço com 17 000 fragmentos de artefatos lançados pela Terra e que se desmancharam – foguetes, satélites desativados e até ferramentas perdidas por astronautas.

Com um tráfego celeste tão intenso, era questão de tempo para que acontecesse um acidente de grandes proporções, como o da semana passada. Na terça-feira, dois satélites em órbita desde os anos 90 colidiram em um ponto 790 quilômetros acima da Sibéria. A trombada dos satélites chama a atenção para os riscos que oferece a montanha de lixo espacial em órbita. Como os objetos viajam a grande velocidade, mesmo um pequeno fragmento de 10 centímetros poderia causar estragos consideráveis no telescópio Hubble ou na estação espacial Internacional — nesse caso pondo em risco a vida dos astronautas que lá trabalham.

VEJA. 18 set. 2009 (Adaptação).

Levando-se em consideração os elementos constitutivos de um texto jornalístico, infere-se que o autor teve como objetivo

A) exaltar o emprego da línguagem figurada.

B) criar suspense e despertar temor no leitor.

C) influenciar a opinião dos leitores sobre o tema, com as marcas argumentativas de seu posicionamento.

D) induzir o leitor a pensar que os satélites artificiais representam um grande perigo para toda a humanidade.

E) exercitar a ironia ao empregar "avenida congestionada"; "tráfego celeste tão intenso"; "montanha de lixo".

04. (Enem–2002)

1.

Comício pelas Diretas Já, em São Paulo, 1984.

Para que existam hoje os direitos políticos, o direito de votar e ser votado, de escolher seus governantes e representantes, a sociedade lutou muito.

Disponível em: <www.iarabernardi.gov.br>
Acesso em: 01 mar. 2002.

2. A política foi inventada pelos humanos como o modo pelo qual pudessem expressar suas diferenças e conflitos sem transformá-los em guerra total, em uso da força e extermínio recíproco. [...]

A política foi inventada como o modo pelo qual a sociedade, internamente dividida, discute, delibera e decide em comum para aprovar ou reiterar ações que dizem respeito a todos os seus membros.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*.
São Paulo: Ática, 1994.

3. A democracia é subversiva. É subversiva no sentido mais radical da palavra.

Em relação à perspectiva política, a razão da preferência pela democracia reside no fato de ser ela o principal remédio contra o abuso do poder. Uma das formas (não a única) é o controle pelo voto popular que o método democrático permite pôr em prática. *Vox populi vox dei.*

BOBBIO, Norberto. *Qual socialismo?*
Discussão de uma alternativa.
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 (Adaptação).

4. Se você tem mais de 18 anos, vai ter de votar nas próximas eleições. Se você tem 16 ou 17 anos, pode votar ou não.

O mundo exige dos jovens que se arrisquem. Que alucinem. Que se metam onde não são chamados. Que sejam encrenqueiros e barulhentos. Que, enfim, exijam o impossível.

Resta construir o mundo do amanhã. Parte desse trabalho é votar. Não só cumprir uma obrigação. Tem de votar com hormônios, com ambição, com sangue fervendo nas veias. Para impor aos vitoriosos suas exigências – antes e principalmente depois das eleições.

FORASTIERI, André. Muito além do voto.
Época. 06 maio 2002 (Adaptação).

Considerando a foto e os textos apresentados, **REDIJA** um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema

> O direito de votar: como fazer dessa conquista um meio para promover as transformações sociais de que o Brasil necessita?

Ao desenvolver o tema, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões, e elabore propostas para defender seu ponto de vista.

Observações:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.

GABARITO

Fixação

01. O texto, a ser escrito em forma de notícia, deve apresentar uma introdução, explicitando informações sobre o fato, como tempo, lugar, pessoas envolvidas, modo e motivo (*lead*).

    O aluno deve perceber que a notícia se refere a um fato ocorrido – ou descoberto – recentemente. Assim, o tempo verbal predominante é o pretérito.

    Após a introdução, é possível acrescentar outras informações que expliquem melhor o fato e confiram credibilidade ao texto, como o breve relato de uma testemunha, as medidas necessárias para solucionar o problema, possíveis consequências do fato, etc.

    Além disso, na criação do fato, o aluno deve considerar detalhes da fotografia para produzir uma notícia coerente com ela:

    – a presença de policiais / bombeiros no local;
    – o estado e o tipo do carro;
    – características do ambiente.

    Por fim, o aluno deve abordar o fato de modo que sua publicação no jornal seja justificável.

02. A) O aluno deve citar um dos problemas a seguir:
    - aceleração da vida moderna;
    - guerra.

    A resenha mostra que o restabelecimento do contato com os livros permite que os homens voltem a refletir mais longamente e, ao mesmo tempo, acabem com a guerra.

    B) O aluno deve citar dois dos acontecimentos a seguir:
    - As universidades não produzirem mais professores;
    - As caixas de música serem substituídas por caixas de piada;
    - A palavra "intelectual" se tornar um xingamento.

    Esses fatos são desdobramentos da redução das formas de conhecimento e de comunicação.

03. Nessa questão, o aluno deve demonstrar como a convivência em sociedade é melhorada quando todos compreendem perspectivas diferentes das suas próprias. Como afirma Leonardo Boff, nosso modo de ser, nossos pensamentos e valores não são únicos; há diferenças de cultura, de língua, de religião, de valores e de lazer. O aluno pode argumentar que essa impossibilidade de unificação torna o respeito mútuo imprescindível para que não haja um caos. Respeitar as diferenças é elementar para que confrontos sejam evitados. O aluno pode reforçar sua argumentação mencionando guerras ou conflitos que se instauram pela falta de compreensão da perspectiva do outro.

    É importante ressaltar também que, hoje, com a globalização, as fronteiras estão cada vez mais tênues; logo, a necessidade de se respeitar a cultura do outro é ainda maior.

04. O texto a ser produzido pelo aluno deve introduzir uma reportagem sobre a temática "Somos todos diferentes". A reportagem, assim como a notícia, deve possuir um título chamativo e o *lead,* que sintetizará seu conteúdo. Além disso, a reportagem, como foi dito na proposta, deve informar ao leitor sobre o tema em pauta e contribuir para a construção de seu posicionamento crítico; logo, é importante que se apresentem ao leitor pontos de vista diferenciados sobre o assunto para que ele tenha condições de formar uma opinião. Diante disso, espera-se que o aluno apresente o tema "Somos todos diferentes" de maneira mais ampla, pois o texto a ser escrito deve ser a introdução da reportagem. Assim, é possível apresentar reflexões críticas, exemplos e levantar questões como as seguintes: É comum ouvirmos que somos todos iguais e que, por isso, devemos ser tratados de forma igualitária. Mas isso será mesmo verdade? As diversas manifestações de preconceito e discriminação não seriam diminuídas se, ao contrário, tivéssemos bem clara a ideia de que somos todos diferentes?

    O texto, que deve servir apenas como introdução da reportagem, precisa ser claro, coeso e coerente.

Propostos

01. B
02. B
03. A
04. D
05. E
06. B
07. A
08. C
09. C
10. D

Seção Enem

01. C
02. C
03. C
04. A proposta de redação associa o voto à necessidade de participação social nas transformações do país. A foto do comício das "Diretas Já" e a referência de Marilena Chauí à política como prática "inventada pelos humanos" para que se tornasse possível a expressão das diferenças auxiliam o aluno a melhor delimitar o tema: os argumentos da redação podem abordar exemplos históricos importantes para a comprovação da necessidade do voto como forma de conscientização política.

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 10 FRENTE B

Intertextualidade

A teoria da intertextualidade evidencia como as produções linguística e artística são construídas a partir de uma tradição, que pode ser reverenciada, ridicularizada, aludida ou recortada e colada de um modo inusitado. Isso significa que nenhum ato de fala, de escrita ou de produção intelectual parte do novo, tem um ineditismo, uma genialidade, uma "originalidade". Essa concepção de obra "original", edificada por um único "gênio", foi construída a partir do século XIX, devido não só à invenção da imprensa e ao desejo dos autores de resguardarem os seus direitos autorais como também devido à possibilidade de se imortalizarem como mártires, como heróis, também no plano da escrita. Na contemporaneidade, há, além de uma reflexão, uma compreensão de que a utopia da obra única, original e inovadora é uma falácia, pois toda produção é feita a partir de algo já produzido, já visto. É impossível o artista se conceber ilhado em uma "torre de marfim", pois a sua arte, direta ou indiretamente, possui um diálogo com as outras artes. No poema "Tecendo a manhã", por exemplo, o escritor João Cabral retrata essa ideia por meio da metáfora do "galo" que "sozinho não tece uma manhã".

Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.

De um galo que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
[...]

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 345.

A partir dessa concepção, não há mais por que conceber as ideias de "influência", "originalidade" e "superioridade" de uma arte ou cultura em relação às demais. Com isso, percebe-se nas produções contemporâneas uma ruptura com a hierarquia. Não se classifica mais a "Alta Literatura" e a "Literatura Menor". Esse desfocamento do olhar possibilita aos autores e aos leitores contemporâneos não ficarem restritos a um universo canônico de referências. Assim, escutam-se diferentes vozes como a das mulheres, a dos índios, a dos homossexuais, a dos negros, a dos orientais, a dos "marginais" dentro do sistema capitalista. Tal trânsito ocorre não só entre culturas, mas também entre as várias artes e os vários gêneros textuais, de modo que a literatura, as artes plásticas, o cinema, a fotografia, a Internet, a televisão, a dança, a música, a propaganda, as cantigas populares, os provérbios, os quadrinhos, os textos científicos, os discursos filosóficos, os aforismos, as narrativas orais convivem em um amplo diálogo nas manifestações contemporâneas. Observe os seguintes exemplos:

Obra do Construtivismo Russo, movimento estético-político iniciado em 1919.

Capa do segundo álbum da banda de rock escocesa Franz Ferdinand, lançado em 2005.

Medusa – Caravaggio*, 1590*

Medusa Marinara – Vik Muniz*, 1997*

MUNIZ, Vik. Medusa Marinara. In: LAGO, Pedro Corrêa (org.). *Vik Muniz:* obra completa 1987-2009. Rio de Janeiro: Capivara, 2009, p. 693.

Todo esse intenso contato entre as obras de diferentes artistas é denominado de **intertextualidade**. Entretanto, vale a pena ressaltar que, caso um autor retome outras obras de sua própria autoria, tem-se um caso de **intratextualidade**. Tais nomes são uma forma genérica de se tratar o assunto. Cada procedimento de retomar outro texto – e o modo como isso é feito – recebe um nome específico que, a partir de agora, será abordado. Veja, portanto, as formas de se praticar a intertextualidade.

ALUSÃO OU REFERÊNCIA

Esse é o modo mais frequente de intertextualidade. Talvez, sem saber, você o empregue continuamente em seu cotidiano. Pois a alusão ou referência se encontra em todas as situações em que você chama algum amigo por um apelido, associando-o a um personagem da televisão, do cinema ou da literatura. Portanto, ao fazer menção **ao nome de uma obra, nome de um autor, nome de um personagem**, você está fazendo uma alusão. Veja alguns exemplos comuns de alusão (com certeza você já deve ter escutado essas expressões em seu dia a dia):

– *Ela já é uma* **balzaquiana**.
– *Que sujeito* **maquiavélico**!
– *Esse rapaz é um* **Don Juan**.

Você deve ter notado que tais termos exigem do leitor / ouvinte um conhecimento prévio. Caso contrário, a alusão não pode ser compreendida. Vamos pegar como exemplo a seguinte música de Adriana Calcanhotto:

Parangolé Pamplona

O Parangolé Pamplona você mesmo faz
O Parangolé Pamplona a gente mesmo faz
Com um retângulo de pano de uma cor só
E é só dançar
E é só deixar a cor tomar conta do ar
Verde
Rosa
Branco no branco no preto nu
Branco no branco no preto nu

O Parangolé Pamplona
Faça você mesmo
E quando o couro come
É só pegar carona
Laranja
Vermelho

Para o espaço estandarte
"Para o êxtase asa-delta"
Para o delírio porta aberta

Pleno ar
Puro Hélio
mas
O Parangolé Pamplona você mesmo faz

CALCANHOTTO, Adriana. Disponível em: <http://adrianacalcanhotto.com.br/sec_discografia2_letra.php?id=53>. Acesso em: 28 fev. 2011.

Essa música é uma homenagem da cantora ao artista plástico Hélio Oiticica, um dos mais relevantes nomes do século XX. Ele foi o criador de uma obra-objeto representada por uma capa que deveria ser vestida e movimentada pelas pessoas. Com isso, o público não seria apenas um admirador da obra de arte, mas um coautor dela, um coprodutor do fazer artístico. Além disso, a proposta estética de Oiticica era evidenciar como a arte é vida em movimento, é fruto do cotidiano, não apenas objeto estanque em acervo de museus. A letra da música evidencia toda essa reflexão estética feita a partir dos parangolés, como cada um, ao vestir o seu parangolé, "faz" a "sua" obra de arte, exposta nas paredes de seu cotidiano. Se o leitor ou ouvinte não tiver informações sobre isso, será incapaz de reconhecer a homenagem feita por Adriana Calcanhotto ao artista e de compreender a alusão presente na música.

Claudio Oiticica

Mosquito da Mangueira veste Parangolé 10, capa 6 – Hélio Oiticica, 1965.

CITAÇÃO

No processo da citação, um escritor reproduz, literalmente, as palavras de outro autor. Nos textos científicos e informativos, obrigatoriamente, a citação deve aparecer entre aspas, itálico ou negrito, o que não é tão crucial nas obras literárias. Segundo o crítico Antoine Compagnon, o emprego da citação deve-se a inúmeras funções. Observe que eu estou citando-o e ele, por sua vez, também cita outro escritor. Isso já é um exemplo de como a prática da intertextualidade é uma rede infinita, um mosaico, um caleidoscópio, uma colcha de retalhos.

> O elemento formal da citação pode satisfazer a um vasto inventário de funções. Eis algumas que Stefan Morwski julga fundamentais: função de erudição, invocação de autoridade, função de amplificação, função ornamental.
>
> COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 47.

Por meio da citação anterior, é possível reconhecer que, ao citar, um autor renuncia ao seu espaço de enunciação, talvez por considerar que outro escritor tenha dito algo de maneira mais apropriada e que não é possível superá-lo. Isso ocorre em várias situações de nosso dia a dia. Quantas vezes você não escreveu algum cartão de aniversário ou uma carta de amor, citando trechos de alguns poemas para que eles dissessem por você o que estava difícil de ser expresso? Além disso, como salienta Compagnon, a citação de outro autor também pode legitimar as suas palavras, demonstrar como a sua teoria é compartilhada por outras vozes. Citar, nessas circunstâncias, equivale a invocar uma autoridade para explicitar a validade de seu discurso, pois um escritor renomado compartilha algo a partir do seu ponto de vista. Lembre-se de que citar sem informar a fonte é um crime, é plágio, pois nesse caso você se apropria de forma indevida e ilícita de uma enunciação alheia, assinando-a como sua.

Um exemplo clássico de citação é a **epígrafe**: texto introdutório, colocado na abertura de uma obra, com a função de antecipar para o leitor o conteúdo e a proposta do livro. A epígrafe é o primeiro exercício de intertextualidade de um texto, o primeiro indício de que o presente resgata a tradição, de que um "galo" profere o seu "canto" a partir do "canto de outro galo".

PARÁFRASE

Caso, em algum momento de escrita, você prefira modificar o texto de um outro autor, em vez de reproduzi-lo literalmente por meio da citação, o tipo de intertextualidade praticado é a paráfrase. Parafrasear um texto é reescrevê-lo de modo "amistoso", sem qualquer tom agressivo ou sarcástico. São exemplos de paráfrases produções como o resumo ou a adaptação de uma obra adulta para o público infanto-juvenil. No caso da literatura, ela se estabelece quando um autor remonta a outro texto, acrescentando-lhe um novo sentido. Observe como nos exemplos a seguir, apresentados por Affonso Romano de Sant'anna, houve simultaneamente um caso de citação e paráfrase feito por Jorge de Lima a partir da *Divina comédia*, de Dante Alighieri.

Texto I

Fragmento do "Paraíso", canto XXXI, de Dante

De tantas coisas quantas eu ver pude
Ao teu grande valor e alta bondade
A graça referir devo e virtude.

[...]
Sendo eu servo, me deste a liberdade
pelos meios e vias conduzido,
De que dispunha a tua potestade.
Seja eu do teu valor fortalecido,
Porque minha alma, que fizeste pura
te agrade ao ser seu vínculo solvido.

Texto II

Fragmento de "A invenção de Orfeu", de Jorge de Lima

De tantos climas quantos eu ver pude
a teu grande esplendor e alta porfia
a graça referir devo Alighieri,
Nas palavras que a Deus são também minhas
Sendo eu servo, me deste a liberdade
pelos meios e vias conduzido,
De que dispunha a tua potestade.
Seja eu do teu valor fortalecido,
Porque minha alma, que fizeste pura
te louve ao ser seu vínculo solvido.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia.* 7. ed. São Paulo: Ática, 2003, p. 55–56.

PARÓDIA

Se a paráfrase é uma retomada de outra obra com o intuito de relê-la, de louvá-la, a paródia é um resgate sarcástico, debochado, crítico e irônico. A produção do presente se volta contra alguma obra do passado para ridicularizá-la, para satirizá-la. Essa ruptura irreverente com os antepassados se faz por meio de uma postura agressiva, por uma necessidade parricida de assassinar os valores precedentes e legitimar uma nova visão e representação para o mundo. A prática da paródia se instaura, portanto, sobre uma "tradição da ruptura". Por isso, sua produção mais intensa se marca principalmente a partir das vanguardas europeias e dos modernistas do século XX. Os dadaístas, os cubistas e os surrealistas romperam o pacto com a tradição e buscaram construir um culto ao novo (*make it new*).

Leia o seguinte texto:

Texto I

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive
[...]
Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar
[...]

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos 10 ed.* São Paulo: Ediouro, 2005.

Nesse famoso poema de Manuel Bandeira, o eu lírico encontra-se infeliz, insatisfeito com a sua realidade. Pasárgada configura-se a seus olhos como o lugar da evasão, da fantasia, onde os sonhos são realizáveis e onde a felicidade é possível. Agora leia a adaptação feita por Millôr Fernandes:

Texto II

Que Manuel Bandeira me perdoe, mas Vou-me embora de Pasárgada

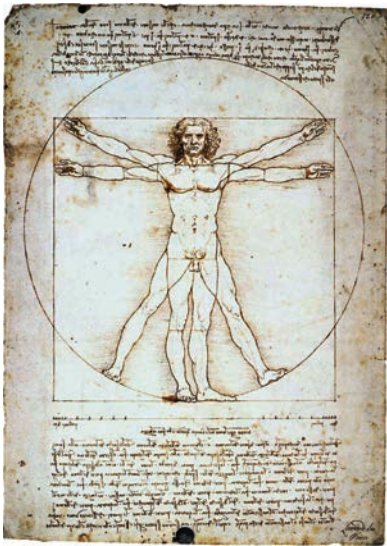
Vou-me embora de Pasárgada
Sou inimigo do Rei
Não tenho nada que eu quero
Não tenho e nunca terei
Aqui eu não sou feliz
A existência é tão dura
As elites tão senis
Que Joana, a louca da Espanha,
Ainda é mais coerente
do que os donos do país.
[...]

FERNANDES, Millôr. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/millor/aberto/poemas/014.htm>. Acesso em: 28 fev. 2011.

O texto de Millôr Fernandes retoma de forma paródica o poema de Manuel Bandeira. Nesse caso, não há a intenção de ridicularizar ou de criticar o poeta modernista, mas sim de ressignificar sua obra, cuja releitura é utilizada para satirizar o Brasil. A desconstrução do poema de Bandeira é anunciada logo de início, por meio da frase "Que Manuel Bandeira me perdoe". A subversão do sentido original do poema também aparece de forma explícita, por meio das diversas oposições que são estabelecidas:

Eu lírico do Texto I	Eu lírico do Texto II
quer partir em busca de Pasárgada;	pretende abandonar Pasárgada;
é amigo do Rei;	é inimigo do Rei;
tem tudo que deseja;	não tem nem terá nada do que deseja;
é feliz em Pasárgada;	não é feliz em Pasárgada;
acha a existência em Pasárgada uma aventura.	considera dura a existência em Pasárgada.

Millôr é um escritor do século XX, conhecido, entre outros motivos, pela crítica inteligente e bem-humorada que constrói a respeito das diversas situações políticas, sociais e cotidianas do país. Se, no poema de Bandeira, Pasárgada apresenta-se como o espaço da fantasia, no poema de Millôr, Pasárgada representa a realidade do Brasil, uma terra desorganizada, governada por elites senis e incoerentes, onde o cidadão comum, que não é influente ("não é amigo do Rei"), não tem muitas possibilidades de conquistar seus objetivos e ver seus sonhos realizados.

A paródia ocorre também nas artes plásticas. Obras muito famosas, como as de Leonardo da Vinci, por exemplo, frequentemente são retomadas com propósito crítico ou cômico. Observe o seguinte exemplo:

Leonardo da Vinci

O homem vitruviano. DA VINCI, Leonardo, 1490. Lápis e tinta sobre papel 34 × 24 cm Gallerie dell'Accademia.

Artista desconhecido

O homem vitruviano moderno. Paródia da obra de Da Vinci.

Disponível em: <http://focto.com/81841836>. Acesso em: 04 fev. 2011.

PASTICHE

Essa prática intertextual se estrutura a partir de um processo de simulação do estilo de um artista, de uma escola literária (Classicismo, Barroco, Romantismo, Parnasianismo, etc.) ou de um gênero textual (notícias, receitas culinárias, classificados, propagandas, dicionário, etc.). Enquanto a paráfrase foi um recurso recorrente no Romantismo, e a paródia se transformou, por excelência, na intertextualidade do Modernismo, o pastiche é muito empregado pelos autores pós-modernos. Um dos exemplos mais clássicos da literatura brasileira é a obra *Em liberdade*, de Silviano Santiago, em que esse autor faz um pastiche do estilo de Graciliano Ramos. Leia um fragmento da obra para que você possa se certificar do modo como Silviano Santiago "imitou" e reproduziu a linguagem do autor de *Memórias do Cárcere*.

16 de janeiro

Fiquei satisfeito ao encontrar Heloísa sozinha, à minha saída da Casa de Correção, no dia 13. Nessas ocasiões, um é pouco, dois é bom e três é demais. Qualquer grupo que se formasse no portão teria me constrangido e, bicho do mato que sou, teria dado meia volta à espera de melhor hora para ganhar a liberdade.

Experiência pior do que a de ter um grupo no portão à minha espera, foi a descoberta que fiz logo depois de ter-me despedido do Diretor do presídio, de pisar a rua e de abraçar Heloísa (ela quis esperar-me cá fora): descobri que, fora das grades, dinheiro é importante, indispensável e insubstituível. Eu estava a nenhum. Quebrado, sem um tostão na algibeira.

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

Em *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, há um pastiche de receitas culinárias e de prescrições médicas, como exemplifica esse "poema-receituário", em que o narrador da obra, de maneira metafórica e sarcástica, traça um diagnóstico para a personagem Branca Clara:

O amor – poesia futurista

A Dona Branca Clara

Tome-se duas dúzias de beijocas
Acrescente-se uma dose de manteiga do Desejo
Adicione-se três gramas de polvilho do Ciúme
Deite-se quatro colheres de açúcar da Melancolia
Coloque-se dois ovos
Agite-se com o braço da Fatalidade
E dê de duas horas em duas horas marcadas
No relógio de um ponteiro só!

ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. 4. ed. São Paulo: Globo, 1994.

O poeta marginal Roberto Piva também faz um pastiche de dicionários em sua obra *Quizumba*.

Quizumba. Bras. Pop. Conflito em que se envolvem numerosas pessoas. [Sin. (nesta acepç.), quase todos eles bras, e pop.: arruaça, confusão, embrulhada, desordem, banzé, rixa, água-suja, alteração, angu, angu-de-caroço, arranca-rabo, arregaço, arrelia, bagaço, banzé-de-cuia, banzeiro, bruega, chinfrim, coisa-feita, cú-de-boi, esparramo, esporro, estalada, estripulia, estrago, estrupício, fecha, fecha-fecha, forrobodó, furdúncio, fusuê, pega, pega-pega, quebra-quebra, salseiro, sarapatel, sarrabulho, surumbamba, tempo-quente, aperta-chico, arranca-toco, baderna, bafafá, bafa, banguelê, berzabum, destranque, fandango, frevo, fubá, gangolina, grude, pampeiro, perequê, perereco, pipoco, porqueira, quebra-rabicho, safarrascada, sangangu, sururu, trança, trovoada, turundundum, rififi]. **Roberto Piva**.

PIVA, Roberto. *Quizumba*. São Paulo: Global, 1983.

BRICOLAGEM E *SAMPLE*

Esses são alguns procedimentos de intertextualidade das artes plásticas e da música que também aparecem retomados na literatura. Vejamos, respectivamente, os recursos de bricolagem e de *sample*.

Quando o processo da citação é extremo, ou seja, um texto é montado a partir de fragmentos de outros textos, tem-se um caso de bricolagem. Segundo o antropólogo e linguista Claude Lévi-Strauss, responsável por ter cunhado a expressão, o *bricoleur* (pessoa que pratica a bricolagem) não trabalha com matérias-primas, mas com matérias já elaboradas, com pedaços e sobras de outras obras. Na bricolagem, o trabalho do artista está em reelaborar "resíduos", em recortar e colar a tradição através da sua ótica, o que não significa que esse exercício seja fácil e não exija criatividade. Veja um exemplo de bricolagem intratextual (ou seja, o artista retomará fragmentos de outros trabalhos dele mesmo) praticado por Manuel Bandeira. O poema "Antologia" é construído com trechos de vários outros poemas do autor. Tente reconhecer alguns versos e se lembrar de qual "fonte" foram retirados.

Antologia

A vida
Não vale a pena e a dor de ser vivida.
Os corpos se entendem mas as almas não.
A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.
Vou-me embora p'ra Pasárgada!
Aqui eu não sou feliz.
Quero esquecer tudo:
– A dor de ser homem...
Este anseio infinito e vão
De possuir o que me possui.

Quero descansar
Humildemente pensando na vida e nas mulheres que [amei...
Na vida inteira que podia ter sido e que não foi.

Quero descansar.
Morrer.
Morrer de corpo e alma.
Completamente.
(Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições [de partir.)

Quando a Indesejada das gentes chegar
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 225.

O processo da bricolagem é muito comum na contemporaneidade, ainda mais com as novas tecnologias. As inúmeras imagens que circulam pela Internet, de "montagens" que empregam o corpo de uma pessoa e o rosto de outra, são uma frequente brincadeira de caráter paródico, construída a partir da bricolagem.

Veja agora como a capa da edição da Revista *Época* pode ser considerada uma bricolagem da obra *Operários*, de Tarsila do Amaral.

Operários. *AMARAL, Tarsila do. Óleo sobre tela, 150 x 205 cm. Acervo do Palácio do Governo do Estado de São Paulo.*

Capa da Revista Época, de 5 de fevereiro de 2001. Bricolagem de Pepe Casals / Hitomi a partir do quadro Operários, *de Tarsila do Amaral.*

Na música, a citação de outros fragmentos de composições ou a apropriação de sons gravados do cotidiano recebe o nome de *sample*. Por meio desse recurso, torna-se possível "colar" diversos sons e reproduzi-los em um novo arranjo. Assim, o compositor ou o DJ consegue justapor diferentes universos musicais em uma mesma montagem, inclusive simultaneamente, o que propicia um certo caráter polifônico à obra. Por meio do *sample*, a música clássica, o jazz, o funk, o hip-hop, a MPB e tantos outros gêneros se entrecruzam e, assim, as fronteiras dos tipos musicais tornam-se cada vez mais rasuradas. No Brasil, compositores e cantores como Zeca Baleiro, Adriana Calcanhotto, Tom Zé, Arnaldo Antunes, Jorge Ben Jor, Fernanda Abreu, Fernanda Porto, Carlinhos Brown, Gabriel, o pensador e grupos como Monobloco e Bossa Cuca Nova têm explorado o *sample* como forma enriquecedora de se produzir uma música criativa, que promova um diálogo com a tradição multicultural.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UFG–2006)

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 29 ago. 2005. Folhateen p. 12 (Adaptação).

A tira trata de modo bem-humorado aspectos relativos à adolescência.

A) A partir da sequência de quadros, **JUSTIFIQUE** por que o adolescente utiliza um kit básico de frases para sobreviver.

B) Considere a legenda na parte inferior da tira e **EXPLIQUE** como o recurso da intertextualidade ajuda a compor o efeito de humor do texto.

02. (UFU-MG) Leia o fragmento a seguir.

> Nos poetas românticos o tema do exílio e do desejo de voltar é frequente. [...] No neorromantismo dos contemporâneos o desprendimento voluptuosamente machucador, a libertação da vida presente, que se resume na noção de partir, agarrou frequentando com insistência significativa a poesia nova.
>
> Mário de Andrade, 1943.

Com base no texto lido, compare as estrofes seguintes, para responder às questões.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
[...]
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
[...]

DIAS, Gonçalves. "Canção do Exílio".

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
[...]
Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar
[...]

BANDEIRA, Manuel. "Vou-me embora pra Pasárgada", *Libertinagem*.

A) **APONTE** um aspecto estrutural que aproxima os textos de Bandeira e Gonçalves Dias, com exemplos.

B) **EXPLIQUE** como cada poeta elabora o tema da fuga.

03. (Unicamp-SP–2009) Carlos Drummond de Andrade reescreve a famosa "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, na qual o poeta romântico idealiza a terra natal distante.

Nova canção do exílio

A Josué Montello

Um sabiá
na palmeira, longe.
Estas aves cantam
um outro canto.

O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata,
e o maior amor.

Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.
Onde tudo é belo
e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)

Ainda um grito de vida e
voltar
para onde tudo é belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo. Poesia e prosa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p. 117.

Além de expatriação, a palavra "exílio" significa também "lugar longínquo" e "isolamento do convívio social".

A) Quais palavras expressam estes dois últimos significados no poema de Drummond?

B) Como o eu lírico imagina o lugar para onde quer voltar?

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (ITA-SP–2011) O poema, "Gioconda (Da Vinci)", de Carlos Drummond de Andrade, refere-se a uma célebre tela renascentista:

O ardiloso sorriso
alonga-se em silêncio
para contemporâneos e pósteros
ansiosos, em vão, por decifrá-lo.
Não há decifração. Há o sorriso.

In: *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

NÃO se pode afirmar que o poema

A) faz uso de metalinguagem num sentido amplo, pois é uma obra de arte que fala de outra.
B) procura se inserir no debate que a tela Gioconda provoca desde a Renascença.
C) mostra que são inúmeros os significados do sorriso da Gioconda.
D) garante não haver razão alguma para a polêmica, como diz o último verso.
E) ilustra a polissemia de obras de arte, inclusive do próprio poema.

02. (UnB-DF / Adaptado)

MENEZES, Philadelpho. Exemplo 30.
In: *Poética e visualidade:* uma trajetória da poesia brasileira contemporânea.
Campinas: Unicamp, 1991. p.171.

O texto poético pode servir de base ao texto publicitário; porém, às vezes, é este que fundamenta aquele.

Relacionando essa observação ao texto anterior, **JULGUE** os itens que se seguem como **VERDADEIROS** ou **FALSOS**.

( ) O texto é uma paródia da embalagem original de um produto.

( ) O modo como foi desenhada a letra inicial "Clichetes" permite a leitura musical e financeira da mensagem.

( ) No texto, "MASCARAR" está para "MASCAR" assim como "MENTAL" está para "MENTA".

( ) A relação intertextual ocorre não só por meio do plano verbal, mas também devido à exploração do recurso icônico, ou seja, não verbal.

A partir da interpretação das afirmações, é possível afirmar que a alternativa **CORRETA** encontra-se em:

A) V F V F
B) F F V V
C) V V V V
D) V V F V

03. (PUC Minas)

> Mundo mundo vasto mundo,
> mais vasto é meu coração.

Se considerarmos que Tomás Antônio Gonzaga é autor do verso "Eu tenho um coração maior que o mundo", podemos afirmar que, nos dois versos de Drummond transcritos, existe

A) mera cópia do verso de Tomás Antônio Gonzaga.
B) plágio visível do verso de Tomás Antônio Gonzaga.
C) intertextualidade flagrante com o verso de Tomás Antônio Gonzaga.
D) apropriação indevida do verso de Tomás Antônio Gonzaga.

04. (UNIFESP) Esta questão relaciona-se a uma passagem bíblica e a um trecho da canção "Cálice", realizada em 1973, por Chico Buarque (1944-) e Gilberto Gil (1942-).

Texto bíblico

Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22)

In: Bíblia de Jerusalém. 7ª impressão.
São Paulo: Paulus, 1995.

Trecho de canção

Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.
Como beber dessa bebida amarga,
Tragar a dor, engolir a labuta,
Mesmo calada a boca, resta o peito,
Silêncio na cidade não se escuta.
De que me vale ser filho da santa,
Melhor seria ser filho da outra,
Outra realidade menos morta,
Tanta mentira, tanta força bruta.
....

Disponível em: <www.uol.com.br/chicobuarque/>.

Um texto pode se revelar, na forma e / ou no conteúdo, como absorção e transformação de um ou mais textos.

Por isso, quando ele é lido, algumas de suas partes podem lembrar o que já foi lido em outro(s) texto(s).

A essa relação de semelhança e superposição de um texto a outro dá-se o nome de intertextualidade. Inúmeros autores extraem desse procedimento interessantes efeitos artísticos. Comparando-se a primeira estrofe de "Cálice" com o texto bíblico, pode-se afirmar **CORRETAMENTE** que

A) ocorre intertextualidade porque a estrofe contém, na forma e no conteúdo, parte da passagem evangélica.

B) não há intertextualidade porque, na estrofe, foi omitida a outra frase atribuída a Jesus.

C) não há intertextualidade porque, na estrofe, não há menção ao sentido condicional presente na primeira frase atribuída a Jesus.

D) ocorre intertextualidade, mas apenas quanto aos elementos morfossintáticos da frase atribuída a Jesus.

E) não há intertextualidade porque a estrofe transforma, semanticamente, a passagem evangélica, dando-lhe uma conotação política.

05. (UnB-DF) A comparação entre textos é uma habilidade de leitura analítica. A partir do confronto desses dois poemas, **JULGUE** os itens que se seguem:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

DIAS, Gonçalves. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1969. p. 11-12.

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

ANDRADE, Oswald de. *Trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1967. p. 30.

Na(s) questão(ões) a seguir assinale os itens **CORRETOS** e os itens **ERRADOS.**

( ) O texto de Gonçalves Dias é uma paródia do poema de Oswald de Andrade.

( ) Algumas diferenças entre os poemas dos dois autores são:

- Canção do exílio *versus* Canto de regresso à pátria;
- Romantismo *versus* Modernismo;
- Nacionalismo *versus* bairrismo;
- Paisagem natural *versus* paisagem modificada pelo homem;
- Conteúdo sugestivo *versus* fatos da civilização moderna.

( ) Embora semelhantes em seu amor pela pátria, os dois poetas sentem esse amor de modo diferente: um é nostálgico e o outro, bem-humorado.

06. (PUC Minas–2008 / Adaptado)

Até tu, Brutus?!

Sim, foi este o modo como eu quis anunciar que – que Macabéa morreu. Vencera o Príncipe das Trevas. Enfim a coroação.

Qual foi a verdade de minha Maca? Basta descobrir a verdade que ela logo já não é mais: passou o momento. Pergunto: o que é? Resposta: não é. Mas que não se lamentem os mortos: eles sabem o que fazem. Eu estive na terra dos mortos e depois do terror tão negro ressurgi em perdão. Sou inocente! Não me consumam! Não sou vendável! Ai de mim, todo na perdição e é como se a grande culpa fosse minha. Quero que me lavem as mãos e os pés e depois – depois que os untem com óleos santos de tanto perfume. Ah que vontade de alegria. Estou agora me esforçando para rir em grande gargalhada. Mas não sei por que não rio. A morte é um encontro consigo. Deitada, morta, era tão grande como um cavalo morto. O melhor negócio é ainda o seguinte: não morrer, pois morrer é insuficiente, não me completa, eu que tanto preciso.

Macabéa me matou.

Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Leia os trechos a seguir:

I. Até tu, Brutus?

II. Quero que me lavem as mãos e os pés e depois – depois que os untem com óleos santos de tanto perfume.

III. Desculpai-me esta morte.

Há exemplo de referência intertextual em

A) apenas I.

B) apenas II.

C) I e II.

D) II e III.

07. (PUC Minas) A passagem de *Pau-Brasil* em que a intertextualidade e a metalinguagem são utilizadas simultaneamente é:

A) Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado teiado
E vão fazendo telhados

B) No Pão de Açúcar
De Cada Dia
Dai-nos Senhor
A Poesia
De Cada Dia

C) Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que nunca vi

D) Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Páscoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra

08. (UFF-RJ–2010) Para compreender a passagem de língua (sistema de signos) a discurso (produção de sentido), deve-se ler "as entrelinhas" e "as entreletras". Esse processo implica o conhecimento de mundo, que, pela intertextualidade, enfatiza determinado envolvimento discursivo. Observe bem a foto e o título da seguinte notícia jornalística:

Roberto Vinícius/Agência Freelancer

A tucana Yeda Crusius se descontrola diante do protesto à sua porta.

O grito

A governadora gaúcha Yeda Crusius (PSDB) bateu boca com cerca de 200 professores que, na porta de sua casa, pediam seu *impeachment*. Irritada, Yeda acusou os professores de "torturar crianças" porque seus netos ficaram com medo de sair para ir à escola.

O GLOBO, 17 jul. 2007. p. 11.

Assinale a obra de arte que, pela intertextualidade, encaminha uma determinada compreensão da foto e do título da notícia.

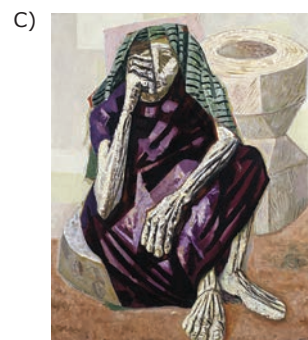
A)

B)

C)

D)

E)

LÍNGUA PORTUGUESA

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–1999) Quem não passou pela experiência de estar lendo um texto e defrontar-se com passagens já lidas em outros? Os textos conversam entre si em um diálogo constante. Esse fenômeno tem a denominação de intertextualidade. Leia os seguintes textos:

I. Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai Carlos! Ser *gauche* na vida

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

II. Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim.

BUARQUE, Chico. *Letra e Música*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

III. Quando nasci um anjo esbelto
Desses que tocam trombeta, anunciou:
Vai carregar bandeira.
Carga muito pesada pra mulher
Esta espécie ainda envergonhada.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

Adélia Prado e Chico Buarque estabelecem intertextualidade, em relação a Carlos Drummond de Andrade, por

A) reiteração de imagens.

B) oposição de ideias.

C) falta de criatividade.

D) negação dos versos.

E) ausência de recursos.

Instrução: Textos para a questão **02**

Texto I

Pra que mentir?

Pra que mentir se tu ainda não tens
Esse dom de saber iludir?
Pra quê?! Pra que mentir
Se não há necessidade de me trair?
Pra que mentir, se tu ainda não tens
A malícia de toda mulher?
Pra que mentir
se eu sei que gostas de outro
Que te diz que não te quer?
Pra que mentir
Tanto assim
Se tu sabes que eu já sei
Que tu não gostas de mim?!
Se tu sabes que eu te quero
Apesar de ser traído
Pelo teu ódio sincero
Ou por teu amor fingido?!

ROSA, Noel. VADICO. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/noel-rosa-musicas/125753/>. Acesso em: 10 fev. 2011.

Texto II

Dom de iludir

Não me venha falar
Na malícia de toda mulher
Cada um sabe a dor
E a delícia de ser o que é

Não me olhe como se a polícia
Andasse atrás de mim
Cale a boca
E não cale na boca
Notícia ruim

Você sabe explicar
Você sabe entender
Tudo bem
Você está, você é
Você faz, você quer
Você tem
Você diz a verdade
A verdade é seu dom de iludir

Como pode querer que a mulher
Vá viver sem mentir?

VELOSO, Caetano. Disponível em: <http://www.caetanoveloso.com.br/sec_discogra_letra.php?language=pt_BR&id=259>. Acesso em: 10 fev. 2011.

02. A releitura da canção de Noel Rosa feita por Caetano Veloso

A) valoriza a infidelidade feminina.

B) defende a efemeridade contida no discurso feminino.

C) defende o caráter dissimulado do discurso feminino.

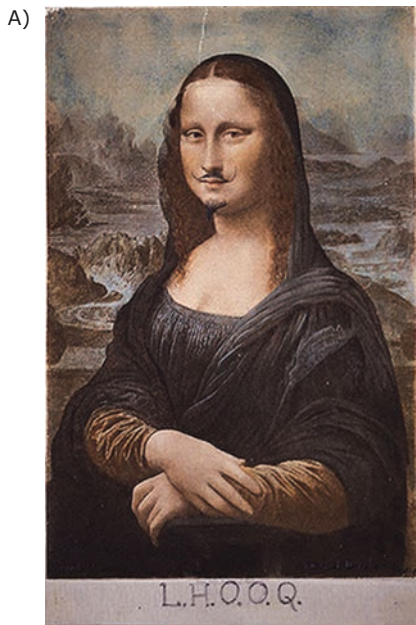
D) condena o caráter persuasivo contido no discurso feminino.

E) condena a astúcia feminina.

03. "[...] constatemos que a paródia, por estar do lado do novo e do diferente, é sempre inauguradora de um novo paradigma. [...] Do lado da contra-ideologia, a paródia é uma descontinuidade. [...] Enquanto a paráfrase é um discurso em repouso, [...] a paródia é o discurso em progresso. [...] Numa há o reforço, na outra a deformação. [...] É uma tomada de consciência crítica. [...] a paródia é como a lente: exagera os detalhes de tal modo que pode converter uma parte do elemento focado num elemento dominante, invertendo, portanto, a parte pelo todo, como se faz na charge e na caricatura. [...] Ela mata o texto-pai em busca da diferença."

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & Cia.* São Paulo: Editora Ática, 1995.

Uma das imagens mais retomadas na história da arte é a *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci. A releitura a seguir que se propõe a parafrasear o quadro em vez de parodiá-lo é:

A)

Releitura feita por Marcel Duchamp

B)

Releitura feita por Vik Muniz

C)

Releitura feita por Fernando Botero

D)

Releitura feita por W.Brasil para campanha da Bom Bril

E)

Releitura feita por Antoine Paoletti

LÍNGUA PORTUGUESA

GABARITO

Fixação

01. A) O adolescente utiliza o kit básico de frases para sobreviver devido às dificuldades que tem com imprevistos e frustrações, como em situações que exigem dele o reconhecimento de seus erros, a superação das perdas e a aceitação das emoções.

B) O recurso da intertextualidade ajuda a compor o efeito de humor, pois frases de advertência comumente encontradas em rótulos de produtos que podem causar danos à saúde humana são usadas pelo autor para tratar do perigo de o adolescente utilizar em excesso o kit de sobrevivência, bem como dos efeitos colaterais decorrentes do uso do kit.

02. A) Um aspecto estrutural que aproxima os textos de Gonçalves Dias e de Bandeira é o uso da anáfora (repetição de termos) para ressaltar os pontos positivos do lugar descrito e o desejo de fuga. No poema de Gonçalves Dias, por exemplo, há a repetição da estrutura "nosso(as) + substantivo + tem + complemento", como em "Nosso céu tem mais estrelas", "Nossas várzeas têm mais flores", "Nossos bosques têm mais vida", "Nossa vida mais amores", bem como nos versos "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá". No poema de Manuel Bandeira, há a repetição da estrutura "Lá tem + complemento", como em "Tem telefone automático", "Tem alcalóide à vontade", "Tem prostitutas bonitas", bem como há a repetição do verso "vou-me embora pra Pasárgada".

B) Em ambos os casos há um contraste entre os ambientes representados pelo "aqui" (lugar onde se encontra o eu lírico e onde ele não está feliz) e o "lá" (lugar para onde o eu lírico deseja ir e onde está sua felicidade). Em ambos os casos, o lugar para onde deseja ir o eu lírico é idealizado. No poema de Gonçalves Dias, porém, este lugar coincide com a pátria, e o canto tem, consequentemente, um caráter nacionalista. O mesmo não se pode afirmar com relação ao poema de Manuel Bandeira. Em outras palavras, o desejo de fuga na "Canção do exílio" está relacionado ao sentimento de não pertencimento que um cidadão tem quando está longe da terra natal, em terra estrangeira. No poema de Bandeira, no entanto, os motivos que provocam o desejo de fuga no eu lírico relacionam-se mais a conflitos no seu universo interior, possuem caráter intimista, não se relacionam ao sentimento pátrio. Um outro ponto de contraste entre os dois poemas está no fato de que, no poema de Gonçalves Dias, o que torna o lugar da fuga idealizado é a riqueza natural (as várzeas, os campos, as flores, as estrelas). Já em "Vou-me embora pra Pasárgada", um dos atrativos é exatamente o progresso (telefone automático, alcaloide, método seguro de impedir a concepção).

03. A) No poema de Carlos Drummond de Andrade, as palavras que expressam tais sentidos são "longe" e "só", respectivamente.

B) O eu lírico idealiza um lugar "Onde tudo é belo / e fantástico", no qual é possível ser feliz. Uma espécie de utopia, local distante e distinto daquele em que se encontra e no qual se sente exilado, pois "as aves cantam / um outro canto". Essa utopia pode ser associada a uma terra natal da qual o eu lírico se sente distanciado; pode referir-se a um Brasil livre da censura e da ditadura de Getúlio Vargas ou a um outro lugar distante no tempo ou no espaço, em que ele possa ser feliz, ainda que sozinho.

Propostos

01. D
02. C
03. C
04. A
05. F V V
06. C
07. B
08. E

Seção Enem

01. A
02. C
03. B

LÍNGUA PORTUGUESA

Realismo e Naturalismo

MÓDULO 11 FRENTE B

REALISMO

A partir da segunda metade do século XIX, o idealismo dos românticos foi substituído por uma visão racionalista e cientificista que culminou no Realismo e no Naturalismo. Esses dois estilos, ao invés de se preocuparem com um mundo imaginário e com ambientes oníricos, perpassados por seres fantásticos, como fizeram os românticos, pretenderam construir um retrato fidedigno da realidade, com o intuito de "radiografar" e "diagnosticar" as mazelas do mundo industrial e da sociedade burguesa. Isto é, em vez da subjetividade, do escapismo, da melancolia sonhadora, da fuga para um passado ou para um cenário idealizado, o sujeito da segunda metade desse século buscou fazer uma arte próxima da realidade, de caráter científico, verossímil, dotada da maior objetividade possível, sem qualquer traço de impressão pessoal ou emotiva.

Com a segunda fase da Revolução Industrial e com as crises sociais e econômicas que ocorriam nos centros urbanos, surgiram correntes sociológicas, filosóficas e biológicas para explicar esses fenômenos que repercutiam no mundo. Os artistas dialogaram com esse tipo de saber científico e também se viram no papel de construtores de uma literatura ou de uma pintura que discutisse a crise que se instaurava.

Gustave Courbet

No quadro O quebra-pedras*, de 1849, do pintor Gustave Courbet, é possível reconhecer o intuito da pintura realista, que se contrapõe ao caráter grandioso e épico das imagens e temas do Romantismo. Nesse quadro, observa-se como a temática busca retratar um sujeito comum, marginalizado pelas condições burguesas do mundo capitalista, e também como o tratamento dado ao tema é mais voltado para uma arte que procura se aproximar do real em vez de "corrigi-lo" de modo idealizado.*

Foi nesse contexto social e histórico que a literatura aproximou-se da ciência e buscou, nela, a base de sua estruturação. Assim, as obras literárias do Realismo e do Naturalismo transformaram-se em "tratados estético-científicos", que retomavam teorias como o positivismo de Augusto Comte, o determinismo de Taine, o evolucionismo de Charles Darwin, o socialismo científico e o materialismo histórico de Marx e Engels.

As obras realistas eram voltadas principalmente para as questões biológicas dentro de uma perspectiva social, como na concepção de Taine de que o homem era um produto do meio ou na ótica sociológica de Marx, Engels e Durkheim, ao estudarem a sociedade como um "organismo maior" formado por "organismos menores" – os homens. O Realismo se legitimou como uma escola que aponta os desvios, os conflitos e os dilemas dessa realidade urbana do tecido social, corrompida pela hipocrisia, pelas regras sociais de aparência, pelos relacionamentos por interesses, pelo casamento como contrato social e não como vínculo afetivo.

Por sua vez, o Naturalismo buscou se enveredar ainda mais pelas descobertas científicas sobre a origem dos homens e o seu lado animalesco, instintivo, constituído de uma potência natural que nem sempre conseguia ser "domesticada" pelas regras sociais; pelo contrário, fazia-se notar como forma de reação do corpo em nome das normas culturais que o convívio social insistia em impor. Com isso, os textos naturalistas prendem-se a um estudo do homem biológico, que reage ao homem social do mundo burguês; reação que se constitui por meio de "transgressões" como o incesto, a histeria, as relações homossexuais, a zoofilia, entre tantos outros tabus. A galeria de personagens grotescos, com problemas mentais ou "perversões" sexuais, nos romances naturalistas, cumpre, portanto, a função de demonstrar como o homem é vítima das próprias leis.

Assim, enquanto o Realismo esteve mais preocupado em traçar um panorama social, o Naturalismo procurou traçar um percurso mais psicológico do homem, pois teve o desejo de retratá-lo como um ser patológico, como portador de "desvios" morais condenados pela sociedade. Os livros naturalistas assemelhavam-se a tratados clínicos que refletiam sobre o homem em estado zoomórfico ou em um estágio de loucura. As obras realistas, por sua vez, preocupavam-se principalmente com a coletividade, com os aspectos sociais que perturbavam ou condicionavam a vida do ser: eram "radiografias" de uma época. Entretanto, é desnecessário e, muitas vezes, impossível discernir traços realistas e naturalistas nas obras, já que, na maioria dos casos, eles aparecem mesclados na composição dos romances produzidos no final do século XIX.

O importante é perceber como a postura idealista, sonhadora, monárquica, religiosa e romântica da primeira metade do século foi substituída por um discurso verossímil, cientificista, clínico, antiburguês, republicano, anticlerical e cético pelos escritores do Realismo e do Naturalismo.

A queda da monarquia, a instauração da República e o fim da escravidão são alguns dos fatores históricos que exemplificam a realidade brasileira perpassada por crises históricas e econômicas em fins dos oitocentos. Esse contexto se esboça nas obras literárias que deixam de retratar a nação de modo idealizado como faziam os românticos para abordá-la de modo mais crítico e sensato. A obra de Machado de Assis é exemplar nesse aspecto. Os primeiros trabalhos desse escritor, *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), ainda possuem características românticas, mas, a partir da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), prevalecem a sátira e a ironia à situação política e à vida social do Brasil, como se verifica em *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Memorial de Aires* (1908); *Esaú e Jacó* (1904). Essa última obra faz uma leitura sarcástica e debochada da transição da monarquia para a República, o que aparece representado na alegoria dos irmãos gêmeos Pedro e Paulo – monarquia e República – que disputam a mesma amada, Flora – o Brasil.

O ano de 1881 é eleito pelos críticos literários como o marco do Realismo e Naturalismo no Brasil, devido, respectivamente, à publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e à edição da obra *O mulato*, de Aluísio Azevedo.

Imagens da capa do romance de Machado de Assis e do protagonista Brás Cubas feitas a bico de pena por Cândido Portinari.

A relevância da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* está não só no fato de ela ter instaurado o Realismo no Brasil, mas na supremacia do texto machadiano, por ter conseguido superar os próprios valores realistas divulgados na época. Machado de Assis criou uma das obras mais revolucionárias do século XIX, dotada de uma ousadia estética que inaugurou a modernidade da linguagem literária brasileira, ao propiciar um novo formato ao gênero do romance, que até então era mais voltado para o entretenimento das famílias burguesas. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado satiriza essa postura ingênua do público e da linguagem do Romantismo (principalmente por meio do diálogo irônico com as leitoras românticas e com os leitores ingênuos, sedentos por um enredo linear e por cenas de ciúme, traição e desengano amoroso). Contudo, o mais curioso na produção machadiana é a crítica aos discursos científicos cultuados pelos autores realistas-naturalistas. No enredo de *Brás Cubas,* isso se comprova na paródia ao determinismo social – concepção de que o homem é produto do meio –, na criação do "emplasto Brás Cubas" ou na apresentação que o narrador-personagem faz da família (um estrume) que o gerou (uma "flor" – claro que ironicamente, pois era tão estrume quanto a família e a sociedade que o originaram e o cercavam). A vantagem de ser um autor-defunto permite a Brás Cubas retirar a "máscara" que a sociedade impõe aos que nela vivem e que dela se sustentam. Surge, então, o autorretrato do narrador: um ser egoísta, ganancioso, fútil, interesseiro, perverso, ou seja, um homem que reproduz o mundo burguês medíocre, hipócrita, vaidoso, que se submete a várias restrições pelos jogos de aparência e pelas relações de interesses.

Brás Cubas, como defunto, satiriza não só a si mesmo e aos que com ele conviveram, mas também a quem o lê. Ser defunto também propicia ao narrador a vantagem de não ter de escrever para agradar ao público, pois não há a necessidade de vender os livros para o seu sustento, e ele nem mesmo precisa atender aos desejos estéticos da época ou às expectativas da crítica para atingir a fama. É por isso que Brás Cubas "ofende" o leitor ingênuo, romântico, e demonstra que escreve para si mesmo e não para os outros, como anuncia não só no prefácio ("A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote e adeus."), mas também em vários outros trechos, como no capítulo XCVIII ("Estou com vontade de suprimir este capítulo. O declive é perigoso. Mas enfim eu escrevo as minhas memórias e não as tuas, leitor pacato.") ou até mesmo no capítulo LXXI ("Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás, ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor.").

O diálogo sarcástico com o leitor e a crítica de Machado ao mundo burguês e ao discurso cientificista estão presentes também em *Quincas Borba* e nos livros de contos publicados pelo autor. Exemplo célebre da narrativa machadiana mais breve é *O alienista*. Nesse conto, o protagonista Simão Bacamarte, um renomado médico, deseja descobrir a cura da loucura. Interna vários habitantes da cidade em uma clínica para, no final do texto, perceber que o verdadeiro louco da cidade era ele mesmo. Ou seja, Machado sarcasticamente demonstra como o alienista (médico) era o maior dos alienados (louco). Situação análoga a essa ocorre em *Quincas Borba*, romance

que também coloca uma personagem (Quincas Borba) capaz de criar uma filosofia (o Humanitismo), com a qual explicaria todas as razões sociais e promoveria a perpetuação de seu saber. Isso, no entanto, não ocorre, pois seu único discípulo, Rubião, nunca havia entendido a filosofia, ainda que a exemplificasse, pois era um "organismo fraco", um vencido, que seria explorado por toda a sociedade, fazendo dos outros "vencedores" às suas custas.

Além de tais obras extremamente significativas, *Dom Casmurro* foi o outro grande marco literário do final do século XIX, juntamente com *Memórias Póstumas*, como ressalta o crítico Alfredo Bosi:

> *Dom Casmurro* faz voltar o estilo das memórias, quase póstumas: "O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo" (cap. II). Falta o adolescente Bentinho, que, traído pela mulher amada e pelo melhor amigo, virou Dom Casmurro. Na verdade, um romance de Machado não se deve resumir: e como fazê-lo se o que neles importa não é o fato em si, mas a constelação de intenções e de ressonâncias que o envolve? Ainda que Capitu não houvesse cometido o adultério (e o romance não dá nenhuma prova decisiva), tudo nela era a possibilidade do engano, desde os olhos de ressaca oblíquos e dissimulados, que se deixavam estar nos momentos de raiva "com as pupilas vagas e surdas", até às mesmas idéias que já em menina se faziam "hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos".
>
> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 201-202.

NATURALISMO

Se Machado de Assis foi o autor realista mais significativo do Brasil, Aluísio Azevedo afirmou-se como o grande nome do Naturalismo. Seguindo as lições do português Eça de Queiroz e do francês Émile Zola, Aluísio Azevedo produziu três obras que o eternizaram na literatura brasileira: *O mulato (1881)*, *Casa de pensão (1884)* e *O cortiço (1890)*.

Mesmo com a excelente repercussão de *O mulato* e de *Casa de pensão*, foi com a obra *O cortiço* que Azevedo se imortalizou como o maior escritor do Naturalismo brasileiro. Nos fragmentos a seguir, o narrador apresenta o cenário no qual a trama é ambientada:

"E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.

[...] O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulhavam os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra."

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 33 .ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 30-36.

Artista desconhecido

Cortiço na rua Visconde do Rio Branco, Rio de Janeiro, por volta de 1906. Disponível em: <www.educacaopublica.rj.gov.br>. Acesso em: 09 abr. 2008.

O cientificismo do livro, bem na concepção do romance-tese divulgado pelos naturalistas, pode ser identificado no vocabulário utilizado pelo narrador para descrever o ambiente. Expressões da biologia, como "geração espontânea", são empregadas para retratar o surgimento progressivo das pessoas no cortiço – cenário em putrefação, "lama", que gera seres também putrefatos: eis a comprovação da tese de que o homem é produto do meio. Isso justifica o caráter asqueroso com que os lugares e as pessoas são apresentados. Homens e mulheres são tão explorados, marginalizados e aculturados, que parecem regressar a um estado de animalidade, de zoomorfização.

Não só em *O cortiço*, mas também nas demais obras de Aluísio Azevedo e dos outros escritores do final do século XIX podem ser facilmente percebidas algumas tendências naturalistas, que resultam de uma forte influência do escritor francês Émile Zola, tais como: **linguagem descritiva e cientificista** (que se baseia nos trabalhos psicanalíticos da época sobre a histeria, nas teorias de Darwin sobre a evolução ou nos estudos de Pasteur sobre a geração espontânea); **zoomorfização dos personagens**; construções de **cenas grotescas**; descrições de **"desvios" de caráter** (já que, além de animalizado, o homem é um **ser em estado patológico**); concepção de que o **ser humano é produto do meio** (o caso de Pombinha, em *O cortiço*, é o melhor exemplo para isso, tendo em vista o fato de a moça pura ter se "corrompido" e "degenerado" graças ao meio promíscuo que a cercava, o que a levou a se tornar lésbica e prostituta, amasiando-se com a própria tia, o que já aponta para outro tabu: o incesto).

Além dos romances de Azevedo, o Naturalismo na literatura brasileira também é exemplificado pelos trabalhos de Júlio Ribeiro (*A carne* e *Padre Belchior de Pontes*), de Domingos Olympio (*Luzia-homem*) e de Inglês de Souza (*O missionário* e *Contos amazônicos*).

Outro significativo romance produzido no final do século XIX é a obra *O Ateneu (1888)*, de Raul Pompéia. Nesse romance, há elementos não só naturalistas e realistas, mas também impressionistas. O livro marcou-se, portanto, como o introdutor do impressionismo na literatura brasileira. *O Ateneu* é um dos mais belos e bem estruturados romances de fins do século XIX. Nele, Raul Pompéia retrata a existência humana por meio das leis e dos episódios vivenciados em um internato chamado "Ateneu": espaço que pode ser considerado um microcosmo que espelha a sociedade (macrocosmo). A personagem Sérgio, narradora e protagonista do livro, abre as suas memórias com a fala de seu pai, anunciando-lhe o que ocorreria a partir de sua entrada naquela instituição. Ao longo da obra, tem-se a reflexão do narrador cotejando as palavras do pai com o que realmente vivenciara no Ateneu.

"Vais encontrar o mundo'', disse-me meu pai, à porta do Ateneu. ''Coragem para a luta!''

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma só. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 23 ed.
Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. p. 21-22.

Diferentemente da infância ingênua e angelical retratada pelos românticos, como exemplifica o poema "Meus oito anos", de Casimiro de Abreu, em *O Ateneu*, há uma outra visão sobre esse estágio da vida. Se a ótica romântica idealiza a infância como um paraíso da inocência, Raul Pompéia demonstra como esse estágio da vida em um internato encontra-se repleto de desilusões, transgressões sexuais, jogos de interesses, supremacia do mais forte que se impõe aos novatos e aos mais frágeis, transformando-os em "namoradas". O narrador adulto Sérgio, ao fazer uma análise de seu passado no Ateneu e também de seu presente, emprega uma linguagem de matiz impressionista, o que pode ser exemplificado nos trechos finais em que descreve a vida como uma paisagem que, a cada momento, recebe diferentes "colorações", "impressões".

RELEITURAS

Um dos romances mais instigantes do período realista, como se viu, é *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Nessa obra, o narrador, Bento Santiago, já na velhice, procura contar a sua história desde a adolescência. Bentinho, como era conhecido em família, depois de conseguir se livrar da promessa feita pela mãe de enviá-lo ao seminário, casa-se com sua amiga, Capitu, e tem com ela um filho, Ezequiel. A semelhança entre Ezequiel e o melhor amigo, Escobar, leva Bentinho a duvidar da fidelidade da esposa. A possibilidade da traição de Capitu é o fio condutor do romance e é o motivo da casmurrice do narrador, que ora condena, ora inocenta a esposa, sempre descrita como uma figura ambígua. A verdade sobre essa história permanecerá para sempre desconhecida para o leitor, pois o livro, narrado em 1ª pessoa, só nos apresenta a versão dos fatos segundo a ótica parcial do próprio Bentinho, conforme já vimos no módulo sobre os elementos da prosa.

Editoria de Arte

A figura de Capitu, forte e fascinante, permanece no imaginário dos críticos e do público, e seu caráter dúbio permite uma série de releituras. Uma delas foi feita pelo músico Luiz Tatit, que recriou a personagem machadiana no contexto da contemporaneidade. Observe:

Capitu

De um lado vem você com seu jeitinho
Hábil, hábil, hábil
E pronto!
Me conquista com seu dom

De outro esse seu *site* petulante
WWW
Ponto
Poderosa ponto com

É esse o seu modo de ser ambíguo
Sábio, sábio
E todo encanto
Canto, canto
Raposa e sereia da terra e do mar
Na tela e no ar

Você é virtualmente amada amante
Você real é ainda mais tocante
Não há quem não se encante

Um método de agir que é tão astuto
Com jeitinho alcança tudo, tudo, tudo
É só se entregar, é não resistir, é capitular

Capitu
A ressaca dos mares
A sereia do sul
Captando os olhares
Nosso totem tabu
A mulher em milhares
Capitu

No *site* o seu poder provoca o ócio, o ócio
Um passo para o vício, o vício
É só navegar, é só te seguir, e então naufragar

Capitu
Feminino com arte
A traição atraente
Um capítulo à parte
Quase vírus ardente
Imperando no site
Capitu

TATIT, Luiz. Disponível em: <http://www.luiztatit.com.br/>. Acesso em: 28 fev.2011.

A Capitu cibernética de Tatit preserva algumas das características da Capitu machadiana, entre elas, o poder de sedução e o caráter ambíguo: de um lado, o jeitinho hábil e, do outro, o *site* petulante; simultaneamente raposa (astúcia) e sereia (encanto, canto); concomitantemente virtual e real. No romance do século XIX, a principal característica física de Capitu são os "olhos de ressaca". Assim como a ressaca marítima arrasta os nadadores para o fundo do mar, o olhar da protagonista de *Dom Casmurro* tem o poder de "tragar", de atrair para si os seus admiradores. Essas ideias da ressaca do mar e do naufrágio permanecem na canção do compositor paulista, enquanto o conceito de navegação é ampliado: além do sentido metafórico original, passa a dizer respeito também à navegação na Internet, já que a Capitu de Tatit é a amada virtual, dona do *site* "www.poderosa.com". É interessante notar também o jogo de palavras. Em "me conquista com o seu dom", a palavra "dom" diz respeito às prendas, aos dotes da personagem feminina, mas é também clara referência ao título "Dom", ironicamente atribuído ao casmurro Bento Santiago. O recurso do trocadilho também se faz presente entre os termos "Capitu", nome da mulher fatal em questão, e o verbo "capitular", que significa "entregar-se", "sucumbir", "ceder", o que inevitavelmente acontece com aqueles que cruzam o caminho de Capitu, já que não resistem ao seu poder de sedução.

Apesar da inconstância e das ambiguidades que o poeta reconhece na personalidade retratada, pode-se dizer que o texto de Tatit, inevitavelmente, representa um elogio aos encantos, não só da Capitu, dona do "*site* petulante", mas da Capitu presente em todas as mulheres atraentes, que sabem exercer "o feminino com arte".

OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Se o Romantismo se ocupou em registrar – ou recriar – movimentos históricos de cunho nacionalista, o Realismo se ocupou em retratar a cena cotidiana, comum, muitas vezes representativa de uma nova ordem social decorrente da industrialização. Os camponeses, os operários e a gente pobre que compõe as massas urbanas passaram a protagonizar as pinturas, substituindo os monarcas, os nobres e os burgueses dos estilos anteriores.

Os quadros do francês Jean-François Millet são marcados por representarem, sobretudo, os trabalhadores rurais: fiadeiras, lavradores, lavadeiras ribeirinhas, pastores. Essa escolha, contudo, não agride o público burguês. Pelo contrário, as paisagens campestres e os efeitos de luz recuperam o belo na arte, que, somado à pintura de camponeses inocentes e alienados, retira da cena o conteúdo político-social que poderia ter para privilegiar-lhe o aspecto poético.

> [...] ainda que sincera, a escolha política de Millet é ambígua: por que os camponeses e não os operários das fábricas cuja miséria era ainda mais negra? Porque o operário já é um ser arrancado de seu ambiente natural, tragado pelo sistema, perdido; o camponês está ligado à terra, à natureza, aos modos de trabalho e de vida tradicionais, à moral e à religião dos pais. A burguesia se entusiasma com Millet por pintar os camponeses, que são trabalhadores bons, ignorantes, sem reivindicações salariais nem veleidades progressistas.
>
> ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 71.

Jean-François Millet

Angelus – *Jean-François Millet*

Ao contrário do que ocorre com Millet, Honoré Daumier não faz distinção entre o artista e o político. Pelo contrário, para ele, a imagem não é a narração de um fato, mas sim o juízo que se tece sobre ele, isto é, a arte não constitui uma representação neutra da realidade, mas sim uma opção ideológica. Nesse sentido, Daumier escolhe a ação política. O povo, em sua obra, adquire contornos heroicos,

mas o "povo" de Daumier não é o mesmo dos românticos, pois o termo não diz respeito às classes irmanadas contra a tirania dos reis, nem aos nacionalistas que combatem o invasor estrangeiro. Na obra do pintor realista, o povo é a classe operária, em luta contra os burgueses que pregam a liberdade no discurso, mas que servem ao capital.

Honoré Daumier

O levante – *Honoré Daumier*

Enquanto para Daumier, a arte é interpretação da realidade e plena de significação, para Gustave Courbet, a arte é a constatação do verdadeiro. Em sua obra, Coubert procura retratar a realidade como ela é, nem bela nem feia. Ele não idealiza as cenas que pinta (como fariam os neoclássicos), nem as dramatiza (como fariam os românticos). A maior parte de seus quadros registra um momento circunstancial, um acontecimento episódico, por vezes, pouco importante, um flagra de um gesto cotidiano. Em "Moças à margem do Sena", por exemplo, Coubert apresenta duas jovens fazendo a sesta às margens de um rio.

Gustave Courbet

Moças à margem do Sena – *Gustave Courbet*

As moças retratadas não são propriamente belas e não posam para o pintor. As roupas estão desalinhadas e a postura é indolente, descomposta. Tudo sugere que elas tenham sido pegas desprevenidas, como se tivessem sido surpreendidas em seu sono vespertino. Falta um eixo ordenador da visão, todos os elementos que compõem o quadro têm a mesma importância, as figuras humanas têm o mesmo peso que a paisagem natural. Não há a intenção de captar o sentimento das mulheres nem de se criar uma representação da natureza. Courbet registra o que vê.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (Unicamp-SP–2009) Leia o seguinte capítulo do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Capítulo XL
Uma égua

Ficando só, refleti algum tempo, e tive uma fantasia. Já conheceis as minhas fantasias. Contei-vos a da visita imperial; disse-vos a desta casa do Engenho Novo, reproduzindo a de Matacavalos... A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar, as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo. Creio haver lido em Tácito que as éguas iberas concebiam pelo vento; se não foi nele, foi noutro autor antigo, que entendeu guardar essa crendice nos seus livros. Neste particular, a minha imaginação era uma grande égua ibera; a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre; mas deixemos de metáforas atrevidas e impróprias dos meus quinze anos. Digamos o caso simplesmente. A fantasia daquela hora foi confessar a minha mãe os meus amores para lhe dizer que não tinha vocação eclesiástica. A conversa sobre vocação tornava-me agora toda inteira, e, ao passo que me assustava, abria-me uma porta de saída. Sim, é isto, pensei; vou dizer a mamãe que não tenho vocação, e confesso o nosso namoro; se ela duvidar, conto-lhe o que se passou outro dia, o penteado e o resto.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In: ________. *Obra Completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 975.

A) **EXPLIQUE** a metáfora empregada pelo narrador, nesse capítulo, para caracterizar sua imaginação.

B) De que maneira a imaginação de Bentinho, assim caracterizada, se relaciona com a temática amorosa nesse capítulo? E no romance?

02.

O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrenhada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno.

O fragmento anterior pertence ao romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

A) A descrição da personagem exemplifica um típico recurso do movimento literário a que se filiou o autor. Que movimento foi esse e qual o recurso aqui adotado?

B) **EXEMPLIFIQUE**, com duas expressões retiradas do texto, a resposta que você deu ao item anterior.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UFPE / Adaptado) Sobre os autores do Realismo-Naturalismo, numere a segunda coluna de acordo com a primeira.

1. Machado de Assis
2. Aluísio Azevedo

( ) Em *O cortiço*, as ideias naturalistas se conjugam para revelar as misérias existentes na capital do país.

( ) O autor inova, na literatura brasileira, pelo seu senso de coletividade, pela descrição de multidão.

( ) Escreveu um romance, em que ataca o racismo, o reacionarismo clerical, a estreiteza do universo provinciano, e descreve a lenta e difícil ascensão social do mestiço brasileiro.

( ) Autor de obras-primas, como *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, é irônico, pessimista e crítico. Suas tramas quebram a estrutura linear, e seu estilo é refinado e elegante, esmerando-se na correção linguística.

( ) Na sua primeira fase, estava comprometido com o idealismo romântico. Na segunda fase, mais maduro, fazia a análise psicológica e social de temas da burguesia da época: o adultério, o parasitismo social, o egoísmo, a vaidade, o interesse, além da confusão entre razão e loucura.

A sequência **CORRETA** é

A) 1, 1, 2, 1 e 2.

B) 2, 2, 1, 2 e 1.

C) 1, 2, 1, 1 e 2.

D) 2, 2, 2, 1 e 1.

02. (ITA-SP) Acerca do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, **NÃO** é correto dizer que

A) todas as personagens, por serem muito pobres, enveredam pelo mundo do crime ou da prostituição.

B) as personagens, ainda que todas sejam pobres, possuem temperamentos distintos, tais como Bertoleza, Rita Baiana e Pombinha.

C) homens e mulheres são, na sua maioria, vítimas de uma situação de pobreza, que os desumaniza muito.

D) as personagens, na sua maioria, sejam homens ou mulheres, vivem quase que exclusivamente em função dos impulsos do desejo e da perversidade sexual.

E) a vida difícil das personagens, tão ligadas à criminalidade e à prostituição, é condicionada pelo meio adverso em que vivem e por problemas biopatológicos.

03. (UFRGS) Leia as afirmações sobre o romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia.

I. Sérgio, em seu relato memorialista, revela a outra face da fachada moralista e virtuosa que circundava o Ateneu, a face em que se incluem a corrupção, o interesse econômico, a bajulação, as intrigas e a homossexualidade entre os adolescentes.

II. A narrativa, ainda que feita na primeira pessoa, evita o comentário subjetivo e as impressões individuais, uma vez que o narrador adota uma postura rigorosa, condizente com o cientificismo da época.

III. Através da figura do Dr. Aristarco, diretor do colégio, com sua retórica pomposa e vazia, Raul Pompéia critica o sistema educacional da época e a hipocrisia da sociedade.

Quais estão **CORRETAS**?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas I e III.
D) Apenas II e III.
E) I, II e III.

(UEL-PR)

Instrução: Texto para a questão **04**

Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 648-649.

04. O Humanitismo, filosofia criada por Quincas Borba, é revelador

A) do posicionamento crítico de Machado de Assis aos muitos "ismos" surgidos no século XIX: darwinismo, positivismo, evolucionismo.

B) da admiração de Machado de Assis pelos muitos "ismos" surgidos no início do século XX: futurismo, impressionismo, dadaísmo.

C) da capacidade de Machado de Assis em antever os muitos "ismos" que surgiriam no século XIX: darwinismo, positivismo, evolucionismo.

D) da preocupação didática de Machado de Assis com a transmissão de conhecimentos filosóficos consolidados na época.

E) da competência de Machado de Assis em antecipar a estética surrealista surgida no século XX.

(FUVEST-SP–2009)

Instrução: Texto para as questões **05** e **06**

> Assim se explicam a minha estada debaixo da janela de Capitu e a passagem de um cavaleiro, um *dandy*, como então dizíamos. Montava um belo cavalo alazão, firme na sela, rédea na mão esquerda, a direita à cinta, botas de verniz, figura e postura esbeltas: a cara não me era desconhecida. Tinham passado outros, e ainda outros viriam atrás; todos iam às suas namoradas. Era uso do tempo namorar a cavalo. Relê Alencar: "Porque um estudante (dizia um dos seus personagens de teatro de 1858) não pode estar sem estas duas coisas, um cavalo e uma namorada". Relê Álvares de Azevedo. Uma das suas poesias é destinada a contar (1851) que residia em Catumbi, e, para ver a namorada no Catete, alugara um cavalo por três mil-reis...
>
> ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

05. Com a frase "como então dizíamos", o narrador tem por objetivo, principalmente,

A) comentar um uso linguístico de época anterior ao presente da narração.

B) criticar o uso de um estrangeirismo que caíra em desuso.

C) marcar o uso da primeira pessoa do plural.

D) registrar a passagem do cavaleiro diante da janela de Capitu.

E) condenar o modo como se falava no passado.

06. Considerando-se o excerto no contexto da obra a que pertence, pode-se afirmar **CORRETAMENTE** que as referências a Alencar e a Álvares de Azevedo revelam que, em *Dom Casmurro*, Machado de Assis

A) expôs, embora tardiamente, o seu nacionalismo literário e sua consequente recusa de leituras estrangeiras.

B) negou ao Romantismo a capacidade de referir-se à realidade, tendo em vista o hábito romântico de tudo idealizar e exagerar.

C) recusou, finalmente, o Realismo, para começar o retorno às tradições românticas que irá caracterizar seus últimos romances.

D) declarou que o passado não tem relação com o presente e que, portanto, os escritores de outras épocas não mais merecem ser lidos.

E) utilizou, como em outras obras suas, elementos do legado de seus predecessores locais, alterando-lhes, entretanto, contexto e significado.

07. (ITA-SP) Leia o seguinte texto:

> – Toma outra xícara, meia xícara só.
>
> – E papai?
>
> – Eu mando vir mais; anda, bebe!
>
> Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino.
>
> – Papai! papai! exclamava Ezequiel.
>
> – Não, não, eu não sou teu pai!
>
> ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 27 ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 173.

A cena criada por Machado de Assis está relacionada à(ao)

A) abuso de autoridade paterna.

B) excesso de carinho paterno.

C) reflexo de conflito interior.

D) violenta rejeição à criança.

E) cuidado com a alimentação da criança.

08. (PUC-SP–2006) "Este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem [...]"

Esse trecho integra o capítulo "O senão do livro", do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Dele e do livro como um todo, é **POSSÍVEL** depreender que

A) marca-se pela função metalinguística, já que o narrador-autor reflete sobre o próprio ato de escrever e analisa criticamente seu estilo irregular e vagaroso.

B) afirma que o livro "cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica", porque foi escrito do além, é uma obra de finado e trata apenas de fatos da eternidade.

C) é um capítulo desnecessário e o próprio narrador pensa em suprimi-lo por causa do despropósito que contém em suas últimas linhas e porque viola a estrutura linear dessa narrativa.

D) foge do estilo geral do autor, uma vez que interrompe o fio da narrativa com inserções reflexivas.

E) julga o leitor, com quem excepcionalmente dialoga, o grande defeito do livro, já que o desconsidera ao longo do romance.

09. (FUVEST-SP–2010)

[José Dias] Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor. Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama. "Esta é a melhor apólice", dizia ele muita vez. Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalham depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado, de uma elegância pobre e modesta. Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor e do frio, dos polos e de Robespierre. Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

No texto, o narrador diz que José Dias "sabia opinar obedecendo". Considerada no contexto da obra, essa característica da personagem é motivada, principalmente, pelo fato de José Dias ser

A) um homem culto, porém autodidata.

B) homeopata, mas usuário da alopatia.

C) uma pessoa de opiniões inflexíveis, mas também um homem naturalmente cortês.

D) um homem livre, mas dependente da família proprietária.

E) católico praticante e devoto, porém perverso.

10. (UFTM-MG–2007)

Foi mistério e segredo
e muito mais
foi divino o brinquedo
e muito mais
se amar como dois animais

Era um cão vagabundo
e uma onça pintada
se amando na praça
como os animais.

Alceu Valença

Ambos os trechos têm em comum com o Naturalismo

A) uma concepção psicológica do homem.

B) uma concepção biológica do mundo.

C) uma concepção idealista do homem.

D) uma concepção religiosa da vida.

E) uma visão sentimental da natureza.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2001) O texto a seguir foi extraído de uma crônica de Machado de Assis e refere-se ao trabalho de um escravo.

Um dia começou a Guerra do Paraguai e durou cinco anos, João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitórias. Quando se decretou o ventre livre dos escravos, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a República. João repicou por ela, repicaria pelo Império, se o Império retornasse.

ASSIS, Machado de. *Crônica sobre a morte do escravo João*, 1897.

A leitura do texto permite afirmar que o sineiro João

A) por ser escravo tocava os sinos, às escondidas, quando ocorriam fatos ligados à Abolição.

B) não poderia tocar os sinos pelo retorno do Império, visto que era escravo.

C) tocou os sinos pela República, proclamada pelos abolicionistas que vieram libertá-lo.

D) tocava os sinos quando ocorriam fatos marcantes porque era costume fazê-lo.

E) tocou os sinos pelo retorno do Império, comemorando a volta da Princesa Isabel.

02. (Enem–2001) No trecho a seguir, o narrador, ao descrever a personagem, critica sutilmente um outro estilo de época: o Romantismo.

Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1957.

A frase do texto em que se percebe a crítica do narrador ao Romantismo está transcrita na alternativa

A) [...] o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas [...]

B) [...] era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça [...]

C) Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, [...]

D) Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos [...]

E) [...] o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.

Instrução: Textos para a questão **03**

Texto I

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente, uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas.

Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos.

O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam [...]

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.
São Paulo: Martins, 1968. p. 43.

Texto II

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio de um passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego.

HOLLANDA, Chico Buarque de. "Construção" .
Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br>.
Acesso em: 21 ago. 2010 (fragmento).

03. O texto naturalista de Aluísio Azevedo e o poema-canção de Chico Buarque fazem um retrato da vida proletária. Ambos apresentam como característica comum

A) a visão determinista.
B) a ênfase no mundo interior das personagens.
C) a linguagem objetiva e descritiva.
D) a desumanização das personagens.
E) a evasão.

GABARITO

Fixação

01. A) Nesse capítulo, o narrador compara sua imaginação às éguas iberas. A metáfora empregada pelo narrador indica que sua imaginação corre livre e solta. É também fértil e ambiciosa, porque diante da "menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre". Desse modo, a metáfora utilizada sugere que a natureza imaginativa do narrador permite que supostos indícios se transformem rapidamente em verdades.

B) A metáfora da égua ibera remete à natureza fantasiosa do narrador, Bento Santiago, que, no capítulo citado, recorre à imaginação para escapar da carreira eclesiástica. Como justificativa para a falta de vocação religiosa, imagina confessar à mãe, a devota D. Glória, seu relacionamento amoroso às escondidas com Capitu. No romance, a imaginação fecunda de Bento Santiago justifica a hipótese de adultério, crescendo, assim, o ciúme, que sustenta a acusação e a condenação de Capitu sem provas concretas.

02. A) O autor, ao utilizar o recurso da comparação, reduz a personagem ao nível animal, como é típico do Naturalismo.

B) As expressões são "crina (cabelo) preta", "como éguas selvagens".

Propostos

01. D
02. A
03. C
04. A
05. A
06. E
07. C
08. A
09. D
10. B

Seção Enem

01. D
02. A
03. D

LÍNGUA PORTUGUESA

Parnasianismo e Simbolismo

MÓDULO 12 FRENTE B

PARNASIANISMO

O Parnasianismo foi uma corrente literária do final do século XIX que procurou recusar o Romantismo de tradição medieval e resgatar os conceitos clássicos da arte greco-romana, baseados no racionalismo, no equilíbrio e na contenção da forma. Como a arte parnasiana versa muito sobre a sua própria construção, há, em suas realizações, um forte caráter metalinguístico. Os poemas têm como temática a busca de uma poesia bela e perfeita como uma escultura clássica, tão geométrica como um templo grego. Por isso, o poeta parnasiano associava-se à imagem de um **escultor** ou de um **ourives**, que burila a poesia, esculpe os versos e as estrofes até atingir a **forma plena**, a "arquitetura" mais adequada para o poema, que deveria ser construído em nome da perfeição formal. Devido a esse forte aspecto metalinguístico, os críticos denominaram a produção parnasiana de uma estética da **arte pela arte**. Para alcançar tamanha perfeição, o poeta deveria exilar-se da realidade mundana e viver enclausurado em sua "Torre de Marfim", na qual se dedicaria ao seu duro labor de poeta que busca as "Belas Letras", o vocabulário nobre (o que explica a presença de expressões latinas e francesas), a construção sintática erudita e as alusões constantes à mitologia grega.

Creative Commons

O Partenon é uma estrutura arquitetônica iniciada por volta de 448 a.C., em Atenas. Ele serviu de modelo estético para a arquitetura Neoclássica e também para a poesia parnasiana. Os seguintes versos de Olavo Bilac, em que o autor afirma sua concepção poética, exemplificam isso: "De tal modo que a imagem fique nua, / Rica mas sóbria, como um templo grego".

O Parnasianismo brasileiro ficou consagrado no trabalho de três autores: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac (o "Príncipe dos poetas"), que se encontram retratados da esquerda para a direita na seguinte imagem:

Artista desconhecido

Os mais famosos versos parnasianos são de Bilac, que, em "Profissão de fé", traçou as diretrizes da poética parnasiana:

Profissão de fé

[...]
Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.
[...]
Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.
Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:
[...]
E horas sem conto passo, mudo,
O olhar atento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Porque o escrever – tanta perícia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer.

BILAC, Olavo. *Poesias*. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 5-6.

A partir da leitura do poema de Bilac, é possível traçar as diretrizes dos parnasianos:

- O caráter metalinguístico: escreve-se a respeito do próprio ato da escrita, da reflexão sobre a poesia e do papel do poeta.
- Comparação do poeta a um ourives que irá esculpir uma "joia": a poesia.
- Concepção de que essa "joia" deva exibir uma pedra preciosa: o "rubim" da rima (observe como o poema é todo estruturado por rimas alternadas ABAB).
- A busca da perfeição formal: "que a estrofe cristalina saia da oficina sem nenhum defeito".
- A retratação da poesia como um exercício árduo, que mescla a inspiração, a genialidade, com o trabalho persistente, que é o labor literário em busca da melhor expressão: "Torce, aprimora, alteia, lima a frase".
- A imagem aurática do poeta: um ser dotado de uma genialidade que o leva a se exilar do convívio mundano, ficar "longe de tudo" para concretizar seu ofício poético.
- A sacralização da poesia: "ofício" mais digno que "qualquer outro".

O Parnasianismo constituiu-se como uma retomada da Antiguidade Clássica, pois a poesia deveria ter a sobriedade, a forma linguística apurada, retilínea, nobre. Entretanto, mesmo que se proclamassem "sóbrios como templos gregos", os parnasianos produziram, inevitavelmente, uma linguagem extremamente ornamentada, rica em preciosismos, erudições e rimas arcaicas; a poesia parnasiana se enquadra nessa "aparência" de sobriedade e de demasiado decorativismo em seu interior.

A excessiva verborragia dos textos dos autores parnasianos foi extremamente criticada pelos autores modernistas que os sucederam. Como satirizou Oswald de Andrade, só não se inventou uma máquina de fazer versos porque "já havia os poetas parnasianos". Tal comentário evidencia como a produção parnasiana era extremamente repetitiva tanto na forma quanto na temática.

Além do tema central do Parnasianismo, que é o próprio fazer poético, os poetas dedicaram-se também a escrever sobre datas cívicas, figuras ilustres, poetas clássicos, figuras femininas e sentimentos amorosos. O soneto mais consagrado do Parnasianismo sobre a temática amorosa é o que aparece a seguir, de autoria de Olavo Bilac:

Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" e eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.

Ibidem. p. 53.

SIMBOLISMO

Enquanto os parnasianos buscaram seus modelos formais no racionalismo da cultura clássica, os simbolistas tiveram outra preocupação estética, direcionada a uma escrita mais espiritualista, transcendental, de influência oriental e de cunho místico.

Na Europa do final do século XIX, principalmente na França, alguns artistas contestaram o positivismo filosófico e o cientificismo estético tão promulgados pelos autores do Realismo-Naturalismo. Inicialmente, essa reação artística contra a produção baseada na lógica, nos ideais iluministas e na concepção do progresso ficou denominada Decadentismo. Contudo, o intelectual Jean Moréas, em 1886, lançou o "Manifesto Simbolista", no qual sugeria o nome de Simbolismo para a produção literária então promulgada pelos escritores Charles Baudelaire, Paul Verlaine, Rimbaud, Mallarmé e por ele mesmo. A partir daí, todos passaram a aceitar o Simbolismo como uma nova manifestação artística, com adeptos nas letras e nas artes em geral.

Desse modo, tanto a pintura quanto a literatura simbolista passaram a propagar que a produção artística deveria se constituir por meio de imagens sugestivas capazes de promover a **correspondência** entre o eu e o mundo, o universo material e o transcendental. Diante da impossibilidade de delinear e de definir os sentimentos e o universo transcendente (já que são da ordem do indizível, do indescritível e do inefável), os poetas sugerem imagens simbólicas que corresponderiam ao mundo etéreo que desejam representar. Por isso, não cabe ao poeta simbolista definir, especificar, delimitar, contornar, explicar, mas **evocar**. O poeta francês Mallarmé fez a seguinte afirmativa sobre a importância da sugestão na construção da poesia:

> [...] referir-se a um objeto pelo seu nome é suprimir as três quartas partes da fruição do poema, que consiste na felicidade de adivinhar pouco a pouco; sugeri-lo, eis o que sonhamos. É o uso perfeito desse mistério que constitui o símbolo; evocar pouco a pouco um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e desprender dele um estado de alma por uma série de decifrações.
>
> Apud.TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 89.

Além dos símbolos, a literatura simbolista explora outros recursos empregados para se buscar a "correspondência" entre o mundo imaginário do poeta e a linguagem escrita, tais como a **musicalidade** e a **sinestesia**. O poeta francês Paul Verlaine, em *Arte poética*, imortalizou a questão da sonoridade como um forte recurso simbolista por meio do verso: "**Antes de qualquer coisa, a música**". Tamanho privilégio da sonoridade na poesia levou à valorização de figuras sonoras como as aliterações, assonâncias, ecos, rimas e paronomásias. Era o desejo dos poetas simbolistas de conseguir "traduzir" os temas por meio das palavras empregadas para representá-los.

Todas essas reflexões estéticas e ideológicas sobre a arte simbolista, divulgadas principalmente na França, chegaram ao Brasil e encontraram adeptos que fizeram delas a própria concepção artística pessoal. Dois nomes são exemplares nesse caso: o de Cruz e Sousa e o de Alphonsus de Guimaraens.

No Brasil, o Simbolismo começou a vigorar no ano de 1893, com a publicação de duas obras de Cruz e Sousa: *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia). A produção do poeta brasileiro segue os preceitos estéticos dos franceses, ao explorar intensamente a musicalidade, a sinestesia e a linguagem simbólica para construir cenários etéreos e diáfanos. Cruz e Sousa, em "O emparedado", afirma que somente a visão delicada de um espírito artístico assinala os inexprimíveis segredos que vagam na luz, no ar, no som, no aroma e na cor, trazendo inéditas manifestações do indefinido, concepção que ele reitera em "Sabor": "Para mim, as palavras, como têm colorido e som, têm, do mesmo modo, sabor".

Caricatura feita por Ângelo Agostini, reproduzida na Revista Ilustrada*, que retrata Cruz e Sousa segurando sua obra* Missal*.*

O poema "Antífona", primeiro da obra *Broquéis*, confirma como as concepções estéticas do Simbolismo francês foram assimiladas pelo contexto poético brasileiro. O texto é uma súplica para que os elementos etéreos, sinestésicos, sonoros, misteriosos e místicos ajudem o poeta a construir sua poética:

Antífona

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, constelarmente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos, aéreos,
Fecundai o Mistério destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades
Que fuljam, que na Estrofe se levantem
E as emoções, todas as castidades
Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros
Fecunde e inflame a rima clara e ardente...
Que brilhe a correção dos alabastros
Sonoramente, luminosamente.
[...]
Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,
Nos turbilhões quiméricos do Sonho,
Passe, cantando, ante o perfil medonho
E o tropel cabalístico da Morte...

SOUSA, Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 63.

O outro nome significativo do Simbolismo brasileiro é o de Alphonsus de Guimaraens, que recebeu o epíteto de o "Solitário de Mariana". A temática amorosa em seus versos é um canto dolorido, que se manifesta pela perda da amada morta, o que leva a voz poética a também almejar a morte para que possa reencontrá-la:

Hão de chorar por ela os cinamomos
Murchando as flores ao tombar do dia
Dos laranjais hão de cair os pomos
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: – "Ai, nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria..."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua que lhe foi mãe carinhosa
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: – "Por que não vieram juntos?"

GUIMARAENS, Alphonsus de. Hão de chorar por ela os cinamomos. In: GONÇALVES, Magaly Trindade et al. *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa, 2004. p. 384.

Mas, sem dúvida, o mais conhecido poema de Alphonsus de Guimaraens é "Ismália", composição em que o poeta revela como o sonho e a loucura são as únicas formas de se escapar das agruras da realidade.

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

GUIMARAENS, Alphonsus de. "Ismália". In: GONÇALVES, Magaly Trindade et al. *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa, 2004. p. 391.

RELEITURAS

De uma maneira geral, parnasianos e simbolistas receberam severas críticas de seus sucessores imediatos. Conforme será visto posteriormente, os pré-modernistas, em sua maioria, eram artistas atentos às transformações políticas e às injustiças sociais de seu tempo; comprometidos, portanto, com uma literatura que, embora não fosse panfletária, era mais engajada. Para eles, a preocupação excessiva com os aspectos formais e sonoros do texto e o distanciamento da realidade, típicos do Parnasianismo e do Simbolismo, produziam uma arte vazia, artificial e alienada, reduzida ao mero exercício estético e pouco comprometida com ideais pragmáticos (tais como os de denúncia ou de conscientização, por exemplo) ou mesmo com a capacidade de emocionar. Essa crítica pode ser vista no trecho a seguir, retirado de uma das crônicas de *Os Bruzundangas*, obra de Lima Barreto:

Não nego que houvesse entre eles alguns de valor, mas os preconceitos da escola os matava.

A maioria ia para ela, porque era cômodo no fundo, pois não pedia que se comunicasse qualquer emoção, qualquer pensamento, qualquer importante revelação de nossa alma que interessasse a outras almas; [...] enfim, um julgamento, um conceito que pudesse influir no uso da vida, na nossa conduta e no problema do nosso destino, empregando os fatos simples, elementares, as imagens e os sons que por si sós não exprimiam a idéia que se procura, mas que se acha com eles e se vai além por meio deles.

Abanquei-me e pude perceber que acabavam de ouvir uma poesia do poeta Worspikt. Tratava da lua, de iceberg, – descobri eu por uma ou outra consideração que fizeram.

Nenhum deles tinha visto um iceberg, mas gabavam os ouvintes a emoção com que o outro traduzira em verso o espetáculo desse fenômeno das circunvizinhanças dos pólos. Num dado momento, Kotelniji disse para Worspikt:

– Gostei muito desse teu verso: "há luna loura linda, leve, luna bela!"

BARRETO, Lima. "Os samoiedas". In: *Os Bruzundangas.*

A "escola" e o poeta mencionados no texto de Lima Barreto são fictícios, mas constituem representações do estilo e dos escritores parnasianos e simbolistas. Ao dizer que a escola não comunica qualquer emoção, pensamento ou importante revelação, o narrador evidencia como ela é desprovida de conteúdo e, portanto, inútil (não influi "no uso da vida" ou na conduta). A suposta emoção causada pela declamação do verso é artificial, já que "luna loura linda, leve, luna bela" não diz muita coisa, trata-se apenas de um exemplo de uso despropositado da aliteração para criar um efeito sonoro qualquer.

Além dos pré-modernistas, também os modernistas da Primeira Geração criticam os parnasianos e simbolistas, porém por motivos diferentes. O que causa incômodo aos modernistas na poesia parnasiana e simbolista (sobretudo na parnasiana) não é a sobreposição da forma em detrimento do conteúdo, mas sim o preciosismo vocabular, a falta de liberdade criativa e a exigência de se cumprirem regras, sobretudo quanto à métrica e às rimas. Como alternativa ao requinte formal de parnasianos e simbolistas, os modernistas irão propor o uso de versos brancos e livres e também de termos coloquiais. Em "Poética", poema que será analisado de forma mais aprofundada nos estudos sobre o Modernismo, Manuel Bandeira afirma estar "farto do lirismo comedido" e não querer mais saber "do lirismo que não é libertação", por isso propõe a incorporação de elementos marginalizados pela poesia academicista, já que na lírica modernista há espaço para "todas as palavras", "todas as construções" e "todos os ritmos". Já Oswald de Andrade, no Manifesto Pau-Brasil, proclama "contra o gabinetismo, a prática culta da vida" e afirma serem os parnasianos "máquinas de fazer versos".

As conquistas herdadas da fase heroica modernista foram muito importantes para que os escritores de gerações posteriores tivessem liberdade de fazer seus versos como quisessem, inclusive para adotar as formas clássicas, se isso lhes parecesse conveniente. Em função disso, a partir da 2ª Geração do Modernismo, encontra-se todo tipo de texto (de formas livres e de formas fixas), e a relação com o Simbolismo e o Parnasianismo passa a ser mais amigável. A 2ª Geração do Modernismo, inclusive, promoveu um retorno aos valores simbolistas, tais como a musicalidade e a espiritualidade, sendo por isso conhecida como Neossimbolismo. Observe o poema a seguir e tente perceber essas e outras características simbolistas:

1º motivo da rosa

Vejo-te em seda e nácar,
e tão de orvalho trêmula,
que penso ver, efêmera,
toda a Beleza em lágrimas
por ser bela e ser frágil.

Meus olhos te ofereço:
espelho para a face
que terás, no meu verso,
quando, depois que passes,
jamais ninguém te esqueça.

Então, de seda e nácar,
toda de orvalho trêmula,
serás eterna. E efêmero
o rosto meu, nas lágrimas
do teu orvalho... E frágil.

MEIRELES, Cecília. Mar Absoluto. In: *Poesia completa*.
Rio de janeiro: Nova Fronteira, 2001.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Algumas características do Parnasianismo, tais como o gosto pela forma, a sobriedade, o equilíbrio e a proporção, remetem aos valores da Antiguidade clássica. Portanto, pode-se dizer que a arquitetura neoclássica, já estudada anteriormente, expressa, no plano artístico, algumas das características da poesia parnasiana. Vários prédios construídos no Brasil no início do século XX seguiram essa concepção estética. Tente observar como isso é notório nas formas lisas das fachadas, nas colunas das entradas dos edifícios, no formato retangular e triangular das linhas das construções.

Como exemplos da manifestação desse estilo, podem ser citadas a construção da capital mineira, Belo Horizonte, projetada pelo engenheiro Araão Reis entre 1894 e 1897, e a reforma urbana do Rio de Janeiro, conduzida pelo prefeito Pereira Passos entre 1903 e 1906, ambas inspiradas no projeto urbanístico de Paris. Nos dois casos, o conceito de modernidade era valorizado: procurava-se livrar as cidades de seus aspectos provincianos e / ou das memórias coloniais. Outras diretrizes dos projetos apoiavam-se na preocupação não só com a higiene mas também com a circulação de pessoas e de mercadorias. Observe os trechos a seguir e também a planta da cidade de Belo Horizonte e procure perceber como o equilíbrio geômetra, a simetria e a proporção – característicos da arquitetura neoclássica – eram contemplados pelos idealizadores do planejamento urbano e empregados com objetivos utilitários:

Na perspectiva urbanística desses engenheiros que [...] eram afeitos a "governar por retas", a ciência deveria ser incontestável, com poucos limites à sua atuação [...]. Dentro dessa meta urbanística, a região portuária, localizada em um litoral cheio de irregularidades [...] foi aterrada e retificada, permitindo o surgimento de uma série de ruas que se dispunham em uma relação de paralelismo e perpendicularidade, formando ângulos de 90 graus, e cujo conjunto final denotava um sistema de vias e quarteirões em harmonia simétrica. Tal ordenamento da área portuária conquistada ao mar expressava a visão mecanicista de urbanização dos seus mentores, nas quais um conjunto de vias retas e simétricas entre si operavam ligações objetivas [...].

AZEVEDO, André Nunes. Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. *Revista Rio de Janeiro,* n. 10, maio-ago. 2003

Foi organizada, *(sic)* a planta geral da futura cidade dispondo-se na parte central, no local do atual arraial, a área urbana, de 8815382 m², dividida em quarteirões de 120 m x 120 m pelas ruas, largas e bem orientadas, que se cruzam em ângulos retos, e por algumas avenidas que as cortam em ângulos de 45º. Às ruas fiz dar a largura de 20 metros, necessária para a conveniente arborização, a livre-circulação dos veículos, o tráfego dos carros e trabalhos da colocação e reparações das canalizações subterrâneas. Às avenidas fixei a largura de 35 metros, suficiente para dar-lhes a beleza e o conforto que deverão, de futuro, proporcionar à população [...]

Declaração de Araão Reis, 1985. In: FERREIRA, Maria Auxiliadora Matos. O favorecimento da ambientação paisagística na cidade de Belo Horizonte por meio das políticas urbanas. UFLA, 2008.

Comissão Construtora de Belo Horizonte / Creative Commons

Planta da cidade de Belo Horizonte

Phileus Fogg

Edifícios dos primórdios da capital mineira. Apesar do predomínio das colunas retas, os detalhes são extremamente ornamentados. O contraste entre sobriedade e preciosismo, encontrado no texto paranasiano, também se manifestou na arquitetura.

Outras manifestações artísticas em voga no final do século XIX e no início do século XX pertenceram ao movimento chamado *Art Nouveau,* que procurou uma concepção de beleza na exuberância da linguagem, inclusive visual. O *Art Nouveau* promoveu o detalhismo e o culto à ornamentação em diferentes setores, como na decoração, no *design* gráfico, na joalheria e no mobiliário. É fácil identificar tal estilo, principalmente em luminárias, objetos de decoração, escadarias, desenhos de papéis de parede, rótulos e cartazes de propaganda. Desse modo, ainda que pregasse a sobriedade e a linearidade por um lado, por outro, os poetas e os artistas possuíam um gosto eternamente decorativista e ornamental, responsável por produzir textos, quadros e construções arquitetônicas constituídos por inúmeros arabescos. Se, no exterior dos prédios, há toda uma formalidade e sobriedade que retoma o Partenon, nos objetos decorativos do interior há inúmeras estatuetas que retomam a mitologia feitas com excessivos detalhes. As ilustrações seguintes são bons exemplos da ornamentação cultuada pelo *Art Nouveau*:

Joseph Christian Leyendecker

Ilustração de Joseph Christian Leyendecker: Couple Descending Stairs (Arrow Collar Advertisement). *Observe o detalhismo da escada e do lustre, bem ao gosto do* Art Nouveau.

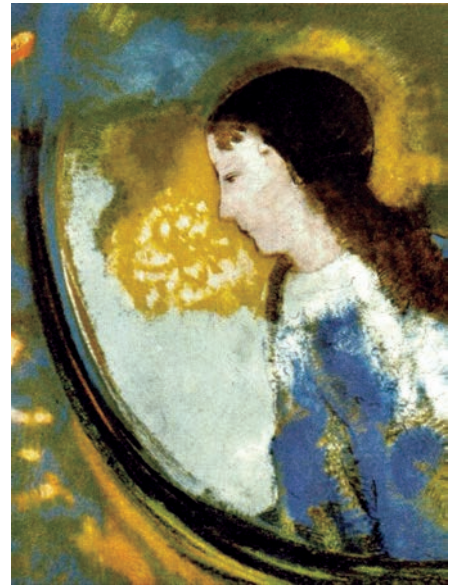
Reprodução

Propaganda da Companhia Nacional de Tabacos na primeira década do século XX. Exemplo de Art Nouveau *na publicidade brasileira.*

Ainda que aparentemente opostas, a retomada da sobriedade dos clássicos e a ornamentação da *Art Nouveau* sintetizam o que é considerado o "bom gosto" aristocrático e burguês do final do século XIX e do início do XX, período denominado de *Belle Époque*.

O Simbolismo foi uma negação da arte científico-materialista, com o intuito de valorizar o plano espiritual, sensitivo, subjetivo, místico e onírico. Assim, ao invés da verossimilhança e da objetividade pregadas pelos realistas, a arte simbolista propunha apenas a **sugestão**. Evocar em vez de descrever, sugerir em vez de definir, sentir em vez de racionalizar. Tais propostas se davam não só no plano das letras, mas também no da pintura, como exemplificam os trabalhos de Gustave Moureau e Odilon Redon, dois dos principais pintores simbolistas do século XIX:

Gustave Moreau

A aparição – Gustave Moreau

Odilon Redon

Moça – Odilon Redon

No caso da pintura simbolista brasileira, o nome de maior destaque é o de Eliseu Visconti. Em seus trabalhos, é possível reconhecer os elementos típicos dessa estética: a tendência espiritualista, a imagem onírica perpassada pela simbologia cristã, a figura feminina associada a anjos, a transcendência da dor, além da presença de véus que sugerem a fluidez e a evanescência do ambiente místico. Por questões de direitos autorais das imagens, as pinturas desse artista não podem ser reproduzidas mas suas obras e biografia podem ser consultadas no site oficial: www.eliseuvisconti.com.br.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UNESP)

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:
[...]
Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!
[...]

A) A qual estilo de época pertencem esses versos?

B) **TRANSCREVA** os versos em que o poeta personifica o objeto de sua devoção.

02. (UFRJ–2009)

O Assinalado

Tu és o louco da imortal loucura,
o louco da loucura mais suprema.
A terra é sempre a tua negra algema,
prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
mas essa mesma Desventura extrema
faz que tu'alma suplicando gema
e rebente em estrelas de ternura.

Tu és Poeta, o grande Assinalado
que povoas o mundo despovoado,
de belezas eternas, pouco a pouco.

Na Natureza prodigiosa e rica
toda a audácia dos nervos justifica
os teus espasmos imortais de louco!

SOUSA, Cruz e. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 135.

O título do texto – "O Assinalado" – remete a uma concepção de poeta que se associa, a um só tempo, às correntes estéticas do Simbolismo e do Romantismo. **APRESENTE** essa concepção.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UFPE) O Parnasianismo pode ser descrito como um movimento

( ) essencialmente poético, que reagiu ao sentimentalismo romântico.
( ) cuja poesia é, sobretudo, forma que se sobrepõe ao conteúdo e às ideias.
( ) cuja arte tinha um sentido utilitário e um compromisso social.
( ) cuja verdade residia na beleza da obra, e essa, na sua perfeição formal.
( ) que revela preferência pela objetividade, pelos temas greco-latinos e por formas fixas, como o soneto.

02. (PUC RS–2006) Morte e _______ são temas presentes tanto na poesia de ________ quanto na de __________, considerados as duas principais matrizes do __________ no Brasil, movimento do final do século XIX, de inspiração francesa.

As lacunas podem ser **CORRETA** e respectivamente preenchidas por

A) mitologia – Cruz e Sousa – Eduardo Guimaraens – Parnasianismo.
B) melancolia – Alphonsus de Guimaraens – Raimundo Correia – Simbolismo.
C) religiosidade – Cruz e Sousa – Alphonsus de Guimaraens – Simbolismo.
D) amor – Olavo Bilac – Raimundo Correia – Parnasianismo.
E) natureza – Cruz e Sousa – Eduardo Guimaraens – Simbolismo.

03. (UFGRS–2006) Com relação ao Parnasianismo, são feitas as seguintes afirmações:

I. Pode ser considerado um movimento antirromântico pelo fato de retomar muitos aspectos do racionalismo clássico.
II. Apresenta características que contrastam com o esteticismo e com o culto da forma.
III. Definiu-se, no Brasil, com o livro *Poesias*, de Olavo Bilac, publicado em 1888.

Quais estão **CORRETAS**?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas I e III.
D) Apenas II e III.
E) I, II e III.

04. (UFRGS) Sobre o Simbolismo brasileiro é **CORRETO** afirmar que

A) reelabora a fala popular carioca em curtos poemas de temática urbana repletos de elipses e de trocadilhos bilíngues.
B) retoma a temática romântica com ânimo satírico e polêmico, inclusive parodiando trechos de romances do século XIX.
C) explora a mitologia greco-latina e episódios da história antiga da Europa em sonetos descritivos com chave de ouro.
D) explora a sugestividade dos sons da língua em poemas que reportam sensações indefinidas e sentimentos vagos.
E) reelabora a musicalidade dos vocábulos com experiências em que as palavras são segmentadas e a frase parte-se em fragmentos.

05. (UFF-RJ)

A Pátria

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...
Quem com o seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

Olavo Bilac

As estéticas literárias, embora costumem ser datadas nos livros didáticos com início e término pós-determinados, não se deixam aprisionar pela rigidez cronológica.

Assinale o comentário adequado em relação à expressão estética do poema "A Pátria", de Olavo Bilac (1865-1918).

A) O poema transcende a estética parnasiana ao tratar a temática da exaltação da terra, segundo a estética romântica.

B) O poema exemplifica os preceitos da estética parnasiana e valoriza a forma na expressão comedida do sentimento nacional.

C) O poema antecipa-se ao discurso crítico da identidade nacional – tema central da estética modernista.

D) O poema insere-se nas fronteiras rígidas da estética parnasiana, dando ênfase à permanência do ideário estético, no eixo temporal das escolas literárias.

E) O poema reflete os valores essenciais e perenes da realidade, distanciando-se de um compromisso com a afirmação da nacionalidade.

06. (ITA-SP)

Litania dos Pobres

Os miseráveis, os rotos
São as flores dos esgotos

São espectros implacáveis
Os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários
Dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,
Cegos, a tatear nas portas.

Procurando os céus, aflitos
E varando os céus de gritos.

Inúteis, cansados braços
Mãos inquietas, estendidas.

Cruz e Sousa

Assinale a alternativa **INCORRETA**.

A) O tema poderia ser tomado pelo Realismo.

B) Para pertencer ao Naturalismo, há comiseração demais no poema.

C) Para ser de Castro Alves, falta arrebatamento, revolta.

D) A religiosidade ("procurando o céu" – v. 11) condiz mais com o Modernismo que com o Simbolismo.

E) O título "Litania" (ladainha) revela o lado místico.

07. (UFES)

O Assinalado

Tu és o louco da imortal loucura,
O louco da loucura mais suprema.
A Terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco ...

Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!

Cruz e Sousa

O poema anterior encontra-se na obra *Últimos sonetos*, de Cruz e Sousa, poeta cujo centenário de morte foi comemorado em 1998. Leia as afirmativas seguintes acerca do poema e assinale a alternativa **CORRETA**.

I. Ocorre hipérbole no verso 4; anáfora, nos versos 5 e 6; antítese, no verso 9; sinestesia, nos versos 13 e 14.

II. O poeta é considerado um ser diferente cuja alma, mesmo algemada à Terra, rebenta "em estrelas de ternura".

III. O uso da letra maiúscula em substantivos comuns singulariza-os e empresta-lhes uma dimensão simbólica.

A) Apenas a afirmativa I está correta.

B) Apenas a afirmativa II está correta.

C) Apenas a afirmativa III está correta.

D) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.

E) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.

08. (UEG-GO–2006)

Últimos versos

Na tristeza do céu, na tristeza do mar,
eu vi a lua cintilar.
Como seguia tranquilamente
por entre nuvens divinais!
Seguia tranquilamente
como se fora a minh'Alma,
silente,
calma,
cheia de ais.
A abóboda celeste,
que se reveste
de astros tão belos,
era um país repleto de castelos.

E a alva lua, formosa castelã,
seguia
envolta num sudário alvíssimo de lã,
como se fosse
a mais que pura Virgem Maria...
Lua serena, tão suave e doce,
do meu eterno cismar,
anda dentro de ti a mágoa imensa
do meu olhar!

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Melhores poemas*. Seleção de Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Global, 2001. p. 161.

Entre as características poéticas de Alphonsus de Guimaraens, predomina, no poema apresentado,

A) o diálogo com a amada.
B) o poema-profanação.
C) as imagens de morte.
D) o poema-oração.

(UNESP–2010)
Instrução: A questão de número **09** toma por base um poema do parnasiano brasileiro Julio César da Silva (1872-1936).

Arte suprema

Tal como Pigmalião, a minha idéia
Visto na pedra: talho-a, domo-a, bato-a;
E ante os meus olhos e a vaidade fátua
Surge, formosa e nua, Galateia.

Mais um retoque, uns golpes... e remato-a;
Digo-lhe: "Fala!", ao ver em cada veia
Sangue rubro, que a cora e aformoseia...
E a estátua não falou, porque era estátua.

Bem haja o verso, em cuja enorme escala
Falam todas as vozes do universo,
E ao qual também arte nenhuma iguala:

Quer mesquinho e sem cor, quer amplo e terso,
Em vão não é que eu digo ao verso: "Fala!"
E ele fala-me sempre, porque é verso.

SILVA, Júlio César da. *Arte de amar.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

09. O soneto "Arte suprema" apresenta as características comuns da poesia parnasiana. Assinale a alternativa em que as características descritas se referem ao Parnasianismo.

A) Busca da objetividade, preocupação acentuada com o apuro formal, com a rima, o ritmo, a escolha dos vocábulos, a composição e a técnica do poema.
B) Tendência para a humanização do sobrenatural, com a oposição entre o homem voltado para Deus e o homem voltado para a terra.
C) Poesia caracterizada pelo escapismo, ou seja, pela fuga do mundo real para um mundo ideal caracterizado pelo sonho, pela solidão, pelas emoções pessoais.
D) Predomínio dos sentimentos sobre a razão, gosto pelas ruínas e pela atmosfera de mistério.
E) Poesia impregnada de religiosidade e que faz uso recorrente de sinestesias.

10. (PUCPR–2010) Leia o poema a seguir, de Cruz e Sousa, para responder à questão.

Sinfonias do ocaso

Musselinosas como brumas diurnas
descem do ocaso as sombras harmoniosas,
sombras veladas e musselinosas para as
profundas solidões noturnas.

Sacrários virgens, sacrossantas urnas,
os céus resplendem de sidéreas rosas,
da Lua e das Estrelas majestosas
iluminando a escuridão das furnas.

Ah! por estes sinfônicos ocasos
a terra exala aromas de áureos vasos,
incensos de turíbulos divinos.

Os plenilúnios mórbidos vaporam ...
E como que no Azul plangem e choram
cítaras, harpas, bandolins, violinos ...

I. O uso de maiúsculas no poema remete a uma característica da poesia simbolista.
II. A temática do soneto não é simbolista.
III. A sinestesia está presente nos tercetos do soneto.
IV. Os versos "Ó Formas alvas, brancas, Formas claras / De luares, de neves, de neblinas", do poema "Antífona", apresentam vocabulário que remete ao mesmo campo semântico de brumas e plenilúnios.

A) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
B) Apenas as assertivas I, III e IV estão corretas.
C) Apenas a assertiva I está correta.
D) Todas as assertivas estão corretas.
E) Apenas a assertiva II está correta.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2009)

Cárcere das almas

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!

SOUSA, Cruz e. *Poesia completa.* Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura / Fundação Banco do Brasil, 1993.

Os elementos formais e temáticos relacionados ao contexto cultural do Simbolismo encontrados no poema "Cárcere das almas", de Cruz e Sousa, são

A) a opção pela abordagem, em linguagem simples e direta, de temas filosóficos.
B) a prevalência do lirismo amoroso e intimista em relação à temática nacionalista.
C) o refinamento estético da forma poética e o tratamento metafísico de temas universais.
D) a evidente preocupação do eu lírico com a realidade social expressa em imagens poéticas inovadoras.
E) a liberdade formal da estrutura poética que dispensa a rima e a métrica tradicionais em favor de temas do cotidiano.

02. (Enem–2003)

Epígrafe*

Murmúrio de água na clepsidra** gotejante,
Lentas gotas de som no relógio da torre,
Fio de areia na ampulheta vigilante,
Leve sombra azulando a pedra do quadrante***

Assim se escoa a hora, assim se vive e morre...
Homem, que fazes tu? Para que tanta lida,
Tão doidas ambições, tanto ódio e tanta ameaça?
Procuremos somente a Beleza, que a vida
É um punhado infantil de areia ressequida,
Um som de água ou de bronze e uma sombra que passa...

CASTRO, Eugênio de. *Antologia pessoal da poesia portuguesa.*

(*) Epígrafe: inscrição colocada no ponto mais alto; tema.
(**) Clepsidra: relógio de água.
(***) Pedra do quadrante: parte superior de um relógio de sol.

Nesse poema, o que leva o poeta a questionar determinadas ações humanas (versos 6 e 7) é a

A) infantilidade do ser humano.
B) destruição da natureza.
C) exaltação da violência.
D) inutilidade do trabalho.
E) brevidade da vida.

03. (Enem–2009)

Ouvir estrelas

Ora, (direis) ouvir estrelas! Certo
perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
que, para ouvi-las, muita vez desperto
e abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda noite, enquanto
a Via-Láctea, como um pálio aberto,
cintila. E, ao vir o Sol, saudoso e em pranto,
inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas?" Que sentido
tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.

BILAC, Olavo. "Ouvir estrelas". *Tarde*, 1919.

Ouvir estrelas

Ora, direis, ouvir estrelas! Vejo
que estás beirando a maluquice extrema.
No entanto o certo é que não perco o ensejo
De ouvi-las nos programas de cinema.

Não perco fita; e dir-vos-ei sem pejo
que mais eu gozo se escabroso é o tema.
Uma boca de estrela dando beijo
é, meu amigo, assunto p'ra um poema.

Direis agora: Mas, enfim, meu caro,
As estrelas que dizem? Que sentido
têm suas frases de sabor tão raro?

Amigo, aprende inglês para entendê-las,
Pois só sabendo inglês se tem ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.

TIGRE, Bastos. "Ouvir estrelas". In: BECKER, I. *Humor e humorismo:* antologia. São Paulo: Brasiliense, 1961.

A partir da comparação entre os poemas, verifica-se que,

A) no texto de Bilac, a construção do eixo temático se deu em linguagem denotativa, enquanto no de Tigre, em linguagem conotativa.
B) no texto de Bilac, as estrelas são inacessíveis, distantes, e no texto de Tigre, são próximas, acessíveis aos que as ouvem e as entendem.
C) no texto de Tigre, a linguagem é mais formal, mais trabalhada, como se observa no uso de estruturas como "dir-vos-ei sem pejo" e "entendê-las".
D) no texto de Tigre, percebe-se o uso da linguagem metalinguística no trecho "Uma boca de estrela dando beijo / é, meu amigo, assunto p'ra um poema".
E) no texto de Tigre, a visão romântica apresentada para alcançar as estrelas é enfatizada na última estrofe de seu poema com a recomendação de compreensão de outras línguas.

LÍNGUA PORTUGUESA

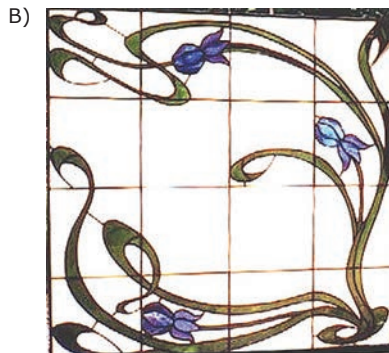
04. O estilo *Art Nouveau* influenciou profundamente as artes plásticas no início do século XX. Entre suas características, está a valorização do caráter ornamental das linhas. Esse movimento rompe, de certa maneira, com concepções artísticas lírico-sentimentalistas, estabelecendo uma articulação entre a produção artística e a industrial em série. Assim, foi absorvido pela indústria cultural e pela publicidade. Encontramos melhor exemplo para essa afirmação em

A)

B)

C)

D)

E)

GABARITO

Fixação

01. A) Esses versos foram escritos por Olavo Bilac ("Profissão de Fé") e apresentam características do estilo parnasiano.

    B) Em "Deusa serena, / Serena Forma!", o poeta personifica, ou melhor, diviniza o objeto de sua devoção.

02. A concepção de poeta do Simbolismo e do Romantismo é a de um ser iluminado, inspirado, divino, dotado da capacidade de indicar à humanidade, por intermédio da poesia, o que comumente não se percebe.

Propostos

01. V V F V V
02. C
03. C
04. D
05. A
06. D
07. E
08. C
09. A
10. B

Seção Enem

01. C 02. E 03. D 04. E

LÍNGUA PORTUGUESA

Concordância Verbal

MÓDULO 10 FRENTE C

REGRAS GERAIS

A concordância verbal é aquela que se faz entre o sujeito de uma oração e o verbo que a ele se relaciona. Conhecemos anteriormente a regra geral desse tipo de concordância, ao estudarmos a função de sujeito.

Como sabemos, esse termo comanda a flexão do verbo, ou seja, o verbo concorda com o sujeito, em harmonia com as seguintes regras:

Sujeito simples

O verbo concorda em número e pessoa com o substantivo (ou termo de natureza substantiva) núcleo do sujeito, sendo este anteposto ou posposto.

Exemplos:

– *As* **formigas** **subiam** *em fila pelo pilar de sustentação da casa.*

– **Tu** **pagarás** *por tudo que me* **fizestes** *sofrer*.

– **Ocorrerão** *ainda muitas* **catástrofes** *climáticas*.

– **Existiriam** **habitantes** *em terras tão inóspitas?*

Sujeito composto anteposto

1. O verbo concorda no plural.

Exemplo:

– **Carro** *e* **bicicleta** *não atrapalham o tráfego.*

2. Em alguns casos, o verbo pode ficar no singular, mesmo que o sujeito composto esteja anteposto.

A) Quando os núcleos do sujeito são sinônimos ou quando pertencem a um mesmo plano de significação.

Exemplo:

– *Medo e temor nos* **acompanha** *sempre*.

(A concordância no plural também é aceitável.)

B) Quando há uma gradação sequencial dos núcleos do sujeito.

Exemplo:

– *Uma brisa, um vento, o maior furacão não os* **inquietava**.

(A concordância no plural também é aceitável.)

C) Quando os núcleos vierem resumidos por *tudo, nada, alguém, ninguém, cada um*.

Exemplo:

– **Carro** *e* **bicicleta** *não atrapalham o tráfego.*

(Nesse caso, a concordância no plural não é aceitável.)

D) Sujeito formado por verbos no infinitivo: o verbo fica no singular (salvo se os infinitivos estiverem determinados ou se forem antônimos).

Exemplos:

– **Escrever e ler** **é** *a base do bom conhecimento da língua.*

– **O escrever** *e* **o ler** **são** *a base do bom conhecimento da língua.*

Sujeito composto posposto

O verbo vai para o plural.

Exemplo:

– *De tudo, só* **restaram** *a* **casa velha** *e o* **curral abandonado**.

ou

Concorda com o núcleo mais próximo.

– *De tudo, só* **restara** **a casa velha** *e o curral abandonado.*

Sujeito composto de pessoas diferentes

O verbo vai para o plural na pessoa gramatical de menor número. Assim, quando ocorrer

1ª e 2ª – o verbo fica na 1ª pessoa do plural.

Exemplo:

– *Tu e eu* ***somos*** *parecidos.*

2ª e 3ª – o verbo fica na 2ª pessoa do plural.

Exemplo:

– *Tu e ele* ***sois*** *parecidos.*

1ª e 3ª – o verbo fica na 1ª pessoa do plural.

Exemplo:

– *Eles e eu* ***somos*** *parecidos*.

TOME NOTA!

No português brasileiro, quando o sujeito é constituído pelo pronome "tu" mais um elemento de terceira pessoa, o verbo pode ir tanto para a segunda pessoa do plural quanto para a terceira. Isso se deve ao pouco uso da segunda pessoa em grande parte do território nacional.

CONCORDÂNCIA LÓGICA, ATRATIVA E IDEOLÓGICA

Observe as frases a seguir:

Na verdade, existem três modos de se efetuar a concordância verbal. Conforme visto anteriormente, deve-se, logicamente, concordar o verbo com o núcleo do sujeito. É isso o que ocorre na primeira frase. A esse tipo de concordância chamamos **concordância lógica**.

Na segunda e na terceira frases, temos uma pequena ambiguidade. Pode-se, num primeiro momento, imaginar que a forma verbal "voavam" concorda com o substantivo "aves". Como a palavra "aves" vem depois de uma preposição, ela não pode ser o núcleo do sujeito da frase em questão. Por isso mesmo, pode-se dizer que, neste caso específico, está acontecendo uma **concordância atrativa**, ou seja, o verbo está concordando com o substantivo mais próximo.

Outra possibilidade de se compreender a frase é a seguinte: o verbo "voavam" concorda com a ideia de plural contida na palavra "bando". Se o verbo concorda com a ideia, temos uma **concordância ideológica**, também chamada de silepse.

A silepse, aceita há pouco tempo pela Gramática Normativa, é um tipo de concordância figurada, na qual se privilegiam as relações semânticas, ideológicas de uma sentença. Apresenta-se em três modalidades.

Silepse de gênero

Exemplos:

– *Vossa Senhoria está muito* ***enganado****.*

– *Seu marido é* **um banana**.

Silepse de número

Exemplos:

– *A maioria dos homens* ***ficaram resfriados****.*

– *Um grande grupo de alunos* ***estão empenhados*** *nesse trabalho.*

Silepse de pessoa

Exemplos:

– *Os mineiros* ***somos*** *inteligentes.*

– *Os três já* ***íamos*** *saindo.*

CASOS ESPECIAIS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

No quadro a seguir, apresentam-se os mais importantes casos especiais de concordância verbal. As regras apresentadas têm, muitas vezes, valor relativo, portanto, a escolha desta ou daquela concordância depende, frequentemente, do contexto, da situação e da predisposição do falante.

Alguns casos de concordância verbal		
Caso	**Concordância**	**Exemplo**
Cada um(a)	Verbo no singular	**Cada uma** das pessoas **comentou** o assunto.
A maior parte de, uma porção de + nome no plural	Verbo no singular ou no plural	*A maior parte das pessoas* **colaborou / colaboraram**.
Nome coletivo + adjunto no plural	Verbo no singular ou no plural	*Um bando de ladrões* **invadiu / invadiram** *a loja.*
Um dos que	Verbo no singular ou no plural	*Meu professor foi um dos que* **colaborou / colaboraram**.
Assim como, tanto...quanto, com	Verbo no singular ou no plural	*Tanto a criança quanto o adulto* **merece / merecem** *um espaço para o lazer.*
Um e outro, nem um nem outro	Verbo no singular ou no plural	*Nem um nem outro* **quis / quiseram** *comentar o assunto.*
Mais de, menos de, perto de + numeral	Verbo concorda com o numeral	*Mais de* **um** *aluno* **saiu** *da sala.* *Menos de* **10** *alunos* **saíram** *da sala.*
Cerca de + numeral	Verbo concorda com o numeral	*Cerca de* **dez** *alunos* **faltaram**.
Sujeito expresso em porcentagem	Verbo concorda com o número	**32% roubam**. **1% é** *honesto.*
Sujeito em forma de porcentagem, seguido de expressão com sentido	Verbo, preferencialmente, concorda com a expressão	*25% do* **grupo** *se* **machucou**. *25% das* **pessoas** *se* **machucaram**.
Porcentagem antecedida de palavra ou expressão determinante	Verbo concorda com o número e com o determinante	**Aqueles 87%** *do Congresso* **defendem** *a si próprios.*
Verbos *dar, bater, soar*, na indicação de horas	O verbo concorda com o número de horas	**Deu uma** *hora.* **Deram duas** *horas.* *sujeito* *sujeito*
Quais de nós, muitos de nós (os dois pronomes no plural)	Verbo concorda com o primeiro ou com o segundo pronome	*Quais de nós* **diriam / diríamos** *semelhante asneira?*
Qual de nós, nenhum de vós (1º pronome no singular)	Verbo concorda com o primeiro pronome	**Qual** *de nós* **reconhecerá** *o erro?*
Pronome relativo **que** como sujeito	O verbo concorda com o antecedente	*Não fui* **eu** *que* **comprei** *o livro.*
Pronome relativo **quem** como sujeito	O verbo concorda com o antecedente ou fica na terceira pessoa do singular	*Não fui eu quem* **comprei / comprou** *o livro.*
Sujeito: pronomes de tratamento	Verbo na terceira pessoa do singular ou plural	*Vossa Excelência* **se enganou**. *Vossas Excelências* **se enganaram**.
"Ou" com sentido de *um ou outro* (exclusão)	Verbo no singular	*José ou Francisco* **ficará** *na loja.*
"Ou" com sentido de retificação de número	O verbo concorda com o núcleo mais próximo	*O artista ou* **os artistas devem** *aguardar o terceiro sinal.*
"Ou" com sentido de adição	O verbo fica no plural	*Matemática ou Física* **exigem** *um raciocínio bem formado.*
Nomes próprios no plural	O verbo concorda com o artigo	**Os** *Andes* **ficam** *na América do Sul.* *Santos localiza-se no litoral paulista.*
VTD + SE	Verbo concorda com o sujeito	**Aluga-se** carro. – (carro = sujeito) **Alugam-se** carros. – (carros = sujeito)
VTI + SE e VI + SE	Verbo na terceira pessoa do singular	**Precisou**-*se de bons argumentos.*
Verbos impessoais (exceto *ser* na indicação de dias e horas)	Verbo na terceira pessoa do singular	**Há** *anos não o vejo.* *Ainda* **há** *pessoas na sala.*
Sujeito oracional	Verbo na terceira pessoa do singular	*Não* **adianta** *chorar.*

TOME NOTA!

- Também fica invariável na 3ª pessoa do singular o verbo que forma locução com os verbos impessoais *haver* ou *fazer*.
  - **Deverá** *haver cinco anos que ocorreu o incêndio.*
  - **Vai** *haver grandes festas.*
- O verbo *chover*, no sentido figurado (= cair ou sobrevir em grande quantidade), deixa de ser impessoal e, portanto, concordará com o sujeito.
  - **Choviam** *elogios a meu trabalho*.
  - **Têm chovido** *comentários e palpites a respeito destas mudanças.*

VERBO SER

A) Quando sujeito e predicativo não se referem a pessoa e pertencem a números diferentes, concorda, preferencialmente, com o que está no plural.

Exemplo:

– *Tua vida* **são essas ilusões**.

B) Quando um dos dois se refere a pessoa, a concordância se faz com a pessoa.

Exemplo:

– *Seu orgulho* **eram os velhinhos**.

C) Concorda com o pronome pessoal, seja este sujeito ou predicativo.

Exemplos:

– *O professor* **sou eu**.

– **Eu sou** *o professor.*

D) Quando o sujeito é representado por uma expressão de sentido coletivo ou partitivo, concorda com o predicativo.

Exemplos:

– *Eu sabia que o mais* **eram lorotas**. (suj.: *mais*)

– *O resto* **foram reclamações** *sem fim*. (suj.: *O resto*)

– *A maioria* **foram espetáculos** *sem graça*. (suj.: *A maioria*)

E) Quando o sujeito é *isto, isso, aquilo, tudo* ou *o* (= *aquilo*), concorda com o predicativo.

Exemplos:

– *O que espero* **são glórias**. (suj.: *O que espero*)

– *Isso* **são** *apenas* **intrigas**! (suj.: *Isso*)

F) Quando aparecem expressões indicativas de quantidade (*é muito*, *é pouco*, *é bastante*), fica invariável.

Exemplo:

– *Quinze quilos* **é** *pouco*.

G) Quando as frases são iniciadas pelos interrogativos *que* e *quem,* concorda com a palavra seguinte.

Exemplos:

– *Que* **são problemas**?

– *Quem* **somos nós**?

H) Quando indicar dias e horas, deve concordar com o numeral, ainda que, nesse caso, seja classificado como verbo impessoal, constituindo orações sem sujeito.

Exemplos:

– **São três** *horas.* (predicativo)

– **É primeiro** *de janeiro.* (predicativo)

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa **INCORRETA**.

A) Dois cruzeiros é pouco para esse fim.

B) Nem tudo são sempre tristezas.

C) Quem fez isso foram vocês.

D) Era muito árdua a tarefa que os mantinham juntos.

E) Quais de vós ainda tendes paciência?

02. (UFRGS) Soube que mais de dez alunos se __________ a participar dos jogos que tu e ele ____________.

A) negou – organizou
B) negou – organizasteis
C) negaram – organizaste
D) negou – organizaram
E) negaram – organizastes

03. (EPCAR-MG) **NÃO** está correta a frase:

A) Vai fazer cinco anos que ele se diplomou.
B) Rogo a Vossa Excelência vos digneis aceitar o meu convite.
C) Há muitos anos deveriam existir ali várias árvores.
D) Na mocidade tudo são flores.
E) Deve haver muitos jovens nesta casa.

04. (FUVEST-SP) ______ dez horas que se ______ iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se _____ quais seriam os candidatos vitoriosos.

A) Fazia, haviam, previsse
B) Faziam, haviam, prevesse
C) Fazia, havia, previsse
D) Faziam, havia, previssem
E) Fazia, haviam, prevessem

05. (UFPR) Enumere (verbo posposto):

(1) cantamos (2) cantais (3) cantam

( ) Ele e ela ___________
( ) Eu e tu ____________
( ) Ele e eu ___________
( ) Eu e ela ___________
( ) Tu e ele ____________

A) 3 – 1 – 1 – 1 – 2
B) 3 – 2 – 1 – 1 – 2
C) 1 – 2 – 3 – 1 – 2
D) 3 – 3 – 3 – 1 – 2
E) 3 – 1 – 1 – 1 – 3

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(PUC Minas)

Erros prejudicam candidatos

Que português o candidato a uma das vagas da Fuvest deve utilizar nas provas? O "de verdade", ou o do manual da Fuvest?

Nas últimas décadas, o ensino no Brasil desceu a rampa, célere, e atingiu, glorioso, a mediocridade. Com o advento das Xuxas, Angélicas, Hebes, Paulos Coelhos, etc., ou seja, com o "fenômeno" da comunicação de massa, chegamos ao auge da valorização da frivolidade, da banalidade, da torpeza.

É claro que se inclui nessa ignorância o profundo desprezo pela língua. Afinal, para que serve a língua num país ignorante, que tem incrível fascínio pela tecnoburocracia?

O manual da Fuvest, sob o aspecto do idioma, é lamentável. Quem o escreveu? Quem o revisou? Vale como desculpa afirmar que químicos, biólogos, físicos não têm obrigação de saber português? E professores de português têm obrigação de saber português?

No manual do ano passado, havia uma pérola que julguei imbatível ("quizer"). No ano de 1997, há toda a espécie de barbaridade. Do mau uso do hífen (oxi-redução, salário-mínimo, pré-fixadas, lábio-palatais, que não se escrevem com hífen – o certo é oxirredução, salário mínimo, prefixadas e labiopalatais –, e cana-de-açúcar e bicho-papão, que aparecem sem hífen) ao descaso com a concordância ("mostra-se as configurações" – o certo é **mostram-se**, equivalente a **são mostradas**), há exemplos ruins para todos os gostos.

A regência verbal é contemplada com um pífio "implica em". Qualquer bom aluno sabe que "implicar" é transitivo direto. Até a minha querida Mooca é premiada, ao receber o esdrúxulo acento no segundo "o", que os que desconhecem a língua gostam de colocar. [...]

A pérola mais valiosa, infelizmente, ficou para a turma de português. Sim, de português. Nem Paulo Coelho faria pior. Na página 54, no programa de português, a Fuvest diz que "... o texto elaborado pelo candidato se adequa ao tema proposto...".

Tive a preocupação de consultar todas as gramáticas e dicionários possíveis. Todos são categóricos. "Adequar" é defectivo; no presente do indicativo, só se conjuga nas formas arrizotônicas (adequamos, adequais). Não existe "adequa".

A Fuvest embarcou na onda dos tecnoburocratas, executivos, maus jornalistas, técnicos de futebol, cronistas esportivos, que inventam os grotescos "a nível de", "de encontro a" (para indicar idéia favorável – "Voto nele porque suas idéias vêm de encontro às minhas"), "patamar", "colocar" (no lugar de "dizer", "opinar"), "onde" (no lugar de praticamente tudo), "correr atrás do prejuízo" (do "genial" Galvão Bueno) "de que" ("Queremos deixar claro de que nossa posição é..."), etc.

[...]

CIPRO NETO, Pasquale. Erros prejudicam candidatos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 set. 1996.

01. Indique a alternativa que **NÃO** esteja adequada à opinião do professor Pasquale.

A) A língua só existe na sua manifestação culta.

B) Verdadeiro é somente o português que aparece descrito em gramáticas e dicionários.

C) Não se pode esperar de biólogos, físicos e químicos o conhecimento do português.

D) Há erros linguísticos mais graves do que outros.

E) A mídia colabora para a ignorância das pessoas com relação ao idioma.

02. Todas as passagens transcritas a seguir são exemplos da ironia do autor, **EXCETO**

A) "O manual da Fuvest, sob o aspecto do idioma, é lamentável."

B) "E professores de português têm obrigação de saber português?"

C) "[...] do 'genial' Galvão Bueno."

D) "[...] e atingiu, glorioso, a mediocridade."

E) "[...] com o 'fenômeno' da comunicação de massa."

Instrução: Leia o trecho a seguir, em que o linguista Luiz Percival Leme Britto comenta uma passagem do programa *Nossa Língua Portuguesa*, da TV Cultura, idealizado e apresentado pelo professor de gramática Pasquale Cipro Neto. As questões **03** e **04** dizem respeito a esse trecho.

Em uma edição de seu programa, Pasquale Cipro Neto expõe a gramática do verbo *adequar*. Após o apresentador perguntar ao telespectador se sabe conjugar o verbo *adequar* no presente do indicativo, o programa põe no ar uma repórter de rua perguntando aos passantes como se diz *adequar* na primeira pessoa do presente. A maioria dos entrevistados sugerem a forma *adéquo*, enquanto outros dizem *adecuo*. Alguns poucos entrevistados mostram-se inseguros quanto à forma mais "adequada", mas nenhum aventa a possibilidade de não existir uma forma para o verbo em questão. [...]

De volta a tela, o gramático, em tom professoral, informa que todos estão mesmo errados, porque *adequar* é verbo defectivo, só se conjugando, no presente do indicativo, na primeira e segunda pessoa do plural. Ensina Cipro Neto que "o português não oferece tais formas", sendo que a solução para um caso desses é substituir *adequar* por outro verbo, por exemplo, *adaptar*, este sim completo, ou então "calar a boca, não dizer absolutamente nada".

Não há, contudo, nenhuma razão objetiva para a restrição de uso ao verbo *adequar*. Contrariamente ao que preconiza a gramática escolar, as formas de uma determinada variedade lingüística são efetivamente o resultado da ação dos falantes sobre ela, a partir de sua gramática internalizada. No caso em questão, o que a avaliação dos falantes entrevistados sugere é que o verbo deve conjugar-se normalmente, segundo o padrão flexional em que se enquadra.

Ao afirmar "a língua não oferece tais formas", o apresentador evidencia sua visão estática de língua, já que supõe que as formas estejam acabadas e que o falante não atua sobre elas. A fala do gramático escuda-se exclusivamente em uma certa tradição de uso e em um julgamento estético subjetivo, exemplificando bem o que quer dizer a "codificação e fixação do chamado uso idiomático" defendida pelos gramáticos tradicionais.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *A sombra do caos*: ensino de língua x tradição gramatical. Campinas: Mercado de Letras, 1997. p. 189-190.

03. Todas as passagens a seguir, retiradas do texto "Erros prejudicam candidatos", demonstram que o professor Pasquale contraria a visão de língua subjacente ao comentário de Britto transcrito, **EXCETO**

A) "O 'de verdade', ou o do manual da Fuvest?"

B) "Não existe 'adequa'."

C) "[...] que os que desconhecem a língua gostam de colocar."

D) "[...] que inventam os grotescos."

E) "Nas últimas décadas, o ensino no Brasil desceu a rampa."

04. Assinale a alternativa que **NÃO** se ajusta às ideias de Britto.

A) Uma língua é sempre o resultado da sedimentação dos usos linguísticos da comunidade de falantes.

B) A língua é um sistema inacabado e, por isso, mutável.

C) Os gramáticos devem fundamentar suas opiniões nos bons autores e não em julgamentos estéticos subjetivos.

D) Os gramáticos tradicionais não têm compromisso com os fatos linguísticos.

E) As normas linguísticas não se limitam às regras das gramáticas tradicionais.

05. (FAVIP–2010) A concordância verbo-nominal representa, em português, uma exigência da adequação do texto aos contextos formais da comunicação. Nesse sentido, identifique a alternativa em que essa concordância foi inteiramente respeitada.

A) Nenhuma das comunidades da Amazônia desconhecem os riscos da escassez de água no Planeta.

B) O problema da escassez de recursos hídricos poderá ser resolvido, caso os países mais populosos estejam atentos à sua correta distribuição.

C) Sobre o consumo mundial da água doce, o resultado das pesquisas não são nada animadores.

D) Foi proposto, com a aprovação de todos os países, urgentes cuidados em relação ao consumo humano da água potável.

E) Mantido os atuais níveis de consumo, é de se esperar que, em 2050, dois quartos da humanidade sofra a falta de recursos hídricos de qualidade.

06. (UFC–2010) Assinale a alternativa que preenche **CORRETAMENTE** as lacunas das frases: *Mesmo que os egoístas ______ um acordo, o generoso não _______.*

A) Proporão / ia concordar

B) Propõem / iria concordar

C) Proporem / iria concordar

D) Proponham / irá concordar

E) Propusessem / irá concordar

07. (UFC-CE–2010) Assinale a alternativa cuja frase está **CORRETA** quanto à concordância verbal.

A) Qual de nós somos egoístas?

B) São eles que mais precisa dos outros.

C) Devem haver muitos egoístas no mundo.

D) Mais de um egoísta ludibriam as pessoas.

E) Grande número de solitários é individualista.

08. (UFTM–2010) A alternativa que reescreve o verso – *Senhor, se há bem que o céu conceda* –, de acordo com a norma padrão da língua escrita, é:

A) Senhor, caso haja bens concedidos pelo céu.

B) Senhor, se caso houverem bens que o céu concedam.

C) Senhor, se caso houvesse bens dado pelo céu.

D) Senhor, havendo bens que os céus me dê.

E) Senhor, caso hajam bens que o céu conceda.

09. Leia os trechos, transcritos da gramática de Cegalla, examinando, depois, os períodos que os seguem.

> **Um e outro, nem um nem outro**. O sujeito sendo uma dessas expressões, o verbo concorda, de preferência, no plural.
>
> Sendo o sujeito os pronomes interrogativos **quais**? **quantos**? Ou os indefinidos **alguns**, **muitos**, **poucos**, etc., seguidos dos pronomes **nós** ou **vós**, o verbo concordará com estes últimos, mas também pode flexionar-se na 3ª pessoa do plural.
>
> CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 22. ed. São Paulo: Nacional, 1981. p. 298-299.

I. Um e outro deram-nos muitas alegrias.

II. Nem um nem outro pediu ao juiz outra oportunidade.

III. Poucos de nós conhecem a verdade do fato.

IV. Quais de vós sabeis a resposta?

V. Alguns de nós ainda residimos na mesma cidade.

Considerando que a gramática de Cegalla pretende descrever as regras da norma culta escrita, pode-se afirmar que estão de acordo com a norma culta

A) todos os períodos.

B) apenas I e IV.

C) apenas II e III.

D) apenas I.

E) apenas V.

10. Leia a prescrição de Sacconi para a concordância com o número percentual e o número fracionário. Após isso, assinale a alternativa em desacordo com o autor.

> A concordância é normal. [...] No caso do número percentual, pode-se optar pela concordância irregular ou figurada, a bem da eufonia. [...] Esta concordância não é possível, contudo, quando o número percentual vem determinado.
>
> SACCONI, L. A. *Nossa gramática:* teoria e prática. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Atual, 1983. p. 308.

A) Apenas dois por cento dos entrevistados votaram pela manutenção do ditador no poder.

B) Um quarto do patrimônio do casal falecido ficará com os filhos; os outros três quartos da herança caberá aos ascendentes.

C) Aqueles vinte por cento da produção não serão mais exportados.

D) Quarenta por cento da mercadoria foi enviada para o endereço errado.

E) Quarenta por cento da mercadoria foram enviados para o endereço errado.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-1998)

Aí, galera

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo "estereotipação"? E, no entanto, por que não?

– Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

– Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.

– Como é?

– Aí, galera.

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

– Ahn?

– É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

– Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

– Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

– Pode.

– Uma saudação para a minha progenitora.

– Como é?

– Alô, mamãe!

– Estou vendo que você é um, um...

– Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?

– Estereoquê?

– Um chato?

– Isso.

Correio Braziliense, 13 mai. 1998.

O texto mostra uma situação em que a linguagem usada é inadequada ao contexto. Considerando as diferenças entre língua oral e língua escrita, assinale a opção que representa também uma inadequação da linguagem usada ao contexto.

A) "O carro bateu e capotô, mas num deu pra vê direito" – um pedestre que assistiu ao acidente comenta com o outro que vai passando.

B) "E aí, ô meu! Como vai essa força?" – um jovem que fala para um amigo.

C) "Só um instante, por favor. Eu gostaria de fazer uma observação" – alguém comenta em uma reunião de trabalho.

D) "Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa" – alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego.

E) "Porque se a gente não resolve as coisas como têm que ser, a gente corre o risco de termos, num futuro próximo, muito pouca comida nos lares brasileiros" – um professor universitário em um congresso internacional.

02. O verbo "haver" é impessoal , ou seja, não possui sujeito com o qual estabelece concordância, quando indica tempo decorrido e quando é equivalente a existir, ocorrer e acontecer.

A frase em que o verbo "haver" é impessoal e está empregado segundo a norma padrão é:

A) Ele há de nos entender, acredite.

B) Sempre haviam os que criticavam as decisões tomadas por nossa equipe.

C) Havia meses que não nos encontrávamos, Teresa.

D) Haviam derramado, por acidente, todo o conteúdo do frasco.

E) Haverão explicações convincentes para tal atitude?

GABARITO

Fixação

01. D
02. E
03. B
04. A
05. A

Propostos

01. A
02. A
03. E
04. C
05. B
06. D
07. E
08. A
09. A
10. E

Seção Enem

01. E
02. C

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 11 FRENTE C

Regência verbal

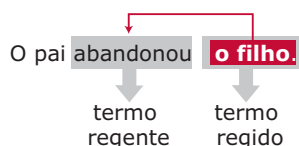
Existem certas palavras na língua as quais exigem um termo que lhes complemente o sentido. Sabemos que a relação entre essas palavras e seus complementos pode ser direta – como ocorre com os verbos transitivos diretos – ou se dar por meio de uma preposição – como ocorre com os transitivos indiretos. Da mesma forma, há orações cujo sentido só se completa na relação que se estabelece entre elas e outra oração que lhes é subordinada.

Em sentido amplo, a sintaxe de regência se ocupa da descrição e da análise de todos os processos utilizados na língua para indicar a subordinação de um termo ao outro, nas orações, e de uma oração à outra, nos períodos.

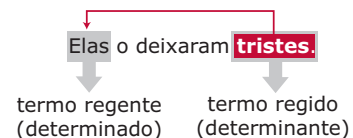
À palavra ou à oração subordinada dá-se o nome de **termo regido**; ao termo ou à oração que exige um complemento dá-se o nome de **termo regente**.

Há diversas marcas linguísticas de subordinação. Observe as descrições a seguir, bem como as relações entre termos regentes e termos regidos.

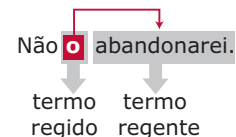
A ordem dos elementos no enunciado

Em nossa língua, a ordem aparece frequentemente combinada a outros fatores linguísticos (a concordância, por exemplo), mas, em certas construções, ela pode tornar-se a única marca indicadora das relações entre as palavras.

Observe que, se houvesse uma alteração na ordem ("O filho abandonou o pai"), outro seria o relacionamento entre as palavras.

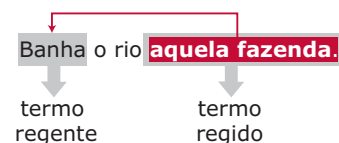
A concordância

De acordo com as regras de concordância, o vocábulo regido ou determinante deve flexionar-se de modo a adequar-se a certas categorias gramaticais do termo regente ou determinado. Caso o termo seja um verbo, deve flexionar-se no mesmo número e pessoa do sujeito da oração; caso se trate de uma palavra de natureza adjetiva, deve flexionar-se no mesmo gênero e número do termo que ela determina.

Na frase "Elas o deixaram triste", já não relacionaríamos o adjetivo com o sujeito, mas com o objeto.

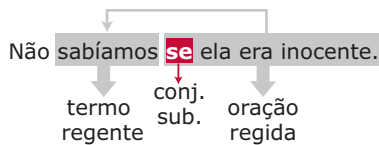
A forma assumida pelos pronomes pessoais

Conforme estudamos anteriormente, os pronomes pessoais retos, oblíquos átonos e oblíquos tônicos desempenham funções sintáticas específicas em um enunciado.

Pronome "o" ☐ forma oblíqua átona, específica da função de objeto direto, complemento de um verbo transitivo direto.

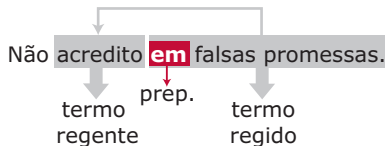
O sentido lógico da frase

Muitas vezes, as relações de subordinação em uma frase são inferidas pelo falante a partir do sentido lógico.

Nessa frase, sabemos que "o rio" é o sujeito e que "aquela fazenda" é complemento da forma verbal "banha" devido à relação lógica que se estabelece entre eles.

As conjunções subordinativas

Tanto as conjunções subordinativas integrantes quanto as subordinativas adverbiais ligam duas orações, subordinando uma à outra.

Nessa frase, a presença da conjunção subordinativa integrante "se" introduz uma oração – "se ela era inocente" – que funciona como objeto direto de outra – "Não sabíamos".

As preposições

As preposições estabelecem conexões, na maioria dos casos, entre termos que compõem uma oração.

Nessa frase, a preposição "em" evidencia que o termo "falsas promessas" é complemento da forma verbal "acredito".

DIVISÃO

Divide-se a regência em verbal ou nominal conforme se trate do regime dos verbos ou dos nomes (substantivos, adjetivos, advérbios ou equivalentes).

Exemplos:

Regência verbal

Termos regentes		Termos regidos
Ascender ⟹	à	⟹ condição
Crer ⟹	em	⟹ Deus
Anuir ⟹	às	⟹ críticas
Assistir ⟹	ao	⟹ espetáculo

Regência nominal

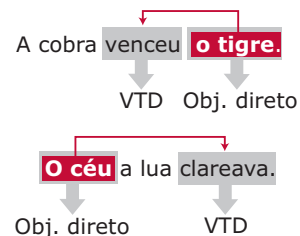
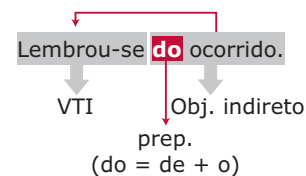
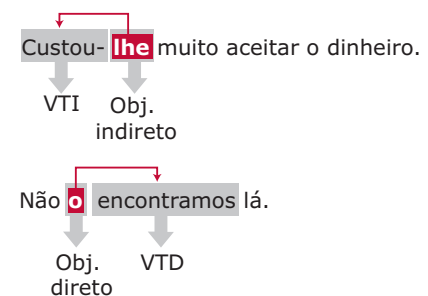
Termos regentes		Termos regidos
Adequado ⟹	para / a	⟹ todos
Afável ⟹	com / para com	⟹ todos
Relativamente ⟹	ao	⟹ assunto
Louco ⟹	por	⟹ você

ASPECTOS GERAIS DA REGÊNCIA VERBAL

Quanto à predicação, os verbos nocionais ou significativos classificam-se como

- intransitivos
- transitivos

A ligação do verbo transitivo com seu complemento, isto é, a relação de regência, pode ser marcada

A) pela **ordem** e pelo **sentido**, no caso do **objeto direto**, complemento que **dispensa a preposição**.

B) pelas **preposições**, conectivos que introduzem o **objeto indireto** exigido pelos verbos **transitivos indiretos**.

C) pela forma assumida pelos pronomes pessoais oblíquos. **O (os), a (as)** servem como complemento para verbos transitivos diretos, enquanto **lhe (lhes)** ou **pronomes oblíquos tônicos precedidos de preposição** servem de complemento para os verbos **transitivos indiretos**.

TOME NOTA!

Há muitos casos de regência verbal que apresentam divergências entre a linguagem coloquial e a norma culta.

Linguagem coloquial	Linguagem culta
Não assistimos o jogo.	Não assistimos ao jogo.
Ontem fui no cinema.	Ontem fui ao cinema.
Ele não lhe ajudou?	Ele não a ajudou?

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

Agradar

A) No sentido de *acarinhar*, pede objeto direto.
- *A avó passava o dia agradando* ***os netinhos****.*

B) No sentido de *ser agradável*, pede objeto indireto com preposição **a**.
- *O aumento dos preços nunca agrada* ***ao povo****.*

Alertar

A) O objeto direto deverá sempre se referir **à pessoa**.
- *Alertei-***o** *do perigo.* (**Nunca**: alertei-lhe o perigo)

Aspirar

A) É transitivo indireto apenas quando significa *desejar*, *almejar*.
- *Aspiro* **à chefia** *desta empresa.*

B) Quando significar *sorver, respirar,* é transitivo direto.
- *Aspiramos* **este ar poluído de São Paulo***.*

Assistir

A) No sentido de *presenciar*, *ser espectador*, pede objeto indireto com preposição **a**.
- *Assistia* **a tudo** *em silêncio.*

B) No sentido de *prestar auxílio*, *ajudar*, pede objeto direto.
- *O médico assiste* **o doente***.*

C) No sentido de *caber direito* ou *razão*, pede objeto indireto com preposição **a**.
- *Este é um direito que assiste* **ao dono da casa***.*

D) No sentido de *morar*, é regido pela preposição **em** (verbo intransitivo).
- *Assistiu, durante muito tempo,* **em Ouro Preto***.*

Atender

A) No sentido de *deferir*, pede objeto direto.
- *O Secretário de Educação atendeu* **o seu pedido***, porque o processo foi protocolado em tempo hábil.*

B) Nos demais sentidos, geralmente pede objeto indireto com preposição **a** (com pessoas, é indiferente o uso do objeto).
- *Atendeu prontamente* **ao telefone***.*
- *Atendiam* **aos convidados** *com muita cordialidade.*

Chamar

A) No sentido de *invocar*, é transitivo indireto (preposição **por**).
- *Chamava* **por Deus** *nos momentos difíceis.*

B) No sentido de *convocar*, pede objeto direto.
- *Chamei-***o** *para colaborar conosco.*

C) No sentido de *dar nome*, *qualificar*, pede objeto direto ou objeto indireto.
- *Chamava-***a** *meu amor.*
- *Chamava-***lhe** *meu amor.*
- *Chamava-***a** *de meu amor.*
- *Chamava-***lhe** *de meu amor.*

Chegar, ir e voltar (= tornar a ir)

Os verbos **chegar** e **ir** (bem como *dirigir-se a, dar um pulo a, sair a, voltar a, trepar a, subir a, descer a*) são **verbos dinâmicos** (dão ideia de movimento). Esses verbos exigem preposição **a** ou (no caso dos dois últimos verbos) a preposição **para**. Portanto, frases como "Fui no médico" e "Cheguei na igreja atrasada" constituem desvios da norma padrão.
- Voltou para sua pátria.
- Voltarei à França em breve.
- Chegaremos tarde à festa.

Custar

A) No sentido de *ter determinado preço ou valor* é transitivo direto.
- *A pulseira custou* ***10 mil reais.***

B) No sentido de *ser difícil*, pede objeto indireto (preposição **a**).

(verbo *custar* sempre na 3ª pessoa do singular + sujeito oracional)
- *Custa-****me*** *falar sobre esse assunto.* (**me** = a mim)
- *Custa* ***a ele*** *falar sobre esse assunto.*

C) No sentido de *exigir, acarretar*, pede objeto direto e objeto indireto (preposição **a**).
- *Essa atitude custará* ***ao país*** <u>*anos de sacrifícios.*</u>

D) No sentido de *levar tempo,* é intransitivo.
- *Custou, mas casou.*

Esquecer e lembrar

Para certificar-se da regência desses verbos, analise em que sentido estão sendo usados.

Esquecer – deixar de lembrar

É transitivo indireto quando pronominal.
- *Esqueci onde estava.*
- *Esqueci-me* **de onde estava***.*

Esquecer – fugir à lembrança (é desusado)

É transitivo indireto.
- *Esqueceu-me* <u>*falar-lhe sobre os eventos de ontem*</u>*.*
  Sujeito
- *Esqueceram-me* <u>*essas coisas ruins*</u>.
  Sujeito

Lembrar – deixar de esquecer

Tal como "esquecer", é transitivo indireto quando pronominal.

– *Lembrei tudo que tinha feito.*
– *Lembrei-me* **de fazer a lição de casa hoje.**

Lembrar – vir à memória (desusado)

É transitivo indireto.

– *Hoje, diante da lareira, lembraram-me fatos antigos.*
Sujeito

Implicar

A) No sentido de *trazer como resultado*, pede objeto direto.

– *Essa medida implicará* **a majoração de impostos**.

B) No sentido de *antipatizar*, pede objeto indireto (preposição **com**).

– *Ela sempre implica* **com a sogra**.

Informar, avisar, comunicar, notificar, certificar

São verbos transitivos diretos e indiretos. Deve-se tomar cuidado para não colocar dois objetos da mesma espécie, pois um deles deverá ser regido por preposição.

– *Informei* **aos jornais** tudo *que eu sabia.*

ou

– *Informei* os jornais **de tudo que eu sabia**.
– *Avisei* **à classe** *que haveria prova.*

ou

– *Avisei* a classe **de que hoje haveria prova.**

Levantar e deitar

Os verbos *levantar* e *deitar* devem ser utilizados com pronome em construções como estas:

– *Levantei-me tarde.*
– *Levantamo-nos bem cedo e fomos à fazenda.*
– *Deitei-me tarde.*
– *Deitamo-nos bem cedo para descansarmos bem.*

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se e estar situado

Por serem verbos de quietação, estáticos, pedem preposição **em**.

– *Moro* **na capital**.
– *Resido* **na Rua dos Andradas**.
– *O prédio está situado* **em área próxima ao centro**.

Namorar

É transitivo direto, logo, exige objeto direto.

– *Ele namorava* **a prima**.

Obedecer e desobedecer

São verbos transitivos indiretos e exigem a preposição **a**.

– *Obedeço* **ao regulamento do condomínio.**
– *Fui multado por desobedecer* **ao regulamento do condomínio.**

Pagar e perdoar

É verbo transitivo direto e indireto. O objeto indireto é sempre uma pessoa, um órgão ou uma instituição.

– *Paguei* **à prefeitura o imposto predial.**
– *Perdoei*-**lhe a distração.**

Preferir

É verbo transitivo direto e indireto e exige a preposição **a**, embora sejam comuns frases como "prefiro uma coisa mais do que outra".

– *Prefiro viajar* **a** *ficar sozinho nesta cidade.*

Pisar

O verbo pisar é transitivo direto. De acordo com a norma padrão, portanto, são equivocadas frases como "Não pise na grama".

Proceder

A) No sentido de *conduzir-se, comportar-se*, é intransitivo, seguido de adjunto adverbial de modo.

– *Ele não procedeu bem.*

B) No sentido de *ter fundamento*, é intransitivo.

– *Tal argumento não procede.*

C) No sentido de *realizar*, pede objeto indireto com preposição **a**.

– *Ele procedeu* **ao exame da substância.**

D) No sentido de *provir*, *originar-se* é transitivo direto e indireto e pede a preposição **de**.

– *Os imigrantes procediam* **da Europa Oriental.**

Querer

De acordo com a norma padrão, o verbo *querer* é transitivo indireto no sentido de *querer bem*, *gostar*.

– *Despede-se a sobrinha que muito* **lhe** *quer.*
– *Eu* **lhe** *quero tanto que seria capaz de dar a própria vida.*
– *Eu quero um doce!*

Responder

A) No sentido de *dar respostas*, pede

- objeto indireto com preposição **a** em relação à pergunta (respondeu a quê ou a quem?).
  – *Respondeu* **a todas as questões da prova.**
  – *Respondeu* **a ele** *imediatamente.*
- objeto direto para expressar o conteúdo da resposta (respondeu o quê?).
  – *Ela apenas respondeu* **isso**.
  – *Respondeu* **que não gostava de brincadeiras.**

B) No sentido de *ficar responsável*, pede objeto indireto com a preposição **por**.

– *Os infratores responderão* **por suas faltas.**

Simpatizar e antipatizar

São transitivos indiretos não pronominais e exigem a preposição **com**.

– *Simpatizo* **com Elisa***, mas sempre antipatizei* **com Hermenengarda.**

Usufruir e desfrutar

O verbo *desfrutar* e o verbo *usufruir* são transitivos diretos, não havendo, pois, motivo para se usar a preposição **de**.

– *Valsivaldo usufruía* **a herança do pai.**

– *Devemos desfrutar* **os momentos de lazer.**

Visar

A) No sentido de *pretender*, *ter por objetivo* é regido pela preposição **a**, exceto se tiver como objeto um verbo no infinitivo.

– *Viso* **à chefia de minha empresa.**

– *Viso* **ao cargo de chefia na minha empresa.**

– *Viso chefiar minha equipe na empresa.*

B) No sentido de *dar visto e mirar*, é transitivo direto.

– *Não consegui visar* **o cheque.**

– *Visou* **o pássaro***, atirou e acertou, infelizmente.*

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (PUC Minas) Leia o verbete transcrito do *Dicionário prático de regência verbal*, de Celso Pedro Luft (1987). A seguir, assinale a alternativa em desacordo com a descrição do dicionarista.

CERTIFICAR

1. TDI: certificá-lo de algo. TDpI: certificar-se de algo. Tornar(-se) certo, (fazer) adquirir a certeza de; convencer(-se); certifiquei-o / certificou-se de que suas condições seriam respeitadas. (OBS.[1]). "Venho certificá-lo da verdade do fato. Certifiquei-me da verdade do fato" (Nascentes). – OBS.[1] Como se sabe, na sequência de + que "conjunção integrante", a preposição é passível de elipse: "... bem posso / Certificar-te que este era o segundo" (Camões). "A fim de certificar-se que ninguém lhe espreitava tão insólita cortesia" (Camilo: Fernandes). Às vezes, como no ex. de Camões, fica a dúvida se não se trata da segunda construção (v. OBS.[2]).
2. TD(I): certificá-lo (a alguém); certificar (-lhe) algo (OBS.[2]). Afirmar, declarar a certeza de; atestar: Certificaram (-lhe) o ocorrido. Certifiquei-lhe que suas condições seriam respeitadas. "Osvaldo Cruz [...] certifica a presença da epidemia" (Rui: Freire) (cp. ... certifica-lhes a presença ...). – OBS.[2] Construção de origem, certificar alguém de algo: fazer (-ficar < *facere*) ou tornar alguém certo de algo. Depois terá influído o traço semântico "comunicar": comunicar a alguém a certeza de algo, que algo é certo > certificar-lhe algo. Assim, duas possibilidades: Certifiquei-o do ocorrido (sintaxe originária) ou Certifiquei-lhe o ocorrido (sintaxe evoluída). "Certifiquei-o de que estava errado. Certifico-lhe o erro" (Jucá). Certifiquei-lhe que estava errado. Em todo o caso, observe-se que, com a segunda construção, se ressalta a ideia de "comunicar, dizer".
3. TDI: certificá-lo de... Assegurar: Certificou-os da ajuda do governo.
4. TD: certificá-lo. Passar certidão de; atestar: Um médico deve certificar o óbito.

A) Certificamos, para os fins que se fizerem necessários, de que o interessado trabalha nesta empresa desde 12 de janeiro de 1994.

B) Antes de sair, certificou-se, mais uma vez, de que havia desligado o gás.

C) Certamente, vocês já se certificaram que o dinheiro da bolsa ainda não foi depositado.

D) Ainda hoje certificaremos aos funcionários o novo horário de funcionamento da empresa.

E) Ainda hoje certificaremos os funcionários do novo horário de funcionamento da empresa.

02. (PUC Minas / Adaptado) O verbo "assistir" é comumente usado com regência distinta daquela ensinada pelas gramáticas escolares.

Assinale a alternativa em que o verbo destacado também **NÃO** siga a regência padrão.

A) Quem **ama** o feio bonito lhe parece.

B) Se **desejas** ao mel, não temas as abelhas.

C) Boi velho **ensina** o novo a lavrar.

D) Quem entende o que fala, não **fala** do que não entende.

E) **Perdoa-se** o ódio, nunca o desprezo.

03. (FGV-SP) Escolha a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas das frases a seguir.

1. Por acaso, não é este o livro _______ o professor se refere?
2. As Olimpíadas _______ abertura assistimos foram as de Tóquio.
3. Herdei de meus pais os princípios morais _______ tanto luto.
4. É bom que você conheça antes as pessoas _______ vai trabalhar.
5. A prefeita construirá uma estrada do centro ao morro _______ será construída a igreja.
6. Ainda não foi localizada a arca _______ os piratas guardavam seus tesouros.

A) de que, cuja, para que, com os quais, sobre que, em que

B) que, de cuja, com que, para quem, no qual, que

C) em que, cuja, de que, para os quais, onde, na qual

D) a que, a cuja, em que, com que, que, em que

E) a que, a cuja, por que, com quem, sobre o qual, onde

04. (PUC-Campinas-SP) As sentenças seguintes, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que **NÃO** apresenta esses desvios.

A) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.

B) Eu me proponho a dar uma nova chance, se for o caso.

C) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido aos vencimentos serem irrisórios.

D) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.

E) A importância que eu preciso é vultosa.

05. (ITA-SP) Assinale a frase **CORRETA**.

A) Prefiro mais um asno que me leve que um cavalo que me derrube.

B) O cargo quê aspiras, se conquista, não se ganha.

C) Sua afirmação de agora redunda com que antes disse.

D) As do Nordeste são as frutas que mais gosto.

E) O bom do amigo carregou-o, como a uma criança.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(Milton Campos-MG–2007)

Instrução: Leia, com atenção, o texto a seguir, pois as questões de **01** a **10** referem-se a ele.

A inutilidade da infância

O pai orgulhoso e sólido olha para o filho saudável e imagina o futuro.

– Que é que você vai ser quando crescer?

Pergunta inevitável, necessária, previdente, que ninguém questiona.

– Ah! Quando eu crescer, acho que vou ser médico!

A profissão não importa muito, desde que ela pertença ao rol dos rótulos respeitáveis que um pai gostaria de ver colados ao nome do seu filho (e ao seu, obviamente)... Engenheiro, Diplomata, Advogado, Cientista...

Imagino um outro pai, diferente, que não pode fazer perguntas sobre o futuro. Pai para quem o filho não é uma entidade que "vai ser quando crescer", mas que simplesmente é, por enquanto... É que ele está muito doente, provavelmente não chegará a crescer e, por isso mesmo, não vai ser médico, nem mecânico e nem ascensorista.

Que é que seu pai lhe diz? Penso que o pai esquecido de todos "os futuros possíveis e gloriosos" e dolorosamente consciente da presença física, corporal, da criança, se aproxima dela com toda a ternura e lhe diz: "Se tudo correr bem, iremos ao jardim zoológico no próximo domingo..."

É, são duas maneiras de se pensar a vida de uma criança. São duas maneiras de se pensar aquilo que fazemos com uma criança.

Eu me lembro daquelas propagandas curtinhas que se fizeram na televisão, por ocasião do ano da criança deficiente, para provar que ainda havia alguma esperança, para dizer que havia crianças e adolescentes, cada um excepcional a seu modo, desde síndrome de Down até cegueira, e para mostrar aquilo que nós estávamos fazendo com elas: ensinando com muito amor, muita paciência. E tudo ia bem até que aparecia o ideólogo da educação dos excepcionais para explicar que, daquela forma, esperava-se que as crianças viessem a ser úteis socialmente... E fiquei a me perguntar se não havia uma pessoa sequer que dissesse coisa diferente, que poderiam aprender a pregar botões, sem fazer confusão... Será que é isto? Sou o que faço? Ali estavam crianças excepcionais, não-seres que virariam seres sociais e receberiam o reconhecimento público se, e somente se, fossem transformados em meios de produção. Não encontrei nem um só que dissesse: "Através desta coisa toda que estamos fazendo, esperamos que as crianças sejam felizes, deem muitas risadas, descubram que a vida é boa... Mesmo um excepcional pode ser feliz. Se uma borboleta, se um pardal e se uma ignorada rãzinha podem encontrar alegria na vida, por que não estas crianças, só porque nasceram um pouco diferentes...?"

Voltamos ao pai e ao seu filhinho leucêmico.

Que temos a lhes dizer?

Que tudo está perdido? Que o seu filho é um não-ser porque nunca chegará a ser útil, socialmente? E ele nos responderá: "Mas não pode ser... Sabe? Ele dá risadas. Adora o jardim zoológico. E está mesmo criando uns peixes, num aquário. Você não imagina a alegria que ele tem, quando nascem os filhotinhos. De noite nós nos sentamos e conversamos. Lemos estórias, vemos figuras de arte, ouvimos música, rezamos... Você acha que tudo isto é inútil? Que tudo isto não faz uma pessoa? Que uma criança não é, que ela só será depois que crescer, que ela só será depois de transformada em meio de produção?"

E eu me pergunto sobre a escola... Que crianças ela toma pelas mãos?

Claro, se a coisa importante é a utilidade social, temos de começar reconhecendo que a criança é inútil, um trambolho. Como se fosse uma pequena muda de repolho, bem pequena, que não serve nem para salada nem para ser recheada, mas que, se propriamente cuidada, acabará por se transformar num gordo e suculento repolho e, quem sabe, num saboroso chucrute? Então olharíamos para a criança não como quem olha para uma vida que é um fim em si mesma, que tem direito ao hoje pelo hoje... Ora, a muda de repolho não é um fim. É um meio. O agricultor ama, nas mudinhas de repolho, os caminhões de cabeças gordas que ali se encontram escondidas e prometidas. Ou, mais precisamente, os lucros que delas se obterão: utilidade social.

Reconheçamos: as crianças são inúteis...

Entre nós inutilidade é nome feio. Já houve tempo, entretanto, em que ela era a marca de uma virtude teologal. Duvidam? Invoco Santo Agostinho, mestre venerável que declara em *De Doctrina Christiana*: "Há coisas para serem usufruídas, e outras para serem usadas". E ele acrescenta: "Aquelas que são para serem usufruídas nos tornam bem-aventurados". Coisas que podem ser usadas são úteis: são meios para um fim exterior a elas. Mas as coisas que são usufruídas nunca são meio para nada. São fins em si mesmas. Elas nos dão prazer. São inúteis.

Uma sonata de Scarlatti é útil? E um poema? E um jogo de xadrez? Ou empinar papagaios?

Inúteis.

Ninguém fica mais rico.

Nenhuma dívida é paga.

Por que nos envolvemos nessas atividades, se lhes faltam a seriedade do pragmatismo responsável e os resultados práticos de toda atividade técnica? É que, muito embora não produzam nada, elas produzem o prazer.

O primeiro pai fazia ao filho a pergunta da utilidade: "Qual o nome do meio de produção em que você deseja ser transformado?" O segundo, impossibilitado de fazer tal pergunta, descobriu um filho que nunca descobriria, de outra forma: "Vamos brincar juntos, no domingo?"

E as nossas escolas? Para quê?

Conheço um mundo de artifícios de psicologia e de didática para tornar a aprendizagem mais eficiente. Aprendizagem mais eficiente: mais sucesso na transformação do corpo infantil brincante no corpo adulto produtor. Mas, para saber se vale a pena, seria necessário que comparássemos os risos das crianças com o sono dos adultos. Diz a psicanálise que o projeto inconsciente do ego, o impulso que vai empurrando a gente pela vida afora, esta infelicidade e insatisfação indefinível que nos fazem lutar para ver se, depois, num momento do futuro, a gente volta a rir... sim, diz a psicanálise que este projeto inconsciente é a recuperação de uma experiência infantil de prazer. Redescobrir a vida como brinquedo. Já imaginaram no que isto implicaria? É difícil. Afinal de contas as escolas são instituições dedicadas à destruição das crianças. Algumas, de forma brutal. Outras, de forma delicada. Mas, em todas elas, se encontra o moto:

"A criança que brinca é nada mais que um meio para o adulto que produz".

ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*: o fim dos vestibulares. São Paulo: Ars Poética, 1995. (Adaptação).

01. O título do texto

A) antecipa uma leitura literal das ideias expostas por Rubem Alves.

B) sugere a veracidade das inferências do autor, considerando-se a mensagem textual.

C) promove uma interação entre o pensamento do autor e o do mundo real.

D) apresenta um tom irônico e uma amargura nas entrelinhas, se contextualizado.

02. São sentimentos sugeridos nas reflexões do autor, **EXCETO**

A) a inquietude.

B) o assombro.

C) a conivência.

D) a perplexidade.

03. Ao se referir às "propagandas curtinhas que se fizeram na televisão, por ocasião do ano da criança deficiente [...]", o autor critica, **EXCETO**

A) as incoerências do progresso tecnológico, levando-se em conta os paradoxos inerentes ao mesmo.

B) a apologia dos valores da engrenagem escolar, tendo-se em vista o seu desrespeito à individualidade da criança.

C) as marcas dos preceitos socialmente consolidados, levando-se em conta a função do indivíduo no mundo real.

D) a despersonalização a que a criança está submetida, tendo-se em vista o foco do olhar social.

04. No desenvolvimento de seu raciocínio, o autor só **NÃO**

A) baseia suas deduções em dados estatísticos, objetivando a ruptura das ideologias massificantes.

B) cita argumentos de autoridades, visando à credibilidade das ideias do texto.

C) levanta objeções, objetivando o fortalecimento de seu ponto de vista.

D) introduz conjeturas, visando ao questionamento de ideologias preestabelecidas.

05. O vocábulo entre parênteses **NÃO** identifica o procedimento usado pelo autor no seguinte fragmento:

A) "[...] se não havia uma pessoa sequer que dissesse coisa diferente, que aprendessem a pregar botões, sem fazer confusão [...]" (CRÍTICA)

B) "'Se uma borboleta, se um pardal e se uma ignorada rãzinha podem encontrar alegria na vida, por que não estas crianças, só porque nasceram um pouco diferentes [...]?'" (UTOPIA)

C) "Conheço um mundo de artifícios de psicologia e de didática para formar a aprendizagem mais eficiente. Aprendizagem mais eficiente: mais sucesso na transformação do corpo infantil brincante no corpo adulto produtor." (IRONIA)

D) "Como se fosse uma pequena muda de repolho, bem pequena, que não serve nem para salada nem para ser recheada [...]" (ANALOGIA)

06. Leia atentamente o fragmento: "Claro, se a coisa importante é a utilidade social, temos de começar reconhecendo que a criança é inútil, um trambolho".

Após análise detida do fragmento citado, pode-se concluir que a fala do autor, em verdade, cria, no texto, um efeito contrário, tendo-se em vista a abordagem da temática em sua totalidade.

A afirmação

A) contradiz a postura do autor.

B) restringe a postura do autor.

C) aplica-se à postura do autor.

D) extrapola a postura do autor.

07. Observa-se marca da linguagem coloquial em:

A) "– Que é que você vai ser quando crescer?"

B) "E eu me pergunto sobre a escola [...] Que crianças ela toma pelas mãos?"

C) "Já houve tempo, entretanto, em que ela era a marca de uma virtude teologal."

D) "Ali estavam crianças excepcionais, não-seres que virariam seres sociais [...]"

08. Considerando os padrões da língua escrita culta, constata-se o uso **INADEQUADO** da regência verbal em:

A) " [...] esperava-se que as crianças viessem a ser úteis socialmente [...]"

B) "'Se tudo correr bem, iremos ao jardim zoológico no próximo domingo [...]'"

C) "Já imaginaram no que isso implicaria?"

D) "Eu me lembro daquelas propagandas curtinhas [...]"

09. Sobre a estruturação do fragmento "Já houve tempo, entretanto em que ela era a marca de uma virtude teologal.", pode-se afirmar que

A) o termo "a marca" exerce a função de objeto direto.

B) o vocábulo "Já" funciona como um termo acessório.

C) o articulador "entretanto" estabelece, no período, uma ideia de concessão.

D) o termo "tempo" funciona como agente da ação verbal.

10. A expressão em destaque nos fragmentos **NÃO** foi substituída em conformidade com a norma culta escrita em:

A) "'[...] ouvimos **música**, rezamos [...]'" (ouvimo-la)

B) "'[...] que aprendessem a pregar **botões**, [...]'" (pregá-los)

C) "É, são duas maneiras de se pensar **a vida** [...]" (pensar-lhe)

D) "[...] elas produzem **o prazer**." (produzem-no)

11. (Milton Campos–2010) Considerando-se os padrões da língua culta escrita, a regência do verbo destacado no fragmento "[...] ele nunca **chegaria** ao campo [...]" foi usada **INCORRETAMENTE** em:

A) A comissão chegou a Minas ontem.

B) Chegara mais cedo em casa naquele dia.

C) O enfermo chegou na ambulância ao hospital.

D) Todos chegaram no momento exato.

12. (Unemat-MT–2010) Só é possível dar o mesmo complemento a dois ou mais verbos se eles tiverem regência idêntica, como em "O policial perseguiu e prendeu o assaltante."

Com base nesse princípio, assinale a construção **CORRETA**.

A) Minha avó sempre gostou e cozinhou carne de jacaré.

B) Num mesmo dia Paulo conheceu e jantou com o presidente.

C) Esta empresa quer e precisa de bons funcionários para ampliar sua produção.

D) O operário recusou e reclamou da comida servida em marmitas

E) O Sr. Jorge produz e vende na feira frutas e verduras.

SEÇÃO ENEM

01. Leia os trechos a seguir, retirados de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.

"[...] As oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo."

(JESUS, 2000, p. 33)

"[...] Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O unico perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga."

(JESUS, 2000, p. 42)

Como se percebe, a obra de Carolina Maria de Jesus foi escrita em linguagem coloquial e contém muitos desvios gramaticais. Assinale, entre os trechos a seguir, aquele que está de acordo com a norma culta.

A) As oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre.

B) Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim.

C) E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

D) Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo...

E) Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho.

02. A regência verbal é um estudo que trata das relações entre o verbo e seus complementos, no que se refere à necessidade ou não desses complementos e, em caso afirmativo, ao tipo de complemento exigido.

A regência do verbo está adequada às regras da Gramática Normativa em:

A) Muitas vezes, as atitudes dos déspotas implicam em sofrimento para a população.

B) Jurei naquele momento que jamais perdoaria o meu irmão.

C) Sempre preferimos mais a dor do que o amor.

D) Por que sempre esqueço da data do seu aniversário?

E) Os apóstolos, com cuja doutrina concordo, serviram de iluminação a minha vida.

GABARITO

Fixação

01. A 02. B 03. E 04. B 05. E

Propostos

01. D	04. A	07. D	10. C
02. C	05. B	08. C	11. B
03. A	06. C	09. B	12. E

Seção Enem

01. D 02. E

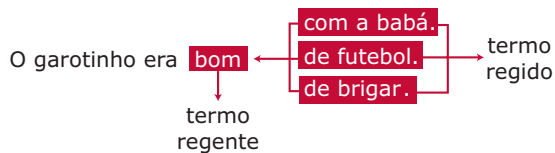
LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 12 FRENTE C

Regência nominal e crase

Anteriormente, conhecemos as formas de regência de alguns verbos e vimos que, em alguns casos, o uso de diferentes preposições acarreta mudança no sentido dos verbos. Como foi mencionado, essa não é a única classe de palavra a que é possível subordinar outro termo por meio de um conectivo. Neste módulo, vamos nos ocupar do estudo da regência de alguns nomes. Vamos, também, conhecer as regras de uso do sinal indicador de crase que, ao contrário do que muitos costumam pensar, não segue uma regra de acentuação, e sim de regência.

De modo análogo ao que ocorre com verbos transitivos, há certos nomes na língua que admitem complemento e, em alguns casos, o exigem. Uma sentença como "ele estava aliado", fora de um contexto específico de diálogo, não pode ser totalmente compreendida. O adjetivo "aliado", nessa frase, necessita de um nome que o complemente, que lhe especifique o sentido.

Observe o exemplo:

É muito comum que certos substantivos e adjetivos manifestem-se acompanhados de diferentes preposições, devido às infinitas situações de fala possíveis e à necessidade de expressar-se com clareza. A utilização de uma ou de outra preposição deve, também, atender à eufonia da frase, bem como estar adequada à intenção comunicativa do falante.

Conheça as principais regências de alguns nomes:

01. **Amor** – a, de, por, pelo
- *Tenho* **amor ao** *estudo*.
- *Incuti-lhe* **amor do** *estado*.
- *Meu* **amor por** *você é muito grande*.

02. **Ansioso** – de, por, para
- *Olhos* **ansiosos de** *novas paisagens*.
- *Estava* **ansioso por** *vê-la*.
- *Estou* **ansioso para** *ler esta apostila*.

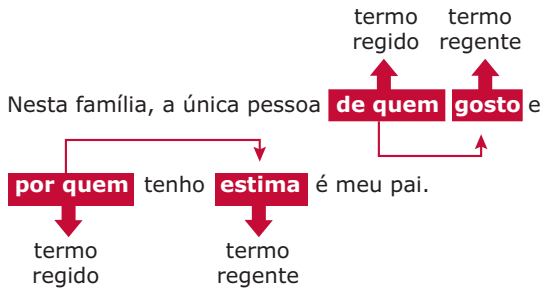
03. **Bom** – para, em, a, de
- *Ele é* **bom para** *mim*.
- *Sou* **bom em** *todas as matérias*.
- *Isto não é* **bom a** *você*.
- *Esta água é* **boa de** *beber*.

04. **Gosto** – de, em, para, pela, a
- *Tenho* **gosto de** *vê-lo.*
  em *alimentá-lo*.
  para *cozinha*.
  pela *música*.
  aos *perigos.*

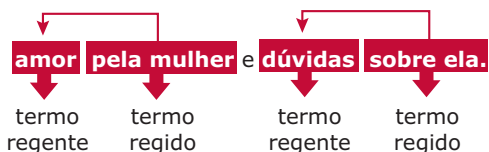
05. **Afável** – com, para com
06. **Aflito** – com, por
07. **Alheio** – a, de
08. **Aliado** – a, com
09. **Antipatia** – a, contra, por
10. **Conforme** – a, com
11. **Constituído** – com, de, por
12. **Contente** – com, de, em, por
13. **Cruel** – com, para, para com
14. **Curioso** – de, por
15. **Desgostoso** – com, de
16. **Desprezo** – a, de, por
17. **Devoção** – a, para com, por
18. **Devoto** – a, de
19. **Dúvida** – acerca de, de, em, sobre
20. **Empenho** – de, em, por
21. **Fácil** – a, de, para
22. **Falho** – de, em
23. **Feliz** – com, de, em, por
24. **Apto** – a, para
25. **Atencioso** – com, para com
26. **Aversão** – a, para, por
27. **Avesso** – a
28. **Compaixão** – de, para com, por
29. **Fértil** – de, em
30. **Hostil** – a, para com
31. **Imune** – a, de
32. **Junto** – a, de
33. **Lento** – em
34. **Peculiar** – a
35. **Respeito** – a, com, de, para com, por
36. **Simpatia** – a, para com, por
37. **Situado** – a, entre, em
38. **Suspeito** – a, de
39. **Último** – a, de, em
40. **União** – a, de, em
41. **Vizinho** – a, com, de
42. **Sujeito** – a, de

TERMO REGIDO POR DOIS NOMES E / OU VERBOS

Quando um mesmo termo é regido por dois nomes e / ou verbos que exigem preposições distintas, não se deve subordiná-lo simultaneamente aos dois.

Observe os exemplos a seguir:

Não seria adequado, segundo a norma padrão, usar, por exemplo, "Nesta família, a única pessoa de quem gosto e tenho estima é meu pai" ou "Nesta família, a única pessoa por quem tenho estima e gosto é meu pai", uma vez que o verbo gostar requer um complemento regido pela preposição de, e o nome estima, complemento regido pela preposição por.

Seriam inadequadas as construções "Realizei e gostei muito da tarefa" ou "Gostei muito e realizei a tarefa", visto que o verbo **realizar** é transitivo direto e seu complemento, portanto, não é preposicionado; **gostar**, por sua vez, pede como complemento um objeto indireto regido pela preposição **de**.

Ele parece ter, ao mesmo tempo,

Como o nome **amor** rege as preposições **a**, **de**, **por**, e **dúvida**, a locução prepositiva **acerca de**, além das preposições **de**, **em**, **sobre**, "Ele parece ter, ao mesmo tempo, amor e dúvidas sobre a mulher" ou "Ele parece ter, ao mesmo tempo, dúvidas e amor pela mulher" seriam construções inadequadas de acordo com a Gramática.

CRASE

Crase é o nome que se dá à fusão, à contração de dois **aa** (uma **preposição** + um **artigo**). O sinal indicador dessa fusão é o acento grave (`).

Assim, é possível depreender uma regra geral:

O acento indicador de crase geralmente ocorre diante de palavras femininas determinadas pelo artigo definido **a** / **as** e subordinadas a termos que exigem a preposição **a**.

Casos em que ocorre crase

1º caso

Haverá crase se for possível a subistituição de a / as por ao / aos, diante de palavra masculina.

Exemplos:

- *Entregou os relatórios **à** secretária.*
- *Entregou os relatórios **ao** secretário.*
- *Deram várias orientações **às** crianças.*
- *Deram várias orientações **aos** meninos.*

2º caso

Haverá crase no **a** / **as** que ocorrer antes de um pronome relativo **que** quando, ao substituirmos o antecedente feminino por um masculino, surgir, antes do **que**, **ao** / **aos**.

Exemplos:

A <u>notícia</u> era semelhante **à** que fora mencionada.
↓
antecedente

O <u>caso</u> era semelhante ao que fora mencionado.
↓
antecedente

3º caso

Haverá crase quando for possível a substituição, sem prejuízo de sentido, dos pronomes demonstrativos **aquele**, **aquelas**, **aqueles** ou **aquelas** por **ao** / **aos**.

Exemplos:

- *Não forneça informações **àqueles** funcionários.*
- *Não forneça informações **aos** funcionários.*

4º caso

Haverá crase antes de topônimos quando, ao substituirmos o verbo original da frase por **voltar** ou **vir**, aparecer a contração da preposição **de** + **a** = **da**.

Exemplos:

- *Fui **à** Bahia no último verão.*
- *Voltei **da** Bahia.*

Se, ao se proceder à substituição do verbo da frase, aparecer somente a preposição **de**, o **a** que antecede o topônimo não receberá acento indicador de crase.

Exemplos:

- *Irei **a** Ouro Preto nas próximas férias.*
- *Vim direto **de** Ouro Preto.*

Se, entretanto, o nome da cidade vier com um especificativo, o **a** receberá acento indicador de crase.

Exemplos:

- *Assim que cheguei **à** histórica Ouro Preto, fiquei maravilhado.*
- *Voltei **da** histórica Ouro Preto.*

5º caso

Sempre ocorrerá crase nas locuções adverbiais femininas de tempo, lugar e modo.

Exemplos:

– *Ele chegou* **à** *noite.*

– *A menina entrou no cinema* **às** *escondidas.*

TOME NOTA!

- Não ocorre crase antes de locuções adverbiais femininas que indicam instrumento.
  – *Fez a prova* **a** *caneta.*
  – *Preencheu o formulário* **a** *tinta.*
  Observação: Não há consenso entre os gramáticos quanto a essa norma. Contudo, optou-se por adotá-la neste material.
- Diante da locução adverbial "a distância", só ocorrerá crase se tal expressão vier determinada.
  – *Manteve-se* **a** *distância do local do acidente.*
  – *Manteve-se* **à** *distância* **de 100 metros** *do local do acidente.*

6º caso

Sempre ocorrerá crase nas locuções prepositivas quando formadas com palavras femininas (**à** + palavra feminina + **de**).

Exemplos:

– *Ficamos* **à** *espera* **de** *ajuda.*

– *Todos estavam* **à** *procura* **de** *novas informações sobre o caso.*

7º caso

Sempre ocorrerá crase nas locuções conjuntivas quando formadas com palavras femininas (**à** + palavra feminina + **que**).

Exemplos:

– *O tempo esfria* **à** *medida* **que** *escurece.*

– **À** *proporção* **que** *os convidados saíam, o lugar tornava-se mais triste.*

8º caso

Sempre ocorrerá crase nas expressões **à moda de**, **à maneira de**, ainda que essas expressões estejam elípticas.

Exemplos:

– *Usava cabelos* **à maneira de** *Djavan.*

– *Jogava* **à** *Ronaldinho Gaúcho.*

Casos em que não ocorre crase

De acordo com a regra geral, não ocorre crase diante de palavras que não aceitam os artigos femininos **a** ou **as** como determinantes. Assim, não se usa crase

A) diante de palavras masculinas.
– *Ele foi a* **pé** *para casa.*

B) diante de verbos.
– *Convenceu-me a* **voltar** *mais cedo para casa.*

C) diante de artigos indefinidos.
– *Solicitou a* **uma** *atendente que cancelasse seu cartão.*

D) diante de pronomes pessoais.
– *Pediu a* **ela** *que estivesse atenta a qualquer indício de confusão.*

E) diante dos pronomes *essa(s), esta(s), quem* e *cuja(s)*.
– *Estarei atenta a* **essa** *solicitação.*

F) com **a** no singular + palavra no plural.
– *Ele fez referência* **a pessoas** *que poderiam estar envolvidas no crime.*

G) entre palavras repetidas.
– *Foi de* **cidade** *a* **cidade**, *procurando por um hotel barato.*

Casos em que a crase é facultativa

A) Antes de pronomes possessivos femininos.
– *Pediu ajuda* **a (à)** *sua melhor amiga.*

Caso ocorra a elipse do substantivo, o **a** será acentuado.
– *Eu fui à festa de aniversário dele, mas ele não compareceu à minha.*

B) Antes de nomes de mulher.
– *Mandamos um convite do nosso casamento* **à (a)** *Márcia.*

Segundo a norma padrão, sobretudo quando se faz referência a mulheres célebres, não se usa artigo e, portanto, não se acentua o **a**.
– *Durante a aula, o professor se referiu diversas vezes a Joana D'arc.*

C) Depois da preposição **até**.
– *Fui até a (à) Praça do Papa andando.*

Casos especiais de crase

A) Diante da palavra *casa*.

Se tal palavra for usada no sentido de *lar, domicílio* e não vier especificada por adjetivo ou locução adjetiva, não ocorre crase.
– *Chegamos tarde a casa.*

Se a palavra *casa* vier, no entanto, acompanhada de especificativo, ocorrerá a crase.
– *Chegamos tarde à casa* **de shows**.

B) Diante da palavra *terra*.

Se tal palavra vier sem especificativo, não ocorrerá a crase.
– *Os jangadeiros voltaram a terra.*

Se a palavra vier acompanhada de especificativo, ocorrerá a crase.
– *Ele voltou à terra* **de seus pais**.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UFPA–2006)

Fanatismo, fanatismos

Fanático por caipirinha. Fanático por samba. Fanático por viagens. Há fanáticos para tudo. Ou melhor, há fanáticos e fanáticos. O problema é que, por ser empregada tão à vontade (aliás, como tantas outras), a palavra "fanatismo" banalizou-se, perdendo em força e conteúdo. Entretanto, parece óbvio que um "fanático por novela" é algo bem diferente (e bem menos perigoso) que um "nazista fanático".

Fanático é um termo cunhado no século XVIII para denominar pessoas que seriam partidárias extremistas, exaltadas e acríticas de uma causa religiosa ou política. O grande perigo do fanático consiste exatamente na certeza absoluta e incontestável que ele tem a respeito de suas verdades. Detentor de uma verdade supostamente revelada especialmente para ele pelo seu deus (portanto não uma verdade qualquer, mas A Verdade), o fanático não tem como aceitar discussões ou questionamentos racionais com relação àquilo que apresenta como sendo seu conhecimento: a origem divina **de**[1] suas certezas não permite que argumentos apresentados por simples mortais se contraponham a elas: afinal, como colocar, lado a lado, dogmas divinos e argumentos humanos?

Pode-se argumentar que as palavras **de**[2] Hitler ou as de Mao mobilizaram fanáticos tão convictos como os religiosos e não tinham origem divina. Ora, de certa forma, eles eram cultuados como deuses e suas palavras não podiam ser objeto **de**[3] contestação, do mesmo modo que ocorre com qualquer conhecimento **de**[4] origem dogmática. É condição do fanático a irracionalidade. Veja-se o que aconteceu com o povo alemão, por exemplo. Acreditar que o mais imbecil dos "arianos puros" pudesse ser superior a Einstein, como pregava a cartilha hitlerista, não decorre **de**[5] uma apreensão racional da realidade, mas de uma verdade revelada pela propaganda nazista. Aceitar e agir como se grandes cientistas e intelectuais, só pelo fato de terem origem judaica, pudessem pertencer a uma suposta raça inferior não é, decididamente, uma abordagem racional e sim uma verdade revelada, da mesma categoria, portanto, das verdades religiosas. Um dogma da fé.

[...]

O assunto é preocupante. Qualquer pessoa de bom senso sabe que o fanatismo já provocou muito estrago. É mais que hora de ser identificado, compreendido, combatido. Para tanto, é preciso saber reconhecê-lo em suas diversas manifestações. Saber até onde foi para ter uma ideia de até onde poderá ir, se não for detido.

Ou ter o seu conceito definitivamente transformado, num mundo menos louco. Que tal fanático por livros? Ou fanático por chocolate? E, que Mozart nos perdoe, fanático por Beethoven?

PINSKY, Carla; PINSKY, Jaime. In: DISCINI, Norma. *Comunicação nos textos*. 2005.

O único trecho em que a preposição **de** não estabelece uma relação de regência nominal é:

A) "[...] a origem divina **de** suas certezas não permite que [...]" (ref. 1)
B) "Pode-se argumentar que as palavras **de** Hitler ou as de Mao [...]" (ref. 2)
C) "[...] e suas palavras não podiam ser objeto **de** contestação, [...]" (ref. 3)
D) "[...] do mesmo modo que ocorre com qualquer conhecimento **de** origem dogmática [...]" (ref. 4)
E) "[...] não decorre **de** uma apreensão racional da realidade, [...]" (ref. 5)

02. (FGV-SP) Escolha a alternativa que preencha **CORRETAMENTE** as lacunas a seguir.

1. Nunca vi um acidente igual _________.
2. Sempre vou ___________ loja para comprar roupas.
3. ___________ hora, eu estava viajando para o Rio de Janeiro.
4. Na audiência, diga a verdade, mas limite-se ________ que lhe perguntarem.
5. Quero uma moto igual ___________ que estava ___________ venda na exposição.

A) àquele, àquela, àquela, àquilo, à, à
B) aquele, aquela, aquela, aquilo, a, a
C) àquele, aquela, àquela, àquilo, a, à
D) aquele, àquela, aquela, àquilo, à, a
E) aquele, àquela, àquela, aquilo, a, à

03. (FJP-MG–2007) "[...] como saberei se ela é adequada **à** situação do outro [...]"?

É **CORRETO** afirmar que o acento colocado sobre a palavra assinalada nessa frase

A) identifica um pronome oblíquo feminino.
B) indica um monossílabo tônico.
C) representa a junção de dois sons iguais.
D) sinaliza um artigo definido feminino.

04. (Mackenzie-SP) Assinale a alternativa que apresenta um desvio no domínio da regência.

A) Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
B) Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
C) Bernardo moera com alegria um punhado de milho no salão contíguo à cozinha.
D) Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-lhe entre os perseguidores.
E) Com o espírito ambicioso de verdades, aplacou a ira daquele momento.

05. (PUC RS)

Vamos admitir que o estudante se encontre diante da "página em branco", de lápis e papel em punho, a esperar que as ideias lhe jorrem da mente com ímpeto proporcional à sua ansiedade. É um momento de transe ________ estão sujeitos todos os que ainda não adquiriram o desembaraço natural advindo da prática diuturna de escrever (transe e aflição traduzidos em mordiscar a ponta do lápis). O assunto sobre o qual se propõe a escrever é vago, não depende de pesquisa, mas apenas da experiência e das vivências. E agora?

Vejamos como resolver isso, mediante a sábia lição do Professor Júlio Nogueira: "O assunto é um desses temas abstratos, que nos parecem áridos, avaros de ideias: a amizade, por exemplo".

Que dizer sobre a amizade? Como encher tantas linhas, formando períodos sobre períodos, se as ideias nos escapam, se a imaginação está inerte, se nada encontramos no cérebro que nos pareça digno de ser expresso de forma agradável e, sobretudo, correta? Antes de tudo, se nosso estado de espírito é de perplexidade, se nos domina essa preocupação pungente, esse desânimo de chegar a um resultado satisfatório, o que devemos fazer é não começar a tarefa imediatamente. Em vez de lançar a esmo algumas frases inexpressivas no papel, devemos refletir, devemos nos concentrar. Uma quarta parte do tempo __________ dispomos deve ser destinada a metodizar o assunto, a dividi-lo nos pontos que comporta.

GARCIA, Othon. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 340. (Adaptação).

As palavras que completam **CORRETAMENTE** as lacunas do texto, na ordem em que se encontram, são

A) em que / de que.
B) a que / de que.
C) ao qual / o qual.
D) no qual / do qual.
E) a que / que.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(Unimontes-MG)

Instrução: Leia o texto I a seguir para responder às questões de **01** a **06**.

Texto I

O Otimismo e a Esperança

Hoje não há razões para otimismo. Hoje só é possível ter esperança. Esperança é o oposto de otimismo. Otimismo é quando, sendo primavera do lado de fora, nasce a primavera do lado de dentro. Esperança é quando, sendo seca absoluta do lado de fora, continuam as fontes a borbulhar dentro do coração. Camus sabia o que era esperança. Suas palavras: e no meio do inverno eu descobri um verão invencível... Otimismo é alegria por causa de: coisa humana, natural. Esperança é alegria a despeito de: coisa divina. O otimismo tem suas raízes no tempo. A esperança tem suas raízes na eternidade. O otimismo se alimenta de grandes coisas. Sem elas, ele morre. A esperança se alimenta de pequenas coisas. Nas pequenas coisas ela floresce. Basta-lhe um morango à beira do abismo. Hoje, é tudo o que temos ao nos aproximarmos do século XXI: morangos à beira do abismo, alegria sem razões. A possibilidade da esperança...

ALVES, Rubem. *Revista Nova Escola*, 06 set. 2003.

01. Podemos observar a função metalinguística em todas estas passagens do texto, **EXCETO**

A) "Esperança é o oposto de otimismo."
B) "Hoje só é possível ter esperança."
C) "A esperança se alimenta de pequenas coisas."
D) "Otimismo é quando [...] nasce a primavera do lado de dentro."

02. Está **INCORRETA** a seguinte afirmação a respeito desse texto:

A) A fala do escritor Camus, citada no texto, tem a função de tornar mais convincentes os argumentos do autor.
B) A esperança depende de fatores positivos, externos ao homem, presentes no ambiente.
C) Os sentimentos do autor são positivos, apesar do tom negativo presente no enunciado que abre o texto.
D) A imagem "[...] morangos à beira do abismo" representa a esperança frente às adversidades.

03. No texto, o autor opõe otimismo a esperança; por isso, esses termos ganham uma dimensão

A) metafórica.
B) hiperbólica.
C) antitética.
D) metonímica.

04. Observe o uso do verbo **haver** na frase:

"Hoje não há razões para otimismo."

Das construções seguintes, assinale aquela em que o verbo "haver" foi empregado na mesma acepção (= sentido) em que foi usado no exemplo anterior.

A) Havia fontes a borbulhar no coração.
B) Haveria de descobrir a beleza das pequenas coisas.
C) Houve-se muito bem o rapaz na singular situação em que se meteu.
D) O autor houve por bem suprimir um trecho de sua crônica.

05. A locução prepositiva usada em "Esperança é alegria **a despeito de** [...]" equivale, em sentido, a

A) a respeito de.
B) em torno de.
C) apesar de.
D) graças a.

06. A ideia expressa na oração subordinada adverbial reduzida "Sendo seca absoluta do lado de fora" é de

A) tempo.
B) conformidade.
C) causa.
D) concessão.

Instrução: Leia o texto II para resolver as questões **07** e **08**.

Texto II

"Gracias a la Vida" e a Vocês

Se quem escreve o faz para um outro, o outro está sempre presente quando escrevemos. Trata-se, pois, de um exercício solitário na aparência, mas que nos põe em contato virtual com todos os possíveis leitores. Quando apagamos, quando corrigimos, nós o fazemos para o severo leitor, eu ou você.

No meio deste mundo aparentemente superpovoado, aumenta sempre o número dos que se ressentem do anonimato, da solidão, da falta de tempo para si. É contra isso tudo que cada vez mais escrevemos na luta que travamos contra essa existência e esse isolamento que a multidão nos impõe. Quanto mais nossa existência ocorre na solidão de minúsculas ilhas desertas, imaginárias, mais escrevemos para manter a comunicação com os outros.

Nas celas solitárias dos mais severos presídios, encontramos recados raspados a unha. Náufragos hasteiam bandeiras. Grandes homens e mulheres perscrutam suas especificidades e escrevem autobiografias.

Quando o "engenho e arte" de cada um não dá conta, paga-se para que alguém escreva.

Nas livrarias, estantes de biografias ocupam cada vez mais espaço. Proliferam cursos de redação. Quanto menos dizem que lemos, mais livros são publicados. Nas feiras de livros, vagamos por quilômetros de livros expostos.

Cada livro é uma porta aberta, uma janela escancarada por onde alguém fala ao mundo – que pode ser uma pessoa, um grupo, uma tribo, uma nação – e, se muito talento houver, talvez fale a todo mundo e a todo o futuro. Deixar escrito é uma esperança lançada na direção da imortalidade. Os que escrevem e são escolhidos entram na academia, não é? Os acadêmicos tornam-se imortais. Dizem.

Nas mitologias ocidentais, depois da morte, o destino das almas não é a solidão, é o céu, o inferno, o purgatório, o limbo em torno do padre eterno. Juntos, em boa companhia, entramos em alguma eternidade.

Disse do mundo ocidental porque é aí que parece estar arraigada essa mania de escrever, assim como o medo do isolamento, da morte e do vazio do grande silêncio interior. Escrever aparece como grande ponte para se esquivar dessas formas aversivas de sentir.

Parece que não basta o amor e o respeito ao próximo. Eles precisam ser expressos na prática. Escrever é dizer o sentimento. É um fazer que pode ser percebido. Nos agrupamentos humanos onde predominam contatos diretos face a face, pode-se dispensar a escrita, pois se pratica a comunicação contínua. Onde os contatos face a face rareiam, onde o isolamento começa a machucar, a escrita é o ato de aproximar, é o grito.

MAUTNER, Anna Verônica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 04 set. 2003.

07. Sobre a concordância do verbo **bastar**, no singular, em "Parece que não basta o amor e o respeito ao próximo", está **CORRETO** o seguinte comentário, tomando-se como referência a norma culta da língua:

A) Como está precedendo os núcleos do sujeito, o verbo pode concordar apenas com o núcleo mais próximo.
B) A única concordância possível é no plural, por ser composto o sujeito da oração em que se encontra esse verbo.
C) O verbo não tem de concordar com **amor** e **respeito**, que são núcleos do objeto direto.
D) A oração que tem como núcleo do predicado o verbo **bastar** é uma oração sem sujeito.

08. Dispensa-se o sinal indicativo de crase em "encontramos recados raspados a unha", embora se trate de locução adverbial formada por palavra feminina. Verifica-se o mesmo caso, na alternativa:

A) Escrever é pôr **a mostra** ideias e sentimentos.
B) Escrevia **as pressas**, no anseio de comunicar-se.
C) Considerava-se um escritor **a moda** antiga.
D) Algumas crônicas eram escritas **a mão**.

09. (UFAM–2010) Assinale a opção em que há **ERRO** no emprego do **a** acentuado:

A) Sem nenhum desrespeito às religiões, há quem compare a estrutura do desfile das escolas de samba à das procissões.
B) João Batista escreve sobre a violência urbana, em contos à Rubem Fonseca, autor que introduziu esse gênero no país.
C) Decepcionado, Milton viu que não retornaria jamais à Manaus de sua infância, cidade modificada pelo progresso.
D) Todos os torcedores se levantaram à uma, comemorando como desvairados o gol da seleção brasileira.
E) Como é elevado, o preço das mercadorias importadas só é acessível à pessoas abastadas.

10. (UEL–2010) Tomando como exemplo o trecho "Um exemplo disso é São Paulo, às sete da noite", em relação ao uso da crase em língua portuguesa, é correto afirmar:

I. Usa-se crase quando há contração da preposição "a" com artigo definido feminino "a".
II. Seu uso será facultativo na indicação de horas e nas locuções adverbiais femininas.
III. Não se usa crase antes de verbos e de pronomes relativos.
IV. Usa-se crase nas locuções formadas de elementos repetidos.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

A) Somente as afirmativas I e II são corretas.
B) Somente as afirmativas I e III são corretas.
C) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
D) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
E) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

(FASEH–2011)

Instrução: Texto para as questões **11** e **12**

A depressão pode ter um lado bom?

José Roberto Leite (psicólogo) – Tenho sérias dúvidas sobre isso, principalmente vendo o prejuízo que a depressão causa em meus pacientes. A única visão que eu poderia ter a respeito de algo útil na depressão seria que ela provoca um impacto de tamanha grandeza na vida do indivíduo que poderia motivá-lo a buscar recursos para, talvez, modificar aquele estado.

Duílio Antero de Camargo (psiquiatra) – É difícil ver o lado bom da depressão, especialmente para o paciente depressivo. O sofrimento psíquico no trabalho é muito grande. A depressão chega a ser a terceira causa de incapacidade no trabalho no Brasil. De lado positivo mesmo, só consigo ver que a depressão trouxe, para nossa legislação trabalhista, leis de proteção à saúde do trabalhador.

Geraldo Possendoro (psiquiatra) – Parece que os autores das teorias que dizem que a depressão tem um lado bom confundem depressão com tristeza. A tristeza tem a função de recolher o indivíduo, de fazer com que ele reflita, pense onde erraram com ele, onde errou com as pessoas. Tudo isso faz com que ele tente se adaptar melhor a uma situação futura semelhante. Qual é o limite entre a tristeza funcional e a depressão? Os americanos, em seu Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, falam em 15 dias. Se você tem a vida prejudicada por mais de 15 dias, já pode ser medicado. Não acredito que a maior parte dos clínicos use rigorosamente essa marca.

GALILEU, maio 2010. p. 50 (Adaptação).

11. "[...] **ela** provoca um impacto de tamanha grandeza na vida do indivíduo que poderia motivá-**lo** a buscar recursos [...]" (linhas 5-6) No texto, os pronomes sublinhados nessa frase referem-se, respectivamente, a

A) depressão / indivíduo.
B) depressão / impacto.
C) vida / indivíduo.
D) vida / impacto.

12. "[...] a depressão trouxe [...] leis de proteção **à saúde** do trabalhador." (linhas 13-14) Dos acentos colocados nas palavras sublinhadas nessa frase, é **INCORRETO** afirmar que

A) ambos sinalizam ocorrências de crase.
B) o primeiro sinaliza a ocorrência de uma crase.
C) o segundo denuncia a existência de um hiato.
D) o segundo denuncia uma sílaba tônica.

SEÇÃO ENEM

01. Assinale a alternativa em que o texto da placa está de acordo com a norma culta da língua portuguesa.

A)

Disponível em: <http://revisaoporfavor.blogspot.com/2008/02/crase.html>. Acesso em: 10 fev. 2011.

B)

Disponível em :<http://www2.manaus.am.gov.br/portal/miguel_arraes/pagina_noticias/img_noticias/image_mini9.>. Acesso em: 10 fev. 2011.

C)

CONSERTA - SE
MÁQUINA DE LAVAR ROUPAS, DE COSTURA, TANQUINHO, FORNO ELÉTRICO, MICROONDAS, BOMBA, LAVA JATO, LAVA LOUÇAS, ELETRODOMÉSTICOS EM GERAL
EXECUTAMOS ORÇAMENTO GRATUITO, EM SUA PRÓPRIA RESIDÊNCIA - PEGAMOS E ENTREGAMOS À DOMICÍLIO
Rua Emílio Servija Martins, 55 - Conj. 31 de Março - SJCampos
TEL.: 3931.6651

Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/inic/inic/06/INIC0000503ok.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2011.

D)

Disponível em: <http://www.iesb.br/grad/jornalismo/na_pratica/noticias_detalhes.asp?id_artigo=6486>. Acesso em: 10 fev. 2011.

E)

Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Carros/foto/0,,20418337-EX,00.jpg>. Acesso em: 10 fev. 2011.

02.

Proibir caminhões é bom para São Paulo?

Resposta I

Sim. A Prefeitura acertou ao proibir caminhões em vias como a Marginal e a Bandeirantes. É inadmissível que grandes caminhões ainda precisem entrar nas regiões centrais para realizar as entregas. A logística das empresas precisa ser bem pensada e organizada, para que a carga chegue a um armazém nas rodovias e depois seja levada até a cidade em veículos menores. O trânsito pesado e a poluição crescente agradecem.

Resposta II

Não. A Prefeitura esquece que nem todos os caminhões seguem para os portos do litoral. Muitos deles são responsáveis pelo abastecimento da cidade. O setor concorda que as entregas nas regiões centrais precisam ser feitas por veículos de tamanho menor, mas a Marginal e a Bandeirantes, que estão entre as vias interditadas a caminhões, concentram algumas indústrias pesadas. E a carga que as abastece é de grande peso e volume. Problemas mais complexos não podem ser imputados apenas a um tipo de veículo e seu tráfego.

O ESTADO DE S.PAULO. Disponível em: <www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100729/not_imp587517,0.php>. Acesso em: 10 fev. 2011.

Considerando o título do texto, infere-se que

A) a troca do verbo proibir por um substantivo resultaria, de acordo com a norma padrão, na seguinte redação do título: "A proibição de caminhões é bom para São Paulo?".

B) a correção gramatical seria preservada caso a redação fosse "Proibir caminhões é bom para São Paulo, por quê?".

C) a palavra para pode ser substituída, de acordo com a norma padrão, pelo artigo feminino "à", marcado pelo sinal indicativo de crase.

D) a presença de uma vírgula após "proibir caminhões" é facultativa, de acordo com a norma padrão.

E) o fato de o título ser uma interrogação conduz o leitor a um posicionamento negativo em relação à pergunta, portanto não é admissível em textos jornalísticos.

GABARITO

Fixação

01. E
02. A
03. C
04. D
05. B

Propostos

01. B
02. B
03. C
04. A
05. C
06. D
07. A
08. D
09. E
10. B
11. A
12. A

Seção Enem

01. B
02. B